

Faculdade de Letras

FACETAS HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS DA COMPANHIA DE JESUS DE MACAU A PORTUGAL

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3ºCiclo do Ensino Básico e Ensino Secundário
Título	FACETAS HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS DA COMPANHIA DE JESUS – DE MACAU A PORTUGAL
Autor/a	Bruno Alexandre Sampaio Lobo
Orientador/a	Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Júri	Presidente: Doutor António Campar de Almeida Vogais: 1. Doutor Fernando Taveira da Fonseca 2. Doutora Fátima Velez de Castro 3. Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário
Área científica	História
Data da defesa	20-10-2014
Classificação	17 valores



Agradecimentos

O trabalho que se apresenta só alcançou o seu termo graças ao apoio, comentários, críticas e considerações de muitos que para ele contribuíram.

Às orientadoras científicas as Professoras Doutoradas Adélia Nunes e Ana Isabel Sampaio Ribeiro um bem-haja por tudo.

Aos amigos e companheiros de muitas horas de trabalho, em particular o Nuno Oliveira, o Ricardo Vicente e o Joel Sabino que através das suas ideias, camaradagem e partilhas, imiscuídas por vezes com momentos de alguma descontração em muito auxiliaram o este trabalho, muito obrigado.

Uma palavra de particular apreço aos noviços e sacerdotes da Companhia de Jesus, concretamente os da comunidade de Coimbra, que sempre manifestaram interesse e preocupação, auxiliando com contactos, bibliografia, informações e a sua oração esta demanda.

Por último, e porque os últimos são sempre os primeiros, um público manifesto de gratidão e carinho à minha Mãe que em todos os momentos desta empreitada, os melhores e os piores, esteve ao meu lado, contribuindo com fé, esperança e sábios conselhos para o seu sucesso.

Resumo

O presente trabalho consiste no relatório de estágio pedagógico supervisionado, realizado no Colégio São Teotónio, em Coimbra, durante o ano lectivo 2013/2014. Em simultâneo apresenta os resultados das investigações científicas, fruto dos trabalhos realizados durante os seminários de Geografia e História, subordinadas ao tema “Facetas histórico-geográficas da Companhia de Jesus: De Macau a Portugal”, bem como a sua aplicação didáctica.

Ao incidir sobre a pedagogia inaciana ao longo dos séculos, distinguindo o exemplo de Macau, ao mesmo tempo que aborda o turismo religioso através da prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola pretende-se demonstrar que estes encontram-se no cerne da espiritualidade e vivência inacianas, conduzindo todas as suas dinâmicas.

Palavras-chave: Companhia de Jesus, Jesuítas, pedagogia, Exercícios Espirituais, estágio pedagógico, Macau, turismo religioso.

Abstract

This work consists of supervised teaching practice report, held at Colégio São Teotónio in Coimbra, during the academic year 2013/2014. Simultaneously presents the results of scientific research, the fruit of the work during the seminars of Geography and History on the theme "Historical-geographical facets of the Society of Jesus: From Macau to Portugal", as well as its didactic application.

To focus on ignatian pedagogy over the centuries, distinguishing the example of Macau, while addressing religious tourism through the practice of the Spiritual Exercises of St. Ignatius of Loyola is intended to demonstrate that these are at the heart of spirituality and ignatian experience, leading all its dynamics.

Keywords: Society of Jesus, Jesuit pedagogy, Spiritual Exercises, teaching practice, Macau, religious tourism.

ÍNDICE

Resumo	3
1. Nota Introdutória	5
2. Caracterização do núcleo de estágio	9
2.1 Apresentação do Colégio São Teotónio	9
2.2 Meio envolvente e estruturas físicas	11
2.3 Breve caracterização das turmas atribuídas ao núcleo de estágio pedagógico	11
2.4 Balanço do estágio pedagógico supervisionada	12
3. A Companhia de Jesus: fundação e primeiros anos	16
3.1 Na senda da Contra-Reforma	17
3.2 Acção pedagógica	18
3.3 Ratio Studiorum	20
3.4 Portugal: rampa de lançamento para o mundo	25
3.5 A península de Macau	26
3.5.1 O caso de S. Paulo de Macau	33
3.6. A missão pedagógica: da expulsão à actualidade	41
4. Pedagogia e turismo religioso: duas valências inacianas complementares	43
4.1 A geografia da religião e o turismo religioso: uma questão epistemológica	44
5. Localidades promotoras de Exercícios Espirituais Inacianos – caracterização física	50
6. Soutelo e Rodízio: duas localidades destacadas pelos Exercícios Espirituais Inacianos	60
7. Aplicação Didáctica	66
8. Conclusão	78
Fontes, Bibliografia e Webgrafia	83
Anexos	88

1. NOTA INTRODUTÓRIA

No seguimento do nosso ano de estágio pedagógico em contexto escolar apresentamos agora este relatório que mais não é numa primeira parte que um corolário da nossa actividade enquanto professor estagiário de história e geografia, e consequentemente, numa segunda parte, um breve estudo sobre as facetas histórico-geográficas da Companhia de Jesus em Portugal e nos seus domínios ultramarinos, concretamente em Macau.

Qualquer discernimento sobre a Companhia de Jesus implica necessariamente uma reflexão sobre os seus exercícios espirituais, ainda hoje, amplamente praticados no mundo inteiro, pelo que este estudo incidirá sobre a sua espacialização no Portugal contemporâneo.

O nosso relatório termina com a aplicação pedagógica deste estudo científico a uma turma de geografia e outra de história, de alunos do 8º de escolaridade, conforme a operacionalização do programa.

A nossa escolha surgiu-nos de imediato como óbvia. A Companhia de Jesus, desde a sua fundação no século XVI, apresentou-se sempre como um pilar no campo pedagógico, marcando os dogmas do ensino ocidental.

Igualmente, ao celebrarem-se em 2014, os 200 anos da restauração da Companhia de Jesus, após a publicação em 1773, pelo Papa Clemente XIV, do breve “*Gravissimis ex causis*” que previa a sua extinção, entendemos ser oportuno, num contexto de escola católica, como aquela onde realizamos o nosso estágio abordar esta temática.

Os actuais contactos com o oriente, em particular a China, a sua ascensão económica, e a conseqüente atracção de Macau, por centenas de jovens portugueses que emigram para esta região autónoma por motivos profissionais, permitiu-nos discernir como fundamental uma abordagem à geografia desta península e a história de um dos seus principais ícones culturais, o Colégio de S. Paulo, fundado pelos jesuítas.

O constante incentivo, por parte das entidades governamentais de Portugal, a novas formas de encarar o Turismo, como fomento das economias local e nacional, surgiu-nos, face ao programa de geografia do 8º ano de escolaridade, que sendo este um

país *resort*¹, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola encontram-se como potenciadores do turismo religioso em vários locais do território nacional.

Ao efectuar-se uma breve pesquisa no *site*² da Companhia de Jesus apercebemos rapidamente que a oferta no que respeita a actividades espirituais, mais precisamente exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, é bastante diversificada, tanto na modalidade como na localização geográfica.

A Companhia procura apresentar actividades com uma duração que mínima de dois dias até o máximo de um mês, em várias localidades e regiões de Portugal Continental, concretamente Soutelo, Costa Nova, Fátima, Rodízio e Palmela.

A escolha do objecto de estudo deveu-se primeiramente à nossa intrínseca ligação com a Companhia de Jesus e a espiritualidade inaciana. Simultaneamente interrogava-mo-nos acerca do impacto geográfico e suas características, apesar de centrada no litoral português, das cinco povoações onde se localizam as casas de retiros com exercícios espirituais agendados para o ano 2013-2014.

Equitativamente os nossos estudos historiográficos em torno da Companhia de Jesus serviram de mote para este trabalho, bem como a ausência de qualquer investigação no âmbito da geografia do turismo religioso relacionada com os Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Embora se registem inúmeras obras acerca da história desta ordem religiosa a acção pedagógica da mesma no oriente, encontra-se pouco estudada. Já no que respeita à geografia e turismo religioso e o seu impacte geográfico, destacam-se apenas trabalhos sobre Santiago de Compostela, Lourdes, Roma ou Fátima³, particularizando a um registo nacional, desconhecendo-se investigações em torno da espiritualidade inaciana.

Neste sentido, podemos afiançar que este se trata de um trabalho relativo a uma área embrionária da geografia, que pouco se tem desenvolvido em Portugal, devido inclusive à sua ténue fronteira com a geografia cultural, incorporando-se simultaneamente nos meandros da história da pedagogia e a sua amplitude geográfica.

O objectivo da nossa investigação prende-se com o reconhecimento e inter-relação da realização de Exercícios Espirituais segundo o método de Inácio de Loyola

¹<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202007.pdf>, visualizada a 27-08-2014, às 15h40.

²<http://www.jesuitas.pt/Abril-2014-567.aspx>, visualizado a 5-04-2014.

³ Vide Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos. Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima. Coimbra: 2004; Zeny Rosendahl. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

como uma forma de turismo, integrando-os no seio do turismo religioso e/ou espiritual, ao mesmo tempo que permitem a elaboração de uma geografia da religião. No entanto, esta análise não seria completa se não se contempla-se neste ensaio a sua origem histórica e difusão cultural, bem como a relação dos mesmos com a formação pedagógica de milhares de estudantes, missionários, religiosos e sacerdotes. A sua difusão implica, ainda, uma análise histórico-geográfica, neste particular da península de Macau.

Para a geografia o turismo impõe-se na sua generalidade como um fenómeno de massas, sendo que a sua especialização, pode restringir-se a determinados grupos socioeconómicos e culturais. Em qualquer dos casos suscitam sempre a alteração do ritmo da vida local, marcando a paisagem, ao mesmo tempo que desloca quantitativos populacionais, gerando novas actividades económicas e receitas.

O nosso estudo pretende apresentar primeiramente uma retrospectiva histórica sobre a fundação da *Societatis Iesus*, o seu método didáctico e o estudo de caso de S. Paulo e geografia envolvente: litologia, geomorfologia, clima e vegetação.

Numa segunda parte incidiremos no quadro nacional e contemporâneo, verificando-se uma abordagem epistemológica quanto aos conceitos de turismo religioso e espiritual, bem como a sua diferenciação ou interconexão com o turismo cultural. Com maior pormenor explicitaremos a localização e caracterização física, segundo o método encetado para Macau, das 5 localidades portuguesas em estudo. O processo de análise destas últimas seguirá o sentido Norte-Sul.

O nosso estudo de caso para a actualidade abordará o significado simbólico das casas de exercícios espirituais em termos religiosos, debruçando-nos sobre a análise de dados recolhidos através de entrevistas, telefónicas e presenciais. Estabeleceram-se contactos telefónicos com as casas de retiros Soutelo e Rodízio e procederam-se a três entrevistas individuais com sujeitos de ambos os sexos.

As entrevistas foram devidamente estruturadas, com “⁴uma linguagem clara e significativa para os respondentes”, sendo estes devidamente informados dos propósitos e objectivos das mesmas e garantindo o anonimato.

Ao longo do nosso ensaio serão apresentados cartogramas que ilustrarão e permitirão uma maior consciência geográfica dos assuntos abordados. Em particular, uma carta administrativa de Portugal Continental assinalando as diversas casas nas quais a Companhia de Jesus realiza exercícios espirituais, e as correspondentes

⁴ João Carvalho Morgado. *Estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: 2012, p.74.

litológica e hipsométrica. Seguindo-se a mesma directriz para Macau. Ainda no que respeita às vias de comunicação e acessibilidades em contexto nacional acrescentámos, a fim de possibilitar uma melhor leitura das mesmas, dois mapas, respeitantes à distribuição das principais rodovias e rede ferroviária com respectivas estações.

Em suma: o nosso estudo propõe uma visão integradora da diversidade geográfica e histórica das actividades pedagógicas da Companhia de Jesus, efectuando o contraponto com a sua dinâmica turístico-religiosa na actualidade, possibilitando, assim, uma leitura interdisciplinar das suas facetas histórico-geográficas.

2. CARACTERIZAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

O 2º ciclo em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário propõe para o último ano de formação um estágio pedagógico supervisionado numa unidade de ensino.

Para o efeito efectuamos o nosso estágio no Colégio São Teotónio, na cidade de Coimbra, conjuntamente com mais três colegas formação: Nuno Oliveira, Ana Santos e Luísa Gonçalves.

A concretização do mesmo não teria sido possível sem o esforço e dedicação das nossas orientadoras Maria da Luz Campos, a geografia, e Sara Trindade, no âmbito da disciplina de história.

Aos quatro coube a preparação e leccionação de um mínimo de 20 blocos de 45 minutos a cada uma das disciplinas de história e geografia, bem como a realização de demais actividades lectivas cuja execução, pela nossa parte e a aceitação por parte da comunidade educativa, sejam viáveis.

As aulas leccionadas pelas nossas orientadoras e por nós assistidas centraram-se nos três níveis de escolaridade do 3º ciclo do Ensino Básico e em dois do Ensino Secundário, concretamente, 7º, 8º, 9º, 10º e 12º.

Esta observação permitiu-nos obter um maior contacto e compreensão dos vários grupos etários que compõem estes níveis de escolaridade.

Ao longo ano lectivo foram várias as actividades executadas com sucesso pelo núcleo de estágio e que obtiveram a aprovação da comunidade escolar.

O núcleo, apesar das características singulares de cada elemento, que nem sempre auxiliam ao bom desempenho das nossas funções enquanto grupo, conseguiu gerir e ultrapassar, através do diálogo, partilha e ajuda interpessoal, as mesmas alcançando com sucesso os objectivos a que se propôs no início do ano lectivo 2013-2014.

2.1 Apresentação do Colégio São Teotónio

“Colégio São Teotónio, o humanismo cristão, um projeto educativo, uma escola plural” este é o lema que caracteriza esta instituição.

O Colégio São Teotónio foi fundado em 1963. A sua missão é pautada: Pela

preocupação da qualidade da educação, formando a pessoa toda, numa perspectiva integral, com particular ênfase na sua dimensão espiritual;

Pela formação dos seus alunos nos valores éticos, na cultura humanista, na qualidade da relação comunitária, no ideal cristão, ultrapassando a visão redutora do relativismo moral e jurídico que corroem o sentido de uma cidadania responsável;

Pela qualidade da relação entre todos os elementos da escola, educadores, alunos e pais, que procura superar o individualismo e as dificuldades de relação interpessoal que marcam a sociedade contemporânea, educando pela proximidade relacional, pela dedicação e co-responsabilidade.

Os valores do projecto educativo que se destacam como marca identitária são autonomia, responsabilidade, solidariedade, cidadania, interioridade e empreendedorismo, seguindo os princípios gerais do catolicismo cristão

Desde o início da sua actividade que o Colégio tem sido um espaço de formação e crescimento humano, científico e cristão para muitos milhares de alunos, alicerçado num projecto educativo orientado pelos valores do humanismo cristão. Em cada ano, o Colégio dá rosto a uma escola diferente, uma escola plural, construída pela participação e co-responsabilidade de todos, num ambiente saudável e familiar.

Os seus objectivos gerais são: construir a escola como um espaço aberto, fomentar a prática da reflexão e do silêncio, educar para a diferença, desenvolver o espírito crítico e de intervenção, educar para a cidadania, incutir o gosto pela preservação do meio ambiente, dar espaço à tolerância pelo outro, dentro e fora da escola, contribuir para o bom relacionamento dos elementos da comunidade educativa, promover o diálogo, desenvolver capacidades de partilha e de cooperação, favorecer capacidades criativas, educar o sentido estético e promover a dimensão intercultural da educação.

Assim, as prioridades educativas do Colégio são promover a mudança, educando para a interiorização de valores, ministrar uma educação humanista, entendendo-se como tal a que «prepare um homem íntegro, integral, integrado e integrador», possibilitar o crescimento harmonioso do indivíduo como ser afectivo e social, fomentar os processos cognitivos na aprendizagem através de métodos diversificados, desenvolver atitudes de civismo, melhorar a qualidade da educação dos filhos de trabalhadores migrantes e dos que exerçam uma profissão itinerante, preparar os alunos para a vida activa numa sociedade caracterizada pela diversidade cultural e pelo progresso tecnológico, proporcionar um ambiente de reflexão e debate relativamente a

práticas pedagógicas inovadoras, privilegiando a área da avaliação.

2.2 Meio envolvente e estruturas físicas

O Colégio São Teotónio está inserido num meio predominantemente urbano, na cidade de Coimbra, localizado na Rua do Brasil e pertencente à Paróquia da Sé Velha. O Colégio engloba 746 alunos, 67 docentes e 68 não docentes.

O edifício detém as habituais salas de aula, a maioria delas equipadas com quadros interativos, onde decorrem as atividades letivas, possui também uma biblioteca, uma ludoteca, laboratórios, gabinetes de trabalho, Salão Nobre, SPO, sala de audiovisuais, pavilhão de desportos coletivos, ginásio, salas de música, cineteatro, capela, cantina, bar e um recreio destinado ao 1º ciclo, assim como um outro espaço destinado aos alunos do 2º, 3º ciclo e ensino secundário.

Para além do Ensino regular (1º, 2º, 3º ciclo e ensino secundário), o Colégio São Teotónio compreende também creche, incluindo berçário. Apresenta também a possibilidade de frequência de ensino na área da Música (Escola de Música) e a frequência de um Curso Profissional na área das Artes do Espetáculo (Escola de Teatro).

O Colégio dispõe, ainda, de uma valência de alojamento, acompanhamento e orientação escolar para todos os alunos (do Ensino Básico e do Ensino Secundário) - a Residência de Estudantes feminina e masculina.

O Colégio é uma instituição de ensino particular e cooperativo, isto é, os anos da Creche, do 1º Ciclo e do Ensino Secundário estão sob regime de pagamento, sendo que os anos dos 2º e 3º ciclos se encontram ao abrigo de um Contrato de Associação.

O Colégio dispõe ainda de atividades de enriquecimento curricular de variadas índoles.

2.3 Breve caracterização das turmas atribuídas ao núcleo de estágio pedagógico

O núcleo de estágio adjudicado ao Colégio São Teotónio assegurou ao longo do ano lectivo 2013/2014 teve a possibilidade de assegurar várias atividades lectivas em contexto de sala de aula e fora da mesma. Assim entre quatro turmas do 3º ciclo do ensino básico e duas do ensino secundário, concretamente uma turma de 7º Ano, duas

de 8º ano, uma de 9º ano, uma do 10º e outra do 12ºano, completou-se este percurso formativo.

A distribuição destas face às disciplinas supervisionadas pelo núcleo de estágio foi conferir as turmas do 7ºM, 8ºA e 12º3 à área disciplinar de história, sendo que o 8ºC, 9ºM, 10º3 ficariam disponíveis para a prática lectiva de geografia.

Em ambos os contextos das áreas disciplinares verificava-se a existência de direcções de turma, nas quais estivemos envolvidos. À nossa orientadora de história competia a direcção de turma do 7ºM, enquanto a orientadora de geografia assumia funções como directora de turma C do 8º ano de escolaridade.

Todos os estagiários leccionaram, de forma mais ou menos equitativa, em todas as turmas citadas, sendo que por força do calendário escolar e do agendamento das actividades lectivas e extralectivas, verificou-se uma maior presença nas do ensino básico que no ensino secundário. Concretamente, no nosso caso pessoal, leccionámos de modo mais premente no campo de acção da disciplina de geografia na turma do 9º ano de escolaridade, e pontualmente na do 8ºC. Já no que se circunscreve à disciplina de história esta acção verificou-se maioritariamente na turma do 7º M e esporadicamente nas turmas do 8º A e 12º ano.

As turmas apresentaram-se como bastantes heterogéneas, verificando-se em todas a presença de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), cujas mesmas enquadram quadros de dislexia, hiperactividade, défice de atenção e aprendizagem, a quadros mais graves.

Os alunos são precedentes de distintos estratos e quadrantes socioeconómicos e culturais, assistindo-se a uma pluralidade nas aprendizagens e resultados obtidos⁵.

Quanto a alunos repetentes verifica-se a presença de um a dois elementos em todas as turmas, com excepção do 12º, 10º, e 9º anos.

2.4 Balanço do estágio pedagógico supervisionada

A realização do estágio pedagógico no Colégio São Teotónio, em Coimbra, ao longo do ano lectivo 2013/2014 permitiu-nos desenvolver e aperfeiçoar, com sucesso, destreza e facilidade, competências científico-pedagógicas de cariz prático e teórico relacionadas com a actividade docente, demonstrando da nossa parte grande sentido de responsabilidade e consciência para com a mesma.

⁵ Ver Anexo 4, caracterização de uma turma do 8º Ano de escolaridade.

Em nosso entender consideramos que cumprimos com sucesso a quase totalidade dos objectivos a que nos propusemos no plano individual de formação (PIF)⁶ de ambas as disciplinas.

Ao longo do ano lectivo observamos com assiduidade e pontualidade as aulas leccionadas pelas nossas orientadoras de escola, Maria da Luz Campos a geografia e Sara Trindade a História, bem como pelos colegas de estágio, salva situações excepcionais que foram devidamente informadas e justificadas às mesmas e demais colegas de estágio.

Com responsabilidade, qualidade e rigor executámos várias actividades lectivas, tais como: planificar aulas⁷, numa perspectiva interdisciplinar, esboçando conceitos a apreender pelos alunos, estratégias de aprendizagem, recursos a utilizar e avaliação das aprendizagens pelo docente, bem como leccionar conteúdos programáticos, preparar e ministrar uma aula de preparação para uma prova de avaliação escrita, corrigir a mesma no prazo de uma semana, conforme o regulamento do colégio, procedendo em seguida, juntamente com os alunos, à sua correcção em aula e a elaboração e avaliação de questões-aula.

As nossas acções foram desempenhadas de forma autónoma, demonstrando autocontrolo e confiança, desenvolvendo, ao mesmo tempo, capacidade e consciência crítica acerca das mesmas.

No que concerne mais especificamente à leccionação dos conteúdos programáticos, os mesmos foram seleccionados segundo critérios de actualidade, estabelecendo relações entre estes o meio local e as vivências dos alunos.

A abordagem dos conteúdos foi efectuada com elevado rigor científico, destreza e qualidade, sem incorrer em erros ou imprecisões, apresentando o saber de forma problematizadora, recorrendo a estratégias dinâmicas e estimulando a atenção dos alunos, manifestando igualmente um domínio aprofundado das matérias.

Recorremos permanentemente a recursos variados e inovadores, como o uso do quadro interactivo, PowerPoint, meios digitais, e uma bibliografia actualizada tendo em consideração a sua adequação aos objectivos, nível etário e interesse dos alunos.

Igualmente recorreu-se a recursos tradicionais como o quadro negro, para a elaboração de esquemas síntese, fichas informativas, mapas e outros materiais em suporte físico, não descurando o uso do manual.

⁶ Ver Anexo 7.

⁷ A título de exemplo veja-se um plano de aula, respeitante à disciplina de história, de 22-05-201: Anexo 2.

A execução com dinamismo e elevado rigor científico e pedagógico-didático das actividades, não descurando a avaliação dos alunos, permitiu-nos identificar com muita facilidade pontos fortes e pontos fracos, colmatando em seguida os mesmos.

O núcleo de estágio promoveu e organizou de forma activa a Visita de Estudo a Conimbriga, coadjuvados pela nossa orientadora de história, compondo o folheto sobre a mesma e efectuando a visita guiada nas ruínas, na qual nos envolvemos a título particular de forma bastante empenhada.

A relação pedagógica estabelecida com os alunos e o clima na sala de aula foram bastante satisfatórias, manifestando sempre um clima de entusiasmo, bom humor e segurança sem descorarmos o nível de exigência e respeito pelas regras de funcionamento da aula e regulamento interno do colégio.

Participamos em actividades extra-lectivas com entusiasmo e de forma voluntária tais como uma reunião de grupo e de final de período; nas acções e eucaristia do dia da abertura solene das aulas; dia do padroeiro; Festa de Junho; elaboração da Cronologia sobre os acontecimentos dos últimos 50 anos no CST, Coimbra, Portugal e Mundo; bem como colaborámos na actividade proposta pela estagiária Luísa Gonçalves, no dia dos Direitos Humanos.

No que concerne aos aspectos interpessoais manifestámos sempre um bom relacionamento com a orientadora, colegas, alunos ou demais comunidade educativa.

Nos aspectos pessoais apresentámos facilidade em aceitar e seguir instruções de superiores e acatar regulamentos e normas.

A facilidade e espontaneidade com que agimos frente aos colegas, alunos, factos e situações, bem como, junto a outras pessoas no sentido de contribuir para o alcance de um objectivo comum demonstraram uma influência positiva no grupo.

Revelamos elevado sentido de responsabilidade e capacidade de cuidar e responder pelas atribuições materiais, equipamentos e bens do colégio, a que tivemos acesso e nos foram entregues durante estágio, demonstrando simultaneamente discrição quanto ao sigilo das actividades confiadas e situações de carácter particular no que respeita a discentes e docentes.

Auxiliamos ainda os demais docentes do colégio, sempre que necessitaram com interesse e disponibilidade, manifestando bastante qualidade, rapidez, e precisão na execução das tarefas.

O nosso trabalho foi efectuado de modo organizado e metódico, usando de meios racionais, para melhorar a forma de execução do mesmo.

No campo da criatividade e facilidade na interpretação de instruções e informações verbais, demonstramos aptidão e destreza, bem como, capacidade de sugerir, projectar ou exercer modificações ou inovações e habilidade de adaptar os conteúdos teóricos à prática.

O estágio pedagógico apresentou-se como bastante rico e importante na nossa formação profissional, permitindo nos identificar fragilidades na nossa formação inicial, bem como falhas na planificação das nossas actividades lectivas e sua execução, permitindo, em simultâneo apreender outras perspectivas, mecanismos e estratégias para um melhor e efectivo desempenho da actividade docente.

3. A COMPANHIA DE JESUS: FUNDAÇÃO E PRIMEIROS ANOS

Conquanto todo o intróito do nosso trabalho torna-se forçoso desde já efectuar uma breve apresentação histórica sobre a Companhia de Jesus e Santo Inácio de Loyola afim de melhor se entender toda a orgânica do mesmo, no qual se pretende demonstrar essencialmente uma visão estruturante e aglutinadora da história e da geografia, no qual ambas são ciências que se complementam.

A *Societatis Iesus* surge da iniciativa de um homem que no auge da sua existência encontra-se interpelado por Jesus Cristo e pela vivência católica da fé, num tempo conturbado da cristandade.

Inigo López (1491-1556), oficialmente reconhecido no seio católico como Santo Inácio de Loyola, nasceu na povoação de Loyola, no País Basco. Jovem ambicioso e audaz, pouco dado às interpelações e vivências da fé, é gravemente ferido, em 1521, na batalha de Pamplona, seguindo um longo período de convalescença, o qual esteve associado a algum recolhimento. Durante este longo ciclo, o jovem, não tendo muito mais ao que se dedicar, recolhera-se entre as leituras sagradas e hagiográficas. Rapidamente, empolgado com as leituras e com uma possível vida inteiramente dedicada a Deus, assiste-se à sua conversão⁸.

Juntamente com um grupo de amigos e imbuído do espírito emanado da Contra-Reforma, resolve fundar uma ordem religiosa, a Companhia de Jesus, onde estivessem patentes, para além dos três votos já sobejamente conhecidos, um quarto de obediência incondicional e completa disponibilidade para com o Santo Padre. Igualmente, escreveu os exercícios espirituais, de modo a permitir a oração, meditação, contemplação e a revisão de vida com o objectivo de descobrir a vontade de Deus, sendo estes a pedra basilar de toda a espiritualidade e filosofia de vida da Companhia de Jesus.

Para Inácio de Loyola, toda a acção do Homem tinha como fim último *Ad majorem Dei Gloriam*⁹, devendo neste sentido ser-se *Perinde ac cadáver*¹⁰.

Inicialmente, considerada perigosa para a fé devido ao seu novo estilo de vida, caracterizada pela absoluta auto-abnegação e ausência de fontes de rendimento, rapidamente a espiritualidade inaciana difundiu-se por toda a Europa, Ásia e Novo

⁸ António Lopes, “História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus”, *A companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*, Lisboa: Brotéria, 2000, p. 35 e 36.

⁹ “Para a maio glória de Deus”.

¹⁰ “Como um cadáver”. Esta divisa preconiza a obediência absoluta dos jesuítas a Cristo e ao Papa.

Mundo¹¹, do qual dá-mos como exemplo neste trabalho a acção do Colégio de S. Paulo em Macau.

Num cenário inteiramente desconhecido dos portugueses, do qual geografia se diferencia da europeia, estes missionários encetaram a construção de um colégio cuja pedagogia, totalmente inovadora para os cânones da época instigou à formação de um elevado número de missionários para o oriente, bem como à descoberta do então desconhecido império chinês.

A actividade desta ordem religiosa, ainda que condicionada ao longo de vários períodos da história mantém-se até aos nossos dias, visando essencialmente a orientação de retiros e aconselhamento espiritual através dos exercícios espirituais prescritos por Santo Inácio de Loyola, e o ensino, em Portugal com os seus três colégios e quatro centros universitários, mas também, no exterior com as suas universidades, da qual destacamos a já afamada Pontifícia Universidade Gregoriana.

3.1 Na senda da Contra-Reforma

A aceleração cultural do séc. XVI, com a difusão do livro impresso e a sua comercialização, permitiu a emergência de uma procura generalizada da escolaridade, à qual não havia capacidade concreta de resposta.

Fundada num período de crise da Igreja Católica Romana, decorrente do movimento reformista, iniciado por Martinho Lutero, que daria origem às Igrejas Protestantes, a Companhia de Jesus, contribuía habilmente para pôr em prática as determinações emanadas do Concílio de Trento (1545-1563)¹².

A Europa católica encontrava-se perante um clero insuficientemente preparado para satisfazer essa necessidade, seguindo a falta de liquidez financeira para subsidiar a actividade docente de qualidade e generalizada.

Os Jesuítas surgem, assim, como uma resposta capaz, devido ao seu rigoroso processo formativo, e mão-de-obra gratuita.

A ajuda de benfeitores, tais como os bispos das dioceses ou as autoridades civis que queriam alargar o quadro escolar permitiu que os Jesuítas se fossem a referência no

¹¹ Cf. William Bangert, *História da Companhia de Jesus*, Porto: A.I., São Paulo: Loyola, 1985.

¹² A reforma protestante acusava a leviandade de muitos clérigos, bem como a sua deficitária formação no que concerne à teologia. O concílio realizado na cidade italiana de Trento, entre 1545 e 1563, decretava, assim, a constituição de casas para a formação dos futuros sacerdotes, a carácter vinculativo e obrigatório do celibato, instruções sobre a vida monástica, a prática de boas obras para a salvação da alma, entre outras.

que respeita a acção pedagógica da Igreja Católica, permitindo, simultaneamente a formação de elementos da sociedade civil.

A fundação de vários estabelecimentos de ensino na Índia, com o fim de formar clérigos nativos, permitiu que a Companhia estivesse vinte anos à frente do Concílio de Trento¹³.

3.2 Acção pedagógica

Rapidamente a sua acção difundiu-se pelo velho continente, tocando, de forma particular Portugal e os territórios ultramarinos. Neste particular destacam-se Simão Rodrigues e Francisco Xavier¹⁴.

Erigidos em quase todas as cidades, os seus colégios se exceptuamos Lisboa, Coimbra e Évora, eram quase os únicos centros de instrução primária das localidades.

Os colégios deviam não só instruir os escolásticos, mas também os de fora, instituindo-se aulas públicas ao nível dos estudos humanísticos, ensinando-se humanidades, línguas e doutrina cristã. Porém, não se formava em estudos superiores, uma vez que para tal deviam ser conduzidos às universidades da Companhia.

Os colégios, em contínuo crescimento, apresentavam-se como uma forma de elaborar uma cultura humanística e cristã, no que respeita aos valores do homem e da pessoa.

Destacamos, apenas por mera, reminiscência a fundação em 1542 do Colégio das Onze Mil Virgens e, em 1555, o Colégio das Artes, dedicado a estudos superiores, ambos na cidade de Coimbra. Em 1559 nasce a Universidade de Évora.

A par desta nova evangelização a Companhia de Jesus interveio arduamente na catequização nos territórios ultramarinos, iniciando-se a grandiosa tarefa de missionação.

¹³ William Bangert, *História da Companhia de Jesus*, Porto: A.I., São Paulo: Loyola, 1985, p.213.

¹⁴ Jesuítas enviadas para Portugal, após solicitação de D. João III ao Papa, com indicação de Inácio de Loyola. Francisco Xavier nobre nascido no reino de Navarra, mais precisamente na cidade de Xavier, que partilhou alojamento com Santo Inácio em Paris. Após solicitação de D. João III ao Papa, anuência de Inácio fora conduzido para Portugal, conjuntamente com Simão Rodrigues. Devido à sua “personalidade más robusta e audaz” fora enviado como missionário para a Índia, em 1540, conquistando o título de apóstolo do oriente. Simão rodrigues, jesuíta de origem portuguesa, natural de Vouzela, nascido em 1510. Estudava em Paris desde 1527, onde conheceu Inácio de Loyola. A pedido do monarca e de Santo Inácio permaneceu em Portugal com o intenção de recrutar futuros missionários exercendo primeiro a função de superior da comunidade, tornando-se, posteriormente, no 1º provincial da companhia em terras lusas. Juntamente com Santo Inácio compuseram o núcleo fundacional da Companhia de Jesus.

Vide Jonh W. O'Malley, *Los primeros Jesuitas*, Bilbao: Ediciones Mensagero e Santander: Sal Terrae, 1995, p.47-49; “Rodrigues de Azevedo” in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura: edição século XXI*, Vol. 25, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2002, p. 768.

Os jesuítas missionaram por todo o Oriente, desde o Japão ao Tibete, passando pelo Império Mongol, China, com maior ênfase em Macau, Reino dos Laos, Madagáscar, Sião e Camboja. No que respeita à Índia Portuguesa destacamos entre muitos outros locais a chegada, em 1542, a Goa.

Os territórios Africanos de Angola, Cabo Verde, Serra Leoa, Mazagão, também foram alvo desta tutela. No caso particular desta ultima cidade destacamos uma missão permanente, que só se deixaria de se verificar após a transferência desta cidade, no século XVIII, para a Amazónia. Precisamente no Brasil, que a Companhia terá uma ampla acção catequética e pedagógica junto dos índios, fundando missões em cidades como Rio de Janeiro, Baía, Pará, S. Luís do Maranhão, entre outras.

Resumindo em 1579 contavam-se 180 colégios na Europa, os quais totalizavam em 1710, 517 colégios, somando-se 95 no resto do mundo.

De entre todos os colégios destaca-se o Colégio Romano, fundado em 1551, actual Pontifícia Universidade Gregoriana, pela adopção de um ensino gratuito, semelhante ao sistema parisiense, renovando o ensino em Itália e tornando-se no primeiro modelo pedagógico da Companhia¹⁵.

O sucesso dos colégios jesuítas deveu-se a várias características, entra as quais, a gratuidade dos estudos e a admissão, pelo menos nos primeiros anos, de rapazes todas as classes sociais. Destaque, ainda, para “la importancia de la formación del carácter” e a diversidade de uma ampla rede de colégios “en la que efectivamente se compartía información sobre lo que funcionaba y lo que no funcionaba”.¹⁶

A acção educativa da Companhia foi tão intensa e marcante, que em torno de um dos seus muitos Colégios, desenvolveu-se uma das cidades de maior dimensão e densidade populacional, na actualidade – São Paulo, no Brasil.

O principal alicerce desta actividade e do seu sucesso prendia-se, todavia, com o exemplo e preocupação, quase paternal, dos jesuítas uma vez que “trataban de influenciar a sus estudiantes más com su ejemplo que com sus palabras. Inculcaban constantemente entre sí la importancia de amar a sus alumnos, de conocerlos individualmente, de disfrutar de una *familiaritas* respetuosa con ellos”¹⁷.

¹⁵ Cf. William Bangert, *História da Companhia de Jesus*, Porto: A.I., São Paulo: Loyola, 1985; Jonh W. O'Malley, *Los primeros Jesuítas*, Bilbao: Ediciones Mensagero e Santander: Sal Terrae, 1995; Margarida Miranda, “Jesuítas, Mestres Da Europa: Mobilidade e Cosmopolitismo de Um Sistema Escolar”, *Latineuropa : latim e cultura neolatina no processo de construção da identidade europeia*, coord. Nair Castro Soares, Margarida Miranda, Carlota M. Urbano, Coimbra, 2008;

¹⁶ Jonh W. O'Malley, ob. cit., p.279-280.

¹⁷ Jonh W. O'Malley, ob. cit., p.280.

3.3 *Ratio Studiorum*

A nova dimensão que se gerava dentro da igreja tornou urgente a constituição de um método educativo e didáctico comum à enorme dispersão desta nova ordem religiosa.

A *Ratio Studiorum* nasce como uma metodologia pedagógica que tenta responder às múltiplas exigências emergentes, a nível humano e religioso.

Desta forma, tentava-se encontrar um *modus docendi* comum, gizado já nas Constituições da Companhia de Jesus, de modo a chegar a uma regra universal, válida para todos e para todos os lugares, o qual patenteasse um modo de viver, estar e trabalhar imbuídos da pedagogia e sabedoria espiritual contidas nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

A *Ratio* não se trata de escrito teórico sobre educação, mas um documento experiencial, que expõe de forma sistemática um conjunto práticas como resposta metodológica que a Companhia dava ao seu próprio ideal educativo, expresso nos já citados exercícios espirituais.

Este sistema pedagógico centra-se no essencial do homem europeu, partindo de uma sólida cultura geral, com uma forte componente latina de matriz clássica, humanística e judaico-cristã, a par de uma intensa preparação para o uso da palavra escrita e falada.

A *Ratio* foi um manual de administração, funções e procedimentos, que dava corpo ao espírito de uma educação humanista e personalizadora, tonando-se a primeira sistematização de estudos, tendo as suas raízes no Homem e na sua transcendência e destinos pessoal e social.

As premissas basilares deste compêndio definem que o aluno a partir da sua liberdade, desenvolver ao máximo, de modo harmónico e segundo uma hierarquia de valores, as suas disposições espirituais e as faculdades mentais, afectivas, de acordo com a sua natureza e destina.

Ao estudante, protagonista da aprendizagem, é exigido uma carácter activo, personalizador e auto-formativo, evitando a passividade, desinteresse e indiferença.

Para os jesuítas o acto educativo é um acto intercomunicativo de ensinamento e aprendizagem mútua entre o professor e o aluno. Ambos dão e recebem construindo algo em comum. Coloca-se, assim, a tónica na formação interior, seleccionando o essencial e reduzindo programas e adaptando-os às capacidades dos estudantes,

equilibra-se, simultaneamente, a educação intelectual com a educação do carácter e a educação moral.

Ensina-se o aluno a sentir, a compreender e a pensar por si próprio, julgando e reflectindo, a saber estudar e a tomar notas. O Humanismo e os grandes autores são fundamentais nessa tarefa. O estudante devia alcançar os valores perenes da humanidade

Em detrimento disto o conhecimento da língua vernácula era fundamental, adoptando-se uma pedagogia diferencial adaptada a idade, possibilidades e atitudes do aluno

Na *Ratio* vêm esboçadas as funções dos responsáveis dos colégios (provincial, reitor, perfeito e professores), a articulação do curriculum formativo, propostas respeitantes a horários, os programas das diversas lições, os métodos educativos e didáticos.

A instrução, delineada pela Companhia de Jesus, visava inculcar hábitos cristãos, não colocando de parte a proposta iniciano de associar a virtude e as letras.

A formação teológica, tanto doutrinal como prática, da época moderna, exigia um conhecimento da literatura e das línguas latina, grega e hebraica. Todavia, a intensa actividade da companhia junto de estirpes acarretava, igualmente, lições de outras línguas, tal como o caldeu, o árabe ou o indiano.

O amor as letras e à virtude perpetuaram a imagem de um total e solitário estudo das disciplinas ligadas à literatura, como gramática, retórica, poesia e história. Não se julgue, contudo, que as ciências não elencavam os curricula, uma vez que eram fundamentais à disposição dos espíritos para a teologia, servindo para se ter de lá perfeito conhecimento e prática. Os jesuítas participaram activamente na chamada revolução científica através de áreas como física, metafísica, biologia e matemáticas.

Apenas os estudos ligados à Medicina e Direito não se faziam nas universidades da Companhia. Os primeiros por se encontrarem interditos aos clérigos, e não serem considerados uma arte maior, uma vez que mexe com o corpo e seus fluidos, e os segundos, sendo considerados uma porta para a carreira eclesiástica, eram rejeitados *a priori* pelos jesuítas, no sentido em que estes recusam qualquer dignidade sacerdotal.

Resumindo, o campo de estudos abarcava tudo o que correspondia à cultura humanística.

As directrizes inicianas sugerem que os professores devem interessar-se pelo progresso de cada um dos seus alunos, pedir-lhes conta das lições e fazer-lhas repetir. A

arte de bem falar, também própria dos membros desta congregação obrigava a que os diálogos fossem habitualmente em latim, insistindo-se na elaboração de composições e na sua correcta declamação.¹⁸

As lições consistiam na leitura completa do texto a estudar, breve apresentação do argumento, explicação das passagens menos claras, terminando com a revisão geral. Procedia-se, assim, a aplicação do tríptico didáctico jesuítico: prelecção, repetição, aplicação. A transmissão de conhecimentos era, ainda, reforçada pelas repetições não só da última lição mas de cada semana e sempre que se julgasse necessário.

O diálogo, a promoção e o estímulo do esforço pessoal, bem como a partilha do êxito conseguido, permitiam aos alunos um incentivo constante à aprendizagem.

Os estudos humanísticos, na visão inaciana, afirmavam-se como essenciais, habilitando a lidar com todas as estirpes sociais, linguística e étnicas, ao mesmo tempo que permitia comunicar com clareza e sapiência o seu próprio conhecimento, de modo a “que saibam tão bem explicar como entendem”¹⁹.

Os estudantes eram, igualmente incentivados a alcançar a excelência através das disputas. Estas consistiam em perguntas do mestre aos discentes e às quais os adversários corrigem ou os adversários corrigem-se mutuamente, permitindo que todos auferissem prémios e cargos honoríficos. De entre estes últimos, destacam-se as magistraturas conquistadas através da escrita de um texto em prosa, sendo vencedor o melhor texto. Ao ter em conta estes aspectos denota-se um particular cultivo da sensibilidade estética.

A *Ratio* estipula claramente os tempos que se deviam dedicar a cada uma das tarefas necessárias à formação no seio da família inaciana, sendo o descanso uma das tarefas essenciais. Não se julgue, contudo, que sábados, domingos e dias festivos significavam inactividade escolar. Estes tinham um horário próprio com disputas, repetições, discursos, declamações de poesia, representações dramáticas ou prelecções subordinadas a temas extraordinários ou do agrado dos alunos

O teatro obteve dos jesuítas o maior crédito, uma vez que as representações possuíam um propósito moralizador, pregando o triunfo da virtude e do catolicismo, ao associar as modalidades de tradição peninsular com as greco-latinas.

¹⁸ Inácio de Loyola, *Constituições Da Companhia De Jesus*. Lisboa: s.n.,1975, nº 456, p. 160.

¹⁹ Apud Margarida Miranda, “Jesuítas, Mestres Da Europa: Mobilidade e Cosmopolitismo Um Sistema Escolar”, *Latineuropa : latim e cultura neolatina no processo de construção da identidade europeia*, coord. Nair Castro Soares, Margarida Miranda, Carlota M. Urbano, Coimbra, 2008, p.232.

A arte dramática desenvolvida pelos discípulos de Santo Inácio demarcou-se ao longo dos séculos não apenas pela métrica e construção estilística mas, igualmente, por toda a concepção de teatro inerente ao imaginário do mesmo, como música, figurinos, cenografia, podendo-se afirmar que se tratava de “um género próprio, dentro do teatro escolar”²⁰.

Ao longo da história foram vários os homens formados pela *ratio* que se distinguiram em vários campos. Distinguimos entre muitos São João de Brito, Molière, Pe. António Vieira, Galileu Galilei, Descartes, Richelieu, Voltaire.

Igualmente, também, o número de obras, escritas por Jesuítas, que marcaram todo um arquétipo. Variadíssimo é o número de estudos a propósito da escritura sagrada, dogma e controvérsia, moral e direito canónico, filosofia, matemáticas e Ciências Naturais, assim como poesia, literatura Portuguesa, onde se contam monografias e biografias.

A narrativa pedagógica da Companhia impele-nos a focar a nossa atenção nos tratados de linguística, como o dicionário de Tupi, o primeiro vocabulário de português-chinês, coordenado pelo padre Matteo Ricci, ou o vocabulário chinês-latim, entre outros.

A cultura humanística não descurava as artes, não se descurando, neste sentido, a música, pintura, arquitectura e obras de cariz dramático, das quais se destacam as do já afamado Padre Anchieta.

A *Ratio Studiorum* mantém-se um exemplo capaz de sucesso pedagógico, servindo de Inspiração para o trabalho educativo na actualidade.

O seu principal objectivo é dotar o espirito do trabalho educativo de um corpo que lhe assegure identidade, consistência, articulação e continuidade, visando a excelência, ao mesmo tempo que busca a necessidade da prevenção da improvisação, do espontaneísmo, da superficialidade.

Apresentasse-nos como um ideal personalizador, que leva o educador a considerar o aluno como merecedor do maior respeito e ajuda para a planificação de todas as suas potencialidades.

Ao considerar o trabalho educativo como construção pessoal do aluno, que o realiza ajudado por mediações diversas, definidas, adaptadas à sua capacidade e estágio

²⁰ Margarida Miranda “Teatralidade e Linguagem Cénica no Teatro Jesuítico em Portugal (XVI)”. *Humanitas*. Vol. 58, Coimbra: F.L.U.C., I.E.C., 2006, p. 392.

de desenvolvimento, indica uma variedade de procedimentos didáticos que correspondem às diversas facetas da formação integral.

O trabalho do professor é visto mais como um estímulo da excelência à qual cada aluno pode chegar, ao invés de um repasse de conteúdos a serem assimilados.

As suas seiscentas prescrições em conjuntos de regras inspira a instituição educativa a actuar de acordo com regulamentos que não são limites mas antes referenciais necessários para a sua avaliação e crescimento.

A Ratio Studiorum, bem como os demais documentos que lhe serviram de pedra angular possibilitaram a constituição de um sistema escolar, com presença assegurada nos currículos da maioria das instituições educativas superiores.

Face aos cismas que a Europa da modernidade enfrentava os jesuítas ofereciam à Igreja Católica um Humanismo cristão que respondia à dissidência entre os valores cristãos e a modernidade.

Ao fazer uso da imagem enquanto instrumento de propaganda religiosa, procurou promover a unidade dos fiéis em torno do Papa, exibindo nas suas igrejas, obras ilustrando episódios paradigmáticos da vida de Cristo, da Virgem e de santos mártires.

Dotado de um regulamento próprio e de um corpo docente vinculado aos mesmos programas, à mesma língua de ensino, por vezes aos mesmos manuais escolares, e sujeito à mesma autoridade supranacional que podia transferir recursos humanos e intelectuais para onde fossem mais necessários, o programa pedagógico perpetrado pela Companhia de Jesus teve uma vigência de quase 150 anos.

Os jesuítas foram vistos como um contra-poder no interior da Igreja. No século XVIII, Roma tenta limitar o poder da Companhia de Jesus no Extremo Oriente, devido a conflitos com o rei Luís XIV de França. Após expulsão dos jesuítas de Portugal, Espanha e França, a ordem viria a ser extinta, em 1773, pelo Papa Clemente XIV, deixando a critério dos soberanos a publicação da bula. Isto permitiu que a Companhia se mantivesse activa na Prússia e Rússia. Só vinte e cinco anos mais tarde seria oficialmente reabilitada.

Actualmente, os colégios Jesuítas inspiram-se na visão activa da pessoa humana, permanentemente actualizada num mundo em constante transição. Como tal, auxiliam os alunos a trilhar o caminho que leva à liberdade interior, formando homens e mulheres abertos às carências dos demais, com os outros e para os outros, conscientes de si

mesmos e do mundo que os abarca, empenhados na missão de servir a fé que promove a justiça, impelidos na edificação de uma sociedade cada vez mais justa e fraterna²¹.

3.4 Portugal: rampa de lançamento para o mundo

Rapidamente a acção da Companhia de Jesus difundiu-se pelo velho continente, tocando, de forma particular Portugal e os territórios ultramarinos. Neste particular destacam-se Simão Rodrigues e Francisco Xavier.

Erigidos em quase todas as cidades, os seus colégios se exceptuarmos Lisboa, Coimbra e Évora, eram quase os únicos centros de instrução primária das localidades.

Os colégios deviam não só instruir os escolásticos, mas também os de fora, instituindo-se aulas públicas ao nível dos estudos humanísticos, ensinando-se humanidades, línguas e doutrina cristã. Porém, não se formava em estudos superiores, uma vez que para tal deviam ser conduzidos às universidades da Companhia.

Os colégios, em contínuo crescimento, apresentavam-se como uma forma de elaborar uma cultura humanística e cristã, no que respeita aos valores do homem e da pessoa.

No de intuito de dar continuidade ao processo pedagógico iniciado em Santa Cruz de Coimbra a fundação, nessa cidade, em 1542, do Colégio das Onze Mil Virgens ou Colégio de Cristo, como ficou conhecido, e em 1555 do Colégio das Artes, dedicado a estudos superiores, contribuíram de forma preponderante para a evolução do ensino em Portugal. De igual modo em 1559 a Universidade de Évora, sob o patrocínio do Cardeal D. Henrique, viria cooperar nessa missão.

A par desta nova evangelização a Companhia de Jesus interveio arduamente na catequização nos territórios ultramarinos, iniciando-se a grandiosa tarefa de missionação.

Os jesuítas missionaram por todo o Oriente, desde o Japão ao Tibete, passando pelo Império Mongol, China, Reino dos Laos, Madagáscar, Sião e Camboja. No que respeita à Índia Portuguesa destacamos entre muitos outros locais a chegada, em 1542, a Goa.

Os territórios Africanos de Angola, Cabo verde, Serra Leoa, Mazagão, também foram alvo desta tutela. No caso particular desta ultima cidade destacamos uma missão

²¹ Vide José Manuel Martins Lopes, *Projecto educativo dos colégios da Companhia de Jesus: fundamento e finalidade*, Braga: A.O, 1997.

permanente, que só se deixaria de se verificar após a transferência desta cidade, no século XVIII, para a Amazónia. Precisamente no Brasil, que a Companhia terá uma ampla acção catequética e pedagógica junto dos índios, fundando missões em cidades como Rio de Janeiro, Baía, Pará, S. Luís do Maranhão, entre outras.

Resumindo em 1579 contavam-se 180 colégios na Europa, os quais totalizavam em 1710, 517 colégios, somando-se 95 no resto do mundo.

De entre todos os colégios destaca-se o Colégio Romano, fundado em 1551, actual Pontifícia Universidade Gregoriana, pela adopção de um Ensino gratuito, semelhante ao sistema parisiense, renovando o ensino em Itália e tornando-se no primeiro modelo pedagógico da Companhia.

A acção educativa da Companhia foi tão intensa e marcante, que em torno de um dos seus muitos Colégios, desenvolveu-se uma das cidades de maior dimensão e densidade populacional, na actualidade – São Paulo, no Brasil.

No século XVIII em pleno auge da sua missão os colégios da Companhia de Jesus constituíram o grande alvo da política cultural do Marquês ao fazer acreditar que os Jesuítas, por ele proscritos em 1759, tinham estagnado o ensino em Portugal. A escusa apresentada foi um dos meios para erradicar a Companhia e no caso específico de Coimbra, poder usar o vasto colégio para as instalações das novas faculdades de medicina e filosofia.

3.5 A península de Macau

Macau apresentou-se como espaço de particular interessa para as missões e formação de elementos da Companhia de Jesus no oriente.

A sua proximidade geográfica, face à Índia, com o Japão, a possibilidade de entrada no império Chinês, e a sua excelente localização portuária faziam desta uma localidade de peculiar interesse.

O território de Macau é constituído pela península de Macau, a ilha da Taipa e ilha de Coloane. Todavia, para nosso estudo histórico-geográfico apenas importa a península em causa, sobre a qual nos debruçaremos.

Na orla meridional da China, situada no delta dos rios Chu Kiang (rio das Pérolas) e Si Kiang (rio Oeste), a uma latitude média de 22°- 2' N a península de Macau

possui uma superfície de 5,422 km², cujas colinas atingem uma altura máxima de 110 metros²².

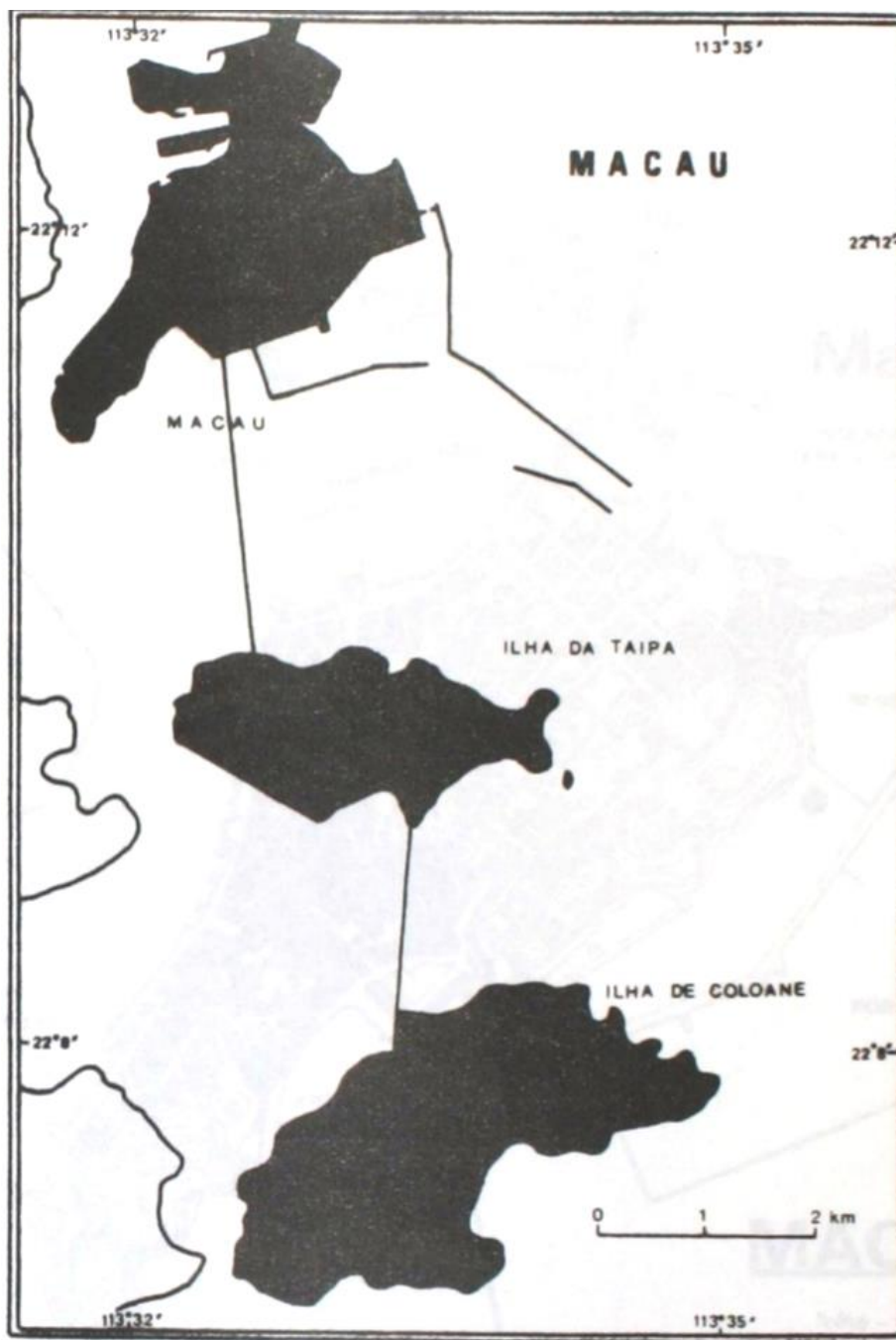


Fig. 1 Mapa do território de Macau

Fonte: António Costa, *Macau: Imagens e números*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos geográficos, 1981.

²² António Costa, *Macau: Imagens e números*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos geográficos, 1981.

A província contacta com o território chinês, em concreto com a ilha de Chong Shau, através de um estreito istmo, cuja fronteira não ultrapassa os 200 metros, apelidado de Portas do Cerco²³.

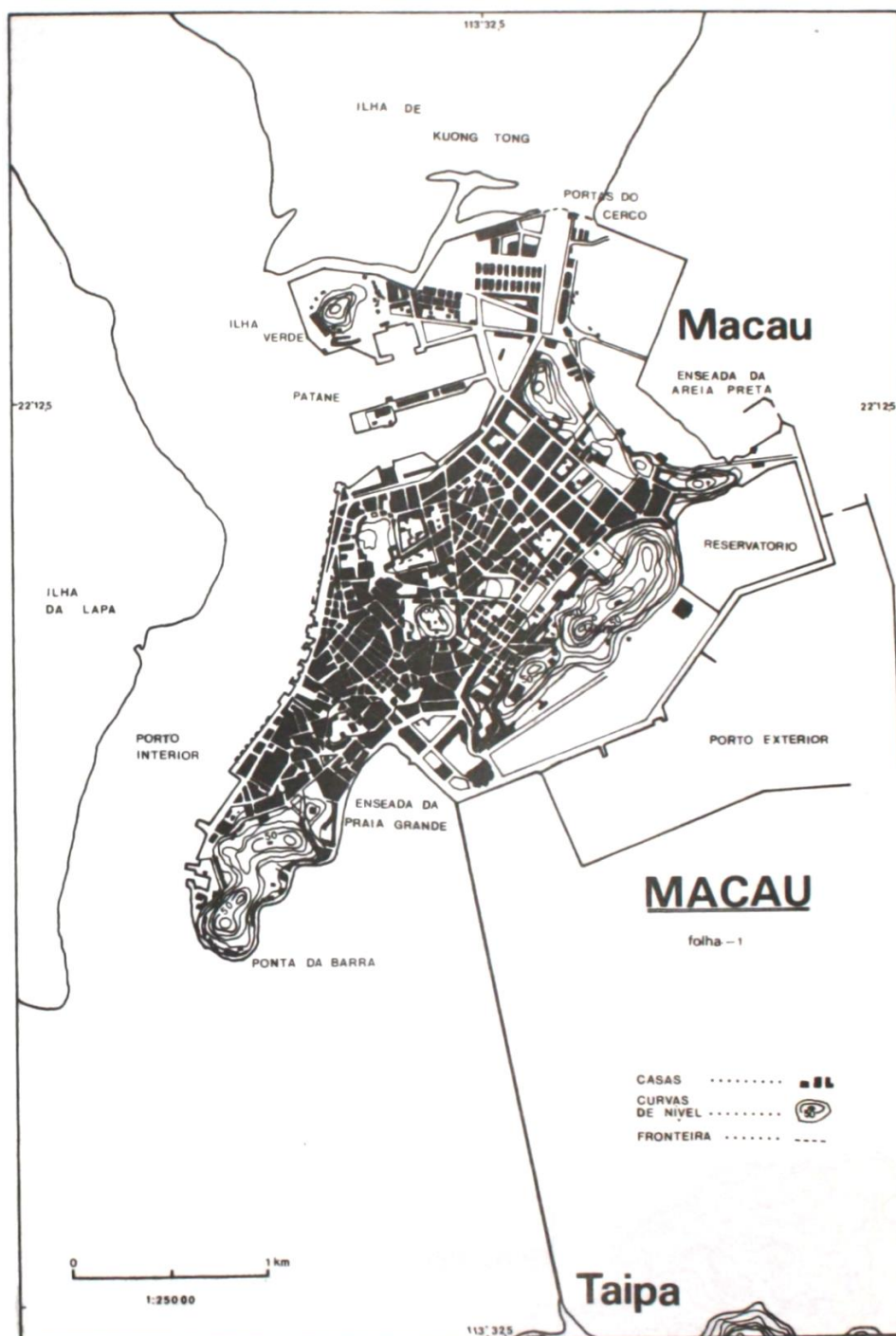


Fig. 2 Mapa da Península de Macau

Fonte: António Costa, *Macau: Imagens e números*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos geográficos, 1981.

²³ Cf. J. Carrington da Costa e M. J. Lemos de Sousa, *Fisiografia e geologia da província de Macau*, Macau: Governo da Província de Macau, Centro de Informação e Turismo, 1964.

O solo de Macau caracteriza-se na sua maioria por formações eruptivas, em particular rochas da família do granito, nas quais predominam as espécies calcálicas. O granito mais comum no território é de duas micas, predominando os de grão médio a grosso, com feldspatos esbranquiçados e rosados, cujos cristais bastante desenvolvidos, lhe concedem uma aparência porfiróide.

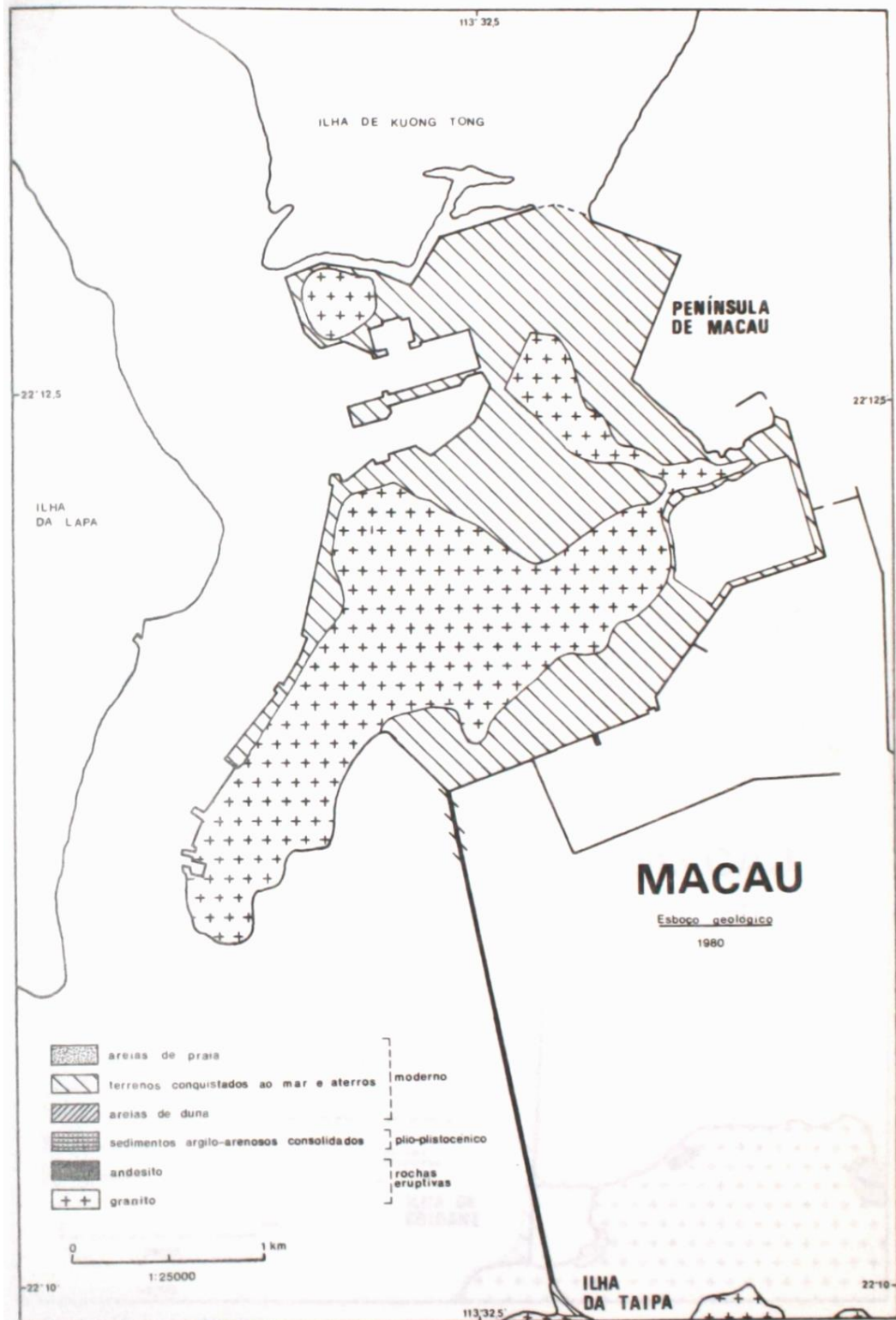


Fig. 3 Mapa Geológico da Península de Macau

Fonte: António Costa, *Macau: Imagens e números*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos geográficos, 1981.

A Cidade do Nome de Deus possui um contorno bastante irregular, destacando-se partes mais baixas, entre as várias elevações, resultantes de aterros. A situação que melhor se patenteia ao nosso estudo prende-se com a Ilha Verde. Esta ficara, inicialmente, ligada à península devido a depósitos de aluviões, a que seguiu um estreito caminho artificial e posteriormente unida por aterros.

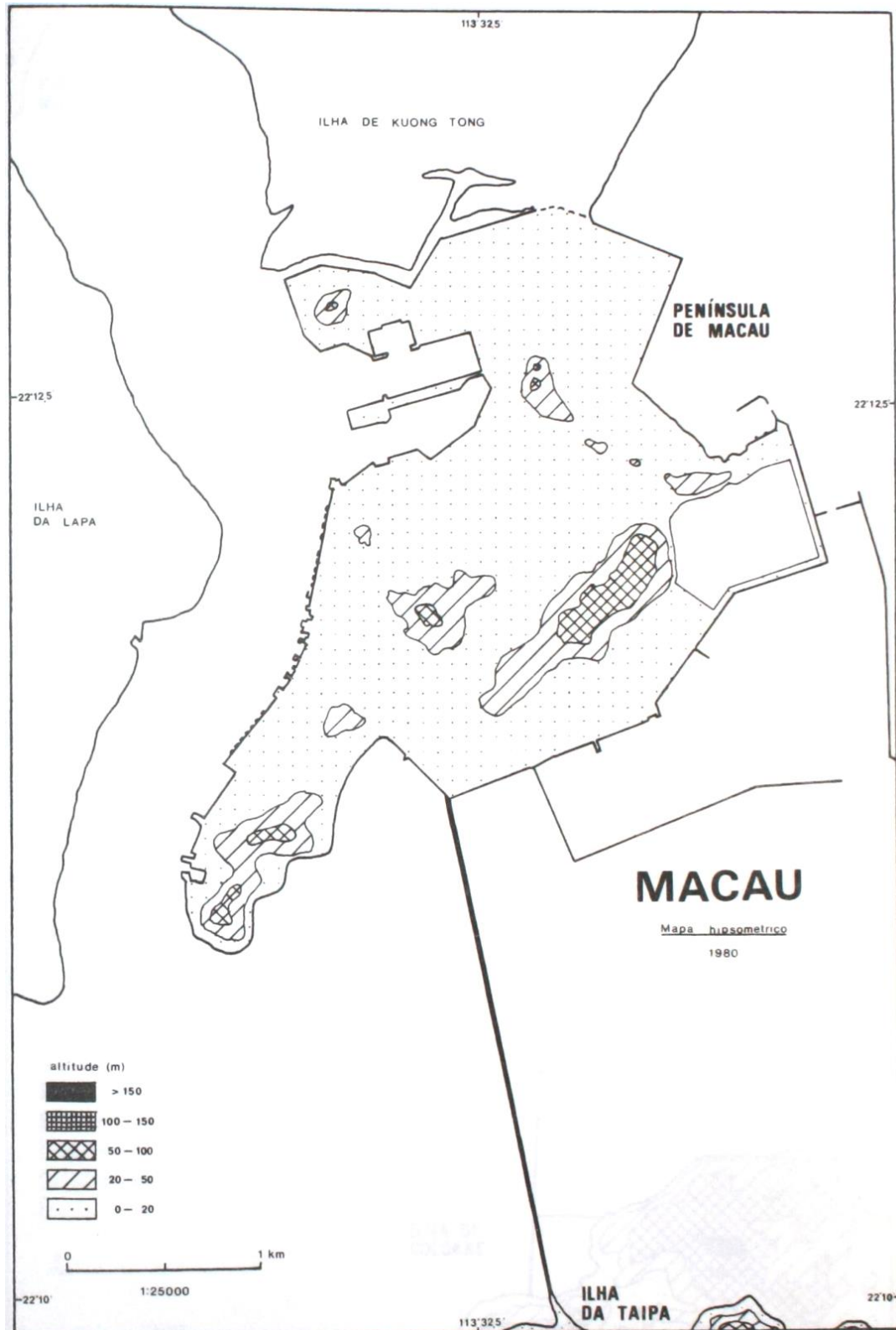


Fig. 4 Mapa Hipsométrico da Península de Macau

Fonte: António Costa, *Macau: Imagens e números*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos geográficos, 1981.

De entre as elevações desta península, cujas altitudes se encontram no quadro seguinte (tabela 1), destacamos o Farol da Guia como o ponto de maior altitude, 110, 18 metros, e o Monte com 61, 30 metros, onde a Companhia de Jesus viria a erigir o seu colégio²⁴.

Tabela 1

Elevações	Altitude (metros)
Farol da Guia	110,18
Penha	74,83
Barra	73,98
Monte	61,30
D. Maria	51,11

Actualmente verifica-se apenas a existência de uma só baía, a Praia Grande.

A península encontra-se revestida por pinhais (*Pinus massoniana*) dos quais a espécie é nativa do sul da China²⁵.

Com um valor médio anual da temperatura do ar superior a 20° e uma amplitude da variação anual da temperatura média do ar compreendida entre os 15° a 28°, o clima de Macau caracteriza-se por ser quente e moderado. O valor médio da humidade relativa do ar situado entre os 75 e 90%, bem como quantitativos médios anuais de precipitação compreendidos entre os 1000 e 2000 mm, conferem-lhe, ainda, as características de húmido e chuvoso.

Não se verificam quedas regulares de neve e a temperatura média do ar no mês mais frio situa-se entre os 0° e 18°. Verifica-se a existência de uma estação seca que coincide com a estação fresca do ano. O verão é quente sendo a temperatura média do ar no mês mais quente superior a 22°.

O território de Macau é ocasionalmente atingido por tufões da região do sudeste do pacífico-norte, ocorrendo normalmente desde Maio até Novembro com grande probabilidade de serem acompanhados de chuva, em geral muito forte²⁶.

Macau ficou conhecida no ocidente como a pérola do oriente, todavia, o seu topónimo deve-se à padroeira da cidade a deusa *A-Má*.

A divindade em causa é considerada na mitologia chinesa a protectora dos marinheiros, dos pescadores e dos mareantes, assim compreende-se que ao porto onde

²⁴ J. Carrington da Costa e M. J. Lemos de Sousa, ob. cit.

²⁵ Cf. António Costa, ob. cit.

²⁶ Cf. J. Carrington da Costa e M. J. Lemos de Sousa, ob. cit.

se encontrava o altar a *A-Má*, se apelidasse de *A-Má-Gau*. *Gau* significa baía, logo *A-Ma-Gau* é a baía da deusa *A-Má*²⁷.

Considerado um espaço de aproximação e elo de ligação entre o ocidente e o oriente, foi simultaneamente uma região de paz, refúgio e tolerância.

A atestar essas características encontramos o nome dado pelos jesuítas portugueses a esta localidade, Cidade do Santo Nome de Deus de A-Ma-Gau.

A entrada dos portugueses em Macau no século XVI caracterizou-se pelo seu carácter pacífico, com total ausência de conflitos e sem nunca invocarem direitos de soberania ou de império, estabelecendo-se assim uma boa relação com os mandarins, o que não se verificou no Japão²⁸.

O estabelecimento de um porto europeu na foz do rio da Pérolas era do interesse não apenas da economia chinesa, no séc. XVI e seguintes, mas, também, dos portugueses.

Embora a China estivesse consciente do seu poder e da sua superioridade cultural verificou-se, durante um largo período de tempo, uma mútua desconfiança acompanhada de inúmeras negociações, hábil diplomacia, muitas mesuras e política sinuosa, como uma serpentina de parte a parte.

Essa política descreve-se de uma particular inteligência e respeito pela diferença.

Na China dos mandarins respeitavam-se os credos de todas as civilizações, o que não se verificava, como já referimos anteriormente, em território nipónico.

A fachada da igreja do colégio de S. Paulo²⁹ é um sermão pregado pelo ocidente ao Oriente que prova essa tolerância. Os jesuítas como habilíssimos e astuciosos políticos dedicaram o seu novo templo à mãe de Deus e não, simplesmente, a Deus ou Cristo. Esta manobra diplomática dos padres da Companhia de Jesus deveu-se ao facto de a China já possuir um ou mais deuses, pelo que não querendo entrar em porfias, vinham antes dar a conhecer a mãe de Deus. Testemunho dessa postura é a construção da fachada da igreja em honra da Mãe de Deus, que se encontra, presentemente, incluída no conjunto monumental do Museu de Macau³⁰.

²⁷ <http://www.macauheritage.net/pt/HeritageInfo/HeritageContent.aspx?t=M&hid=51>, visualizado a 16-08-2014, às 17h15.

²⁸ *Cartas Anuais Do Colégio De Macau: 1594-1627*, Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999.

²⁹ Ver Anexo 6.

³⁰ <http://www.macauheritage.net/pt/HeritageInfo/HeritageContent.aspx?t=M&hid=51>, visualizado a 16-08-2014, às 18h.

Macau caracterizou-se por um manancial de civilização, onde se estabeleceu um pacífico encontro entre duas civilizações.

3.5.1 O caso de S. Paulo de Macau

O projecto inaciano teve uma difusão tão profunda na Europa de quinhentos que D. João III requisitaria a presença dos jesuítas muito antes do mesmo ser firmado pelo Papa Paulo III, em 27 de Novembro de 1540.

Lisboa convertia-se, assim, na “rampa de lançamento”³¹ da Companhia, sendo Coimbra a primeira matriz da formação inaciana em todo o globo.

A essência da missionação manifestava-se da disponibilidade de se “ser enviado a qualquer parte do mundo às ordens do Papa”³² a fim de acudir as necessidades por este indicadas.

As sinergias envoltas no espírito missionário passavam não apenas pela entrega total à obra, mas no estabelecimento de instituições de ensino, nos territórios ultramarinos, vocacionadas para a transposição de saberes e conhecimentos úteis a esta intensa jornada e a difusão da mensagem de Jesus Cristo. Tal permite-nos compreender que só após 12 anos da chegada dos primeiros jesuítas a Portugal, seja fundado o primeiro estabelecimento no rectângulo ibérico, temendo-se, como efeito, a debilidade do empenho e mobilidade para com a aventura ultramarina.

O contexto apresentado conduz-nos à fundação do Colégio de S. Paulo, da cidade de Macau, que tinha como primordial função a preparação de missionários e clérigos capazes de evangelizar e suprir as carências religiosas no extremo oriente. Embora, Goa seja considerada o polo central da missionação, devido em parte à presença de Francisco Xavier, a “placa giratória”³³ no que respeita às missões e inculturação, foi sem hesitação Macau.

Se para os chineses mais não era que uma península entrincheirada no centro do grande delta composto pelo rio das Pérolas e rio do Oeste, para a política expansionista e comercial portuguesa no extremo oriente demarcava-se por uma excelente posição estratégica favorecida pelo seu porto de mar, tornando-se a principal entrada para o império do meio.

³¹ António Lopes, “História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus”, *A companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*, Lisboa: Brotéria, 2000, p.37.

³² António Lopes, ob. cit., p.37

³³ António Lopes, ob. cit., p.38.

O marco cronológico para a chegada dos portugueses a Macau encontra-se estabelecido para o ano de 1557, embora haja quem conteste esta data, aduzindo à presença de jesuítas dois anos a menos. Este hiato temporal não demonstra, todavia, grande relevância para o nosso estudo, e mais não deve do que se tratar de um erro do copista que pretenderia fazer referência a Lampacao³⁴.

Não temos dúvidas que, independentemente da data apontada, para a chegada dos lusos à península asiática, certo é que é terão desembarcado, juntamente com estes, alguns sacerdotes, em particular jesuítas, uma vez que eram tidos como os companheiros sagrados das viagens ultramarinas por excelência.

A chegada dos portugueses e da sua fé permitiu, assim, que a cidade se convertesse no principal ponto religioso e cultural destas latitudes.

Se numa primeira fase a acção dos membros da Companhia de Jesus terá sido apenas de reconhecimento e apoio espiritual aqueles que do Restelo partiam, rapidamente perceberam que Macau poderia constituir-se um ponto fulcral para a evangelização do extremo oriente, mais concretamente para a do impermeável império Chinês.

O ensejo de penetrar no império do meio não se mostrava precipitado. Francisco Xavier tentará por inúmeras vezes estabelecer contacto com os chinas e aí estabelecer-se de alguma forma, mostrando-se, contudo, uma prova inglória, da qual o mesmo se ressentirá no momento da sua morte.

O império dos Ming³⁵ apresentava-se desde sempre extramente fechado à entrada de estrangeiros, particularmente de religiosos de outros credos. Embora, aduzisse à variedade de cultos de forma isenta, todas corroboravam o carácter divino do imperador e sua legitimidade política, podendo a entrada de novas expressões religiosas, como o cristianismo, colocá-la em causa.

Aos padres jesuítas o alcance do sonho Chinês revelava-se não apenas como a concretização do ardente desejo do apóstolo do oriente mas, também, o contacto com uma cultura milenar cujos conhecimentos associados aos saberes ocidentais poderiam contribuir amplamente para o desenvolvimento das ciências. Macau afigurava-se como a porta de entrada para o desconhecido e almejado centro de saber no oriente, sendo objectivo primordial, dos companheiros de Inácio de Loyola, para além da transmissão e

³⁴ Vide Couceiro, Gonçalo. *A igreja de S. Paulo de Macau*. 1997

³⁵ Dinastia reinante na China entre 1368 e 1644. Fundada pelo filho de um camponês que se revoltou contra a usurpação Mongol. Só em 1514 se encetaram as primeiras trocas comerciais entre o império chinês e a Europa. "Ming" in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XVII, Lisboa/ Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1947, p.288.

difusão do cristianismo, o instituição de um núcleo científico na China, que se viria a verificar com a permissão para o seu estabelecimento em 1583.

A aprovação, em 1560, pelo Padre Geral, para se doutrinarem todos os indivíduos das partes remotas do oriente, a fim de servirem de intérpretes na incessante tarefa da conversão, oficializava um percurso que se verificaria ao longo dos séculos tortuoso e lento.

Em 1561³⁶ estabelecia-se a Companhia de Jesus, oficialmente, em Macau. Se as condições iniciais se deparavam precárias rapidamente, graças à solicitude e caridade dos mais de 800 portugueses que entretanto habitavam o território, se iniciou a construção de espaços modestos para o seu domicílio. Com efeito, em 1565, fundava-se a primeira residência inaciana, composta por “casinhas térreas”³⁷ em tabiques ouvindo-se as conversas de umas salas para as outras.

Se a missão macaense afigurava-se preponderante para acção da Companhia, não o era menos para a coroa portuguesa, com denotava particular atenção e protecção para com esta. O projecto expansionista e comercial a oriente dependiam, claramente, da cooperação da Companhia de Jesus. Portugal tentava a todo o custo estabelecer uma política de alianças e a formação de colónias e mercancias, cuja acção da congregação inaciana contribuía positivamente. O seu elevado nível moral, cultural e retórico denotava boa impressão perante as autoridades provinciais e central do império do meio, reforçando a imagem dos portugueses, que já por si se encontrava fortalecida em prol da sua faceta religiosa e devocional.

O carácter pacificador e reconciliador dos jesuítas, que não raras vezes regulavam conflitos pessoais, sociais e até mesmo económicos junto dos macaenses ou no relacionamento com os vizinhos chineses, entrando a ingerência do Estado da Índia e das autoridades chinesas, granjearam-lhes uma posição vital nos assuntos da coroa e da sã convivência das relações interculturais.

A sua acção pedagógica inicia-se, precisamente, com estas mediações interculturais e cívico-pacificadoras.

O cunho intelectual e humanista da Companhia de Jesus, que já anteriormente focámos, conduz à fundação do Colégio de S. Paulo, da cidade de Macau que entretanto, em 1586, fora baptizada de Santo Nome de Deus.

³⁶ João Pedro Ferro no seu artigo “O Ensino”, *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, Vol. I Tomo I, Lisboa: Fundação Oriente, 1998, p.439, aponta o ano de 1563 para a sua chegada oficial; enquanto Horácio Peixoto de Araújo, *Os Jesuítas no Império da China*, Macau: Instituto Português do Oriente, 2000, p. 94, indica o ano de 1565.

³⁷ Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo*, Vol. I Lisboa: Círculo de Leitores, 2008, p.412; e Gonçalo Couceiro, *A igreja de S. Paulo de Macau*, 1997, p.28.

Se inicialmente os membros da comunidade inaciana em Macau se limitaram ao ensino da leitura, escrita e contar, em português e algumas vezes em latim, bem como ao estudo da língua e costumes chineses para melhor proporem o evangelho, rapidamente esse arquétipo ver-se-ia modificado.

Primeiramente, as autoridades chinesas exigiam àqueles que fossem missionar em terras do imperador uma estada de no mínimo dois anos.

A necessidade de catecismos em línguas nativas e um contacto cada vez maior com as populações locais tornou consciente a necessidade da elaboração de vocabulários, dicionários e gramáticas das línguas orientais, bem com, a constituição de uma ampla e organizada lexicografia europeia dos dialectos orientais.

A aprendizagem da língua não teria como único intuito a evangelização directa dos sínicos mas, igualmente, a diminuição dos gastos com os intérpretes que se demonstravam a pedra de toque da missão.

Perante este cenário formalizava-se, em 1572, sob o aval do padre visitador Gonçalo Alvares, a primeira escola oficial, de matriz inaciana, sob o nome de *Primum Litterarum Scholam*. Nos doze anos que se seguiram o número de alunos ascendia a cerca de 200, frequentando além das disciplinas já citadas, música, ensinamentos rudimentares de matemática, doutrina e bons costumes, leccionadas por 12 jesuítas, na sua maioria de origem portuguesa. O sucesso desta empresa foi tal que a Companhia se viu obrigada a proceder a constantes ampliações dos espaços escolares e habitacionais, concretamente em 1572, 1575 e 1578.

A trama alcança maior ênfase com a entrada em cena de Alexandre Valignano, sacerdote jesuíta, nomeado “Visitador das Missões da Companhia no Oriente”³⁸ pela Padre Geral, que em Setembro de 1578 aportava em Macau.

O seu agrado pela cidade levaram-no a afirmar que “la qualidad de la gente y sus costumbres, como en la qualidad y fertilidad de la tierra” bem como ser a “la más pacífica y bien gobernada tierra que hay en lo descubierto”³⁹ permitindo que Macau se tornasse no principal centro de estudos do extremo oriente, incidindo-se em particular no estudo da língua e cultura chinesas.

³⁸ Horácio Peixoto de Araújo, “Processo de Aculturação e métodos missionários no Império da China”, *A companhia de Jesus e a Missão no Oriente*, Lisboa: Brotéria, 2000, p.86.

³⁹ Alessandro Valignano. *Historia del Principio y Progreso de la Compañia de Jesus en la Indias Orientales*, p. 214-215, 228.

As dependências da Companhia voltariam em 1582, sob a supervisão do Padre Matteo Ricci, a alargar-se desta senda com o objectivo de acolher os missionários em trânsito para o Japão.

A pertinência da missionação jesuítica no Japão é sem qualquer sombra de acção o mote final para a florescimento total do Colégio de S. Paulo.

Os conflitos constantes em território nipónico e as lutas entre os daimyôs⁴⁰ levou Valignano, aquando da sua segunda estada no império do sol nascente, entre 1590 e 1592, a encarar como imperativo a preparação de um local seguro para os perseguidos e para a formação dos eclesiásticos. Numa primeira apreciação a escolha recairia de imediato sobre Goa, sede da cúria provincial. Porém, a criação pelo visitador, em 1581, da Vice- Província do Japão, cuja jurisdição espiritual e hierárquica compreendia a China, onde só penetrariam dois anos depois, e consequentemente a cidade de Macau, sobre a qual recaiu a sua escolha. As contestações, provenientes da Índia, não se fizeram esperar, que entrevia a perda do monopólio dos colégios indianos, apresentando como motivos os elevados gastos que as obras de melhoramento das instalações e a deslocação da missão gerariam, bem como a perda de um elevado número de homens indispensáveis à pregação. A preferência pela Cidade de Deus justificava-se pelo ambiente pacífico e devido ao número limitado de indivíduos e meios dispostos por Goa, onde toda colaboração seria exígua e tardia.

Embora, a carecesse da aprovação de Roma Alexandre Valignano defendia a diligência da mesma, afiançando a inexistência de despesa por parte do Japão. A sua decisão foi sem dúvida bastante arrojada, ao quebrar a hierarquia estabelecida pela sua congregação e principalmente por desconsiderar o quarto voto, obediência directa e disponibilidade para com o Santo Padre, proclamado apenas pelos padres professores da Companhia.

A audácia e pujança desta atitude permitiram que em pouco mais de um ano estivesse concluído o novo Colégio, cuja autorização entretanto fora concedida, em 1593, pelo Padre Geral, Cláudio Aquaviva⁴¹, desde que ambos seguissem o estilo

⁴⁰ Senhores feudais do império japonês, desde o século X até meados do século XIX. “The Japanese word *daimyo* is compounded from *dai* (“large”) and *myō* (for *myōden*, or “name-land,” meaning “private land”). Esta classe privilegiada limitou o poder político do imperador, transformando-o numa figura meramente decorativa, associado, sobretudo, à imagem de um semi-deus. Vide Armando Martins Janeira, *O Império Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa: Dom Quixote, p. 215; “daimyo”, *Encyclopædia Britannica Online*, 2014. Acedido em 11 de Fevereiro 2014.

<<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/149919/daimyo>>; “Daimiô” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. VIII, Lisboa/ Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1942, p.348.

⁴¹ Quinto Padre Geral da Companhia de Jesus desde 1581 até à data da sua morte em 1615. O seu ministério foi o mais extenso da história da ordem.

europeu. No caso da igreja esta deveria ter um frontispício que não destoasse muito da igreja mãe, em Roma, *Il Gesù*⁴².

As novas instalações finalmente detinham as condições essenciais – salas, capelas, enfermaria, refeitório, cozinha, forno, poço, oficinas, pátios, quatro aulas e demais divisões necessárias ao quotidiano – para o acolhimento de uma comunidade, que se queria numerosa, e uma escola para a formação de noviços, escolásticos e seculares⁴³.

A primeira casa da comunidade encontrava-se na zona da actual igreja de Santo António. Como qualquer ordem religiosa em anexo detinha igreja ou capela, neste caso de colmo, destruída por um incêndio, como se viria a verificar inúmeras vezes com as restantes instalações da congregação. A sucessão de reconstruções e de incêndios conduziram à decisão de transferir todo o complexo da Companhia de Jesus para um local mais elevado na colina onde se encontra actualmente a fortaleza do Monte. Aí erguer-se-ia, em 1582, a nova, sagrada com o nome de *Mater Dei*, em madeira e cobertura em telha, cuja fachada, em granito, é o derradeiro marco da presença inaciana em Macau e á qual se viria a anexar o famoso colégio de S. Paulo.

Não se julgue, no entanto, que a mudança se deveu aos constantes incêndios, mas antes à falta de espaço para acolher um número crescente de jesuítas em trânsito para o Japão ou na esperança de transporem as impenetráveis fronteiras chinesas.

Quanto à sua acção o colégio de Macau prosseguiria com a política de transculturalidade principiada no Japão, constituindo-se um espaço de formação e estágio para os jesuítas provenientes da Europa ou Índia que almejassem entrar no Japão. Desejo esse que se viria a figurar, posteriormente gorado uma vez alterados os objectivos de missionação da Companhia com o desenvolvimento das missões chinesas e o término da interferência estrangeira no Japão.

A actuação do colégio de S. Paulo de Macau demarcou-se com tal preponderância no Oriente que não podemos estranhar a sua promoção, a 1 de Dezembro de 1594, a Colégio Universitário, tornando-se o cerne religioso, cultural, científico, político e artístico no extremo oriente, preparando, simultaneamente sacerdotes para a missionação no sudeste asiático, Japão e China.

⁴² “Notícia da igreja deste Collegio de Macao...” cod. 1695, A.H.U., Lisboa *apud* Gonçalo Couceiro, *A igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, (apêndice 2) p. 168-172.

⁴³ “Notícia da igreja deste Collegio de Macao...” cod. 1695, A.H.U., Lisboa *apud* Gonçalo Couceiro, *A igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, (apêndice 2) p.172- 173.

O modelo seguido por Macau tinha por base o exemplo europeu, em particular, o de Coimbra, no sentido em que atribuía semelhantes graus académicos. Embora, seguisse os cânones do velho continente, estabelecidos na *Ratio Studiorum*, não foram descuradas adaptações face à realidade local. O próprio Valignano, em 1507, inspirar-se-ia na ordenação, de 1559 e 1565, do Colégio das Artes em Coimbra.

O curso de artes oferecido por Macau passava a integrar a cadeira de teologia moral e teologia dogmática, tendo como objectivo a formação do clero nativo, subentenda-se chineses, japoneses ou euro-asiáticos, favorecendo, simultaneamente, os jesuítas europeus que não tinham estudado estas matérias.

Ao ensino em latim, língua universal por excelência, à época, tivera de se associar o ensino do português e do chinês, como idioma de cariz obrigatório, não descurando outros dialectos orientais e disciplinas como filosofia, matemática, astronomia, física e música.

O domínio do chinês emerge como pedra de toque na conversão dos sínicos à fé católica. No que respeita a esta matéria as constituições eram bastante explícitas, reforçando a ideia de que a aprendizagem das línguas nativas era vital para pregar e ensinar os sacramentos, bem como, o conhecimentos *in loco* e a prática quotidiana, associada a uma clara vocação linguística. Muitas foram as dificuldades emergentes na compreensão dos sinogramas, recorrendo-se ao desenho com a figuração da respectiva interpretação dos caracteres, como método de aprendizagem, ao mesmo tempo que se tentava verbalizar os mesmos. Este método permitiu estabelecer ao longo dos tempos laços verdadeiramente profundos com comerciantes, magistrados e mandarins.

O resultado da Companhia sublinha-se, também, devido ao progresso de Macau em detrimento das restantes feitorias e praças portuguesas nestas paragens, cuja cobiça e saque eram alvo de ingleses e holandeses. O desenvolvimento comercial deste burgo forjou, em parte, as glórias inicianas, no sentido em que este permitia financiar as despesas da comunidade jesuíta⁴⁴.

Outrossim, muitos mercadores declaravam que só comerciavam em locais onde os jesuítas fossem bem tratados, visto serem estes, muitas vezes, os seus intérpretes.

⁴⁴ Note-se que ao longo de mais de um século Macau custeou as missões da Companhia sempre que se verificava um défice de liquidez. Cf. Horácio Peixoto de Araújo, *Os Jesuítas no Império da China*, Macau: Instituto Português do Oriente, 2000, p.102 (nota de rodapé n° 77).

A cidade e o seu colégio adquiriram tamanha preponderância, que até à criação da vice-província da China, em 1623, “os jesuítas da China dependiam institucionalmente de Macau”⁴⁵.

A lonjura geográfica desta universidade não era sinónimo de ausência protocolar, pois obedecendo a um rígido cerimonial, solenizava e celebrava a conclusão dos demais actos académicos, carregados de simbolismo. Tal como na cidade do Mondego, também, o início do ano escolar, com a abertura solene das aulas, as orações e celebrações eucarísticas, antes dos actos académicos, o compasso do relógio e o dobrar dos sinos, bem como o uso ou não do barrete e o cuidado com as decoração dos espaços onde estes se desenrolavam eram alvo de atenção.⁴⁶ Seguindo, novamente, o exemplo Coimbra do já visado colégio e do estudo geral, Pedro Cardim, Reitor no período compreendido entre 1632-36, afirmava num relatório ao Papa que o colégio tinha prerrogativa de universidade, uma vez que concedia o grau de Doutor⁴⁷.

O êxito inaciano, face à actividade de dominicanos e franciscanos que se pode considerar diminuta e de fraca qualidade, deveu-se basicamente à actuação e diálogo aceitação do outro na sua essência mais pura, não condenando, mas apresentando uma alternativa, que a seu ver lhes parecia ser a mais correcta não apresentou a faceta opressora e castradora dos europeus. O evangelho não era imposto mas antes proposto, associado a todo um processo de aculturação que partia da assimilação dos ensinamentos de Confúcio, por exemplo, aos de Jesus Cristo, fazendo este último sobressair, passando pela apropriação da forma de agir e “trajar à maneira chinesa”⁴⁸ e terminando com a celebração da eucaristia em chinês.

Se o último ponto pode parecer susceptível em prol da instabilidade provocada pela reforma protestante, o certo é que Roma, apesar das contestações viria a permitir várias alterações na liturgia romana, tais como o idioma, a tradução da Bíblia e a celebração da missa de cabeça coberta, conforme a tradição local.

A adopção do vestuário dos sábios, bem como, abandonar a tonsura, permitindo-se o crescimento da barba facilitou a sua aceitação, numa sociedade, extramente fechada sobre si mesma, uma vez que deixavam de ser considerados uma nova vertente do budismo, alcançando o estatuto de letrados.

⁴⁵ Horácio Peixoto de Araújo, *Os Jesuítas no Império da China*, Macau: Instituto Português do Oriente, 2000, p.103.

⁴⁶ “Ordem que deo o Pe. Vizitador Alexandre Valignano em Outubro de 97 para as Escolas deste Collegio de Macao”, A.H.U., cod. 1695, fls. 277 V. et ss. *apud* Gonçalo Couceiro, *A igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, (apêndice 3) p.174-179.

⁴⁷ *Vide* António Francisco Cardim, *Batalhas da Companhia de Jesus*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.

⁴⁸ Horácio Peixoto de Araújo, “Processo de Aculturação e métodos missionários no Império da China”, *A companhia de Jesus e a Missão no Oriente*, Lisboa: Brotéria, 2000, p.90.

O carácter promotor dos jesuítas não foi sinónimo, no entanto, de uma coexistência religiosa pacífica. Várias foram as disputas⁴⁹ públicas entre missionários da Companhia e sacerdotes budistas, embora a sua relação se tenha marcado por postura de aceitação “face aos valores morais e éticos”⁵⁰.

No que respeita à diversidade dos alunos, estes eram na sua maioria jesuítas, padres e irmãos, provenientes da Europa, China e Japão.

O número de jesuítas formados em Macau ultrapassava os 40% do total dos companheiros de Santo Inácio que missionaram no Império do Meio ao longo de dois séculos⁵¹.

3.6 A missão pedagógica: da expulsão à actualidade

Após a expulsão dos jesuítas de Portugal, por Sebastião de Carvalho e Melo, e a publicação do breve de extinção da Companhia de Jesus, os padres e irmãos da ordem refugiaram-se na Prússia e no Império Russo, sob a protecção da Czarina Catarina, a Grande, onde o breve jamais fora publicado. Aí continuaram a formar jovens e a ordenar sacerdotes, permitindo deste modo que a sobrevivência da Companhia⁵².

Em 1814 a Companhia de Jesus era restaurada no mundo inteiro pelo decreto de Pio VII *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*.

A “nova” Companhia vê-se contudo, a braços com diversas dificuldades nos vários países onde retomara as suas actividades, verificando-se ao longo de todo o século XIX diversas expulsões por todo o globo. Em Portugal o ministro Joaquim António de Aguiar executaria essa sentença com a lei de extinção de todas as ordens religiosas⁵³.

Em 1863 os jesuítas retornam a Portugal, fundando em 1880 a actual Província Portuguesa da Companhia de Jesus, porém os ventos da república confirmariam a sua expulsão em 1910.

Em detrimento da situação apresentada os jesuítas de Portugal entenderam continuar a trabalhar para os portugueses, compreendendo-se assim que o noviciado e

⁴⁹ Entenda-se disputa como um exercício público de cariz argumentativo, dialéctico e retórico.

⁵⁰ Horácio Peixoto de Araújo, “Processo de Aculturação ...”, p.100.

⁵¹ Vide Hung Qichen, “O Colégio de S. Paulo, a Primeira Universidade de Macau”, *Simpósio Internacional Comemorativo Do 4º Centenário do Colégio Universitário De S. Paulo (1594-1994)*, Macau: I.C.M., 1994, p.24.

⁵² <http://jesuitasportugueses.wix.com/jubileu-2014#!da-supresso--restaurao/c1obe>, visualizado a 20-06-2014.

⁵³ <http://jesuitasportugueses.wix.com/jubileu-2014#!a-companhia-restaurada-1814183/c185t>, visualizado a 20-06-2014.

outras casas de formação se instalassem na Galiza, e o colégio em La Guardia, no lado espanhol da foz do rio Minho, fosse frequentado na sua maioria por alunos portugueses.

A ascensão do Estado Novo permitia que em 1932 a Companhia de Jesus regressasse a Portugal⁵⁴.

Iniciava-se, assim, um novo período para os jesuítas nacionais que com inúmeras precauções e receios, transferiram o colégio de La Guardia para a localidade de Santo Tirso, fundando o afamado Colégio das Caldinhas, proporcionando, actualmente, uma oferta de ensino do 1º ao 12º ano de escolaridade, a alunos provenientes, essencialmente, da região geográfica de Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão.

Igualmente o noviciado seria deslocado da Galiza para Soutelo, em 1951 aquando da doação da Casa da Torre, aos jesuítas, pela 2ª Viscondessa da Torre, permanecendo aí até 1978, ano em que se verificava a transferência para Coimbra. A Faculdade de Filosofia instalava-se em Braga, no ano de 1947⁵⁵.

A missão pedagógica da Companhia prosseguia o seu caminho com a fundação no ano de 1947, em Lisboa, do Colégio São João de Brito e do Colégio da Imaculada Conceição, em Cernache, em 1955.

A instalação destes colégios só foi possível graças ao dinamismo da Companhia de Jesus que adquiriu nas Caldinhas o hotel e as termas das Caldas da Saúde, em Lisboa a quinta e o solar da família Stromp, e em Cernache a quinta dos Condes da Esperança.

A par dos colégios a ordem religiosa entende que o acompanhamento espiritual e em certo ponto pedagógico dos universitários é uma prioridade na sua missão. Este contexto levou a criação de quatro centros universitários no nosso país, o CUMN- Centro Universitário Manuel da Nóbrega em Coimbra, o CAB - Centro Académico de Braga, na cidade de Lisboa o CUPAV- Centro Universitário Pe. António Vieira e o CREU-IL - Centro de Reflexão e Encontro Universitário Inácio de Loiola no Porto, fundados respectivamente em 1975, 1979, 1984, 1989⁵⁶.

⁵⁴<http://jesuitasportugueses.wix.com/jubileu-2014#!companhia-de-jesus-em-portugal/c1vq7>, visualizado a 20-06-2014.

⁵⁵<http://www.jesuitas.pt/Do-ex%C3%ADlio-%C3%A0-actualidade-220.aspx>, visualizado a 15-05-2014.

⁵⁶<http://www.jesuitas.pt/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-18.aspx>, visualizado a 15-05-2014.

4. PEDAGOGIA E TURISMO RELIGIOSO: DUAS VALÊNCIAS INACIANAS COMPLEMENTARES

O modelo de formação pedagógica proposto por Santo Inácio no século XVI e patente, no seu núcleo, ainda hoje nos colégios da Companhia de Jesus, não se seria exequível sem os fundamentos propostos nos Exercícios Espirituais delineados pelo fundador da ordem.

Os Exercícios Espirituais procuram auxiliar o homem no desempenho da sua liberdade. Esta liberdade pode ser exercitada com o intuito de construir espíritos “fortes em magnanimidade, valentia, coragem, solidariedade, fortaleza,...capacidade de amar”⁵⁷ de modo a atingir os objectivos a que o individuo se propõem na vida, seja ela pessoal, profissional ou espiritual.

Assim, é necessário um processo de interiorização através da revivência do passado com vista à projecção futuro.

Nas palavras do sacerdote jesuíta José Lopes “os Exercícios pressupõem uma sólida convicção: ninguém pode crescer se não se deixar ajudar. E esta ajuda tem um objectivo: o diálogo e abertura ao Outro”⁵⁸.

Através deste processo constante de formação é mais fácil ao individuo viver em sociedade, focando-se nos seus objectivos, porém tendo particular atenção no caminho percorrido para a obtenção dos mesmos.

Actualmente, estes exercícios apresentam-se como complemento não apenas de uma formação pedagógica, mas de uma educação espiritual para a vivência em sociedade.

Em pleno século XXI o Homem ocidental encontra-se inserido numa sociedade onde o homem se mostra incapaz em diversos momentos de reflectir com responsabilidade sobre si mesmo e sobre o itinerário a percorrer a fim de atingir os objectivos a que se propõe.

A Companhia, através dos Exercícios Espirituais, tenta formar o individuo nesse sentido, uma vez que “formação quer dizer reforma de vida e generosidade”⁵⁹.

⁵⁷ José Manuel Martins Lopes, *Projecto educativo dos colégios da Companhia de Jesus: fundamento e finalidade*, Braga: A.O, 1997, p. 52.

⁵⁸ José Manuel Martins Lopes, ob. cit., p. 52.

⁵⁹ José Manuel Martins Lopes, ob. cit., p. 50.

Assim, tal como se impõe parar as actividades quotidianas para usufruir de um tempo de recuperação de energias físicas e psíquicas, através do turismo, seja ele balnear, de montanha, urbano, ou termal, apresenta-se de alguns anos a esta parte o turismo religioso como forma de encontro do Homem com Deus e consigo mesmo.

Os Exercícios Espirituais inicianos integram-se amplamente nesse nicho da actividade turística, educando aqueles que os procuram para uma nova forma de estar.

Essa educação encontra-se disponível para todos os que dela desejem usufruir, constituindo grupos de indivíduos que se deslocam, por um período mínimo de três dias, exclusivamente com esse fim.

A deslocação destes grupos inconscientemente provoca alterações na própria geografia das vivências religiosas e na paisagem que as acolhe.

4.1 A geografia da religião e o turismo religioso: uma questão epistemológica

Vários são os modos de pensar a Geografia. As experiências vividas e a consciência do Homem face ao espaço que o rodeia, bem como os significados pessoais e valores que imputam a este, a par da de uma consciente e intencional utilização do mesmo permite-nos estudar como habitam os seres humanos e qual a sua noção de espaço.

A abordagem fenomenológica, que se enquadra no seio das correntes de pensamento geográfico pós-modernista, permite a utilização de um complexo e variado leque de metodologias de investigação associado a uma cultura cuja complexidade socio-espacial encontra-se dominada por imagens, metáforas e representações.

Não é de estranhar, assim, que esta cultura coadune configurações tradicionais ou recriadas de religiosidade.

Embora os estudos religiosos não tenham tido uma forte preponderância na geografia, através de uma abordagem hermenêutica, assistimos a uma interdisciplinaridade e especialização dentro da geografia, na qual a espiritualidade/religião emerge como uma das suas preocupações centrais. Todavia, esta é uma área que até aos anos 80 do século XX se encontrava marginalizada, sendo pioneiros os estudos de geógrafos do Brasil, Alemanha e países anglo-saxónicos⁶⁰.

A pertinência de uma geografia da religião surge, segundo Surinder Bhardwaj, “uma vez que o carácter dos lugares e a organização espacial residem no âmago da

⁶⁰ Zeny Rosendahl, ob. cit. 2002; Maria da Graça Lopes da Silva Mougá Poças Santos, ob. cit.

geografia, a natureza da circulação gerada por lugares sagrados tem que ser tratado como uma problemática da geografia”⁶¹.

O sagrado revela um importante papel na recriação e conhecimento do espaço, uma vez que se afirma como produtor da paisagem e não um mero aspecto desta⁶². Entenda-se que o fenómeno religioso é produtor de aspectos territoriais e patrimoniais e não apenas um aspecto da paisagem.

O território transpõe, assim, as barreiras naturais, sendo considerado foco de intervenção e transformação do Homem, tendo como premissa valores que este adoptou no espaço.

No caso do território religioso, este não se enquadra a um espaço físico delimitado, podendo transgredir as fronteiras deste ou delimitar outras de acordo com o prisma da vivência espiritual.

Importa, assim, não descuidar os efeitos do fenómeno religioso na paisagem ou a influência das representações individuais e colectivas de matriz religiosa na formação de territórios. Estes são uma construção social no qual a apropriação do espaço se verifica em termos de usos e representações colectivas.

No que concerne ao território religioso este pode adoptar uma configuração simbólica, com base num lugar idealizado, assumindo-se como factor de identificação e agregação num espaço concreto.

A geografia da religião permite uma total interdisciplinaridade por ser objecto de análise de múltiplos factores e características. Ao explicar-se a vertente geográfica da religião compreende-se que a acção do Homem e várias das suas tradições e comportamentos são alvo de operação espiritual caracterizando e modelando o espaço.

Ao trabalharmos esta temática há que considerar que os conceitos religião e espiritualidade possuem fronteiras muito ténues. Contudo, o conceito de espiritualidade é, talvez, o que melhor se apresenta, no caso concreto dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, no sentido em que o sujeito central da acção é o Eu. A busca pelo conhecimento de si próprio enquanto ser espiritual encontra-se associada à fruição de lugares/espacos distintos do quotidiano.

Neste sentido, todo aquele que faz exercícios espirituais pode ser considerado um peregrino, uma vez que, também, se desloca geograficamente em busca da casa do sagrado, do espiritual, procurando “a paz pessoal e um equilíbrio e conhecimento de si

⁶¹ *Apud* Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos. ob. cit., p. 104.

⁶² Isabel Nunes Dias. *Turismo cultural e religioso no distrito de Coimbra: mosteiros e conventos: viagem entre o sagrado e profano*. Coimbra:2010.

mesmo”⁶³. Em última instância podemos afirmar com total segurança que se trata de uma peregrinação interna, cuja deslocação, encerra, não apenas objetivos de salvação, mas uma fuga do quotidiano em busca de novos horizontes de transcendência.

Todo este fenómeno encontra-se dependente da fruição de lugares/espços distintos do quotidiano, verificando-se uma associação entre deslocações, pernoitar e tomar as refeições em instalações próprias para o efeito. Gera-se, assim, uma simbiose com a actividade turística, na qual a espiritualidade dá origem a um subtipo de turismo.

Esta questão conduz-nos a uma concepção menos convencional da religião, devido ao objecto da nossa investigação empírica. Ao abordarmos a temática da espiritualidade esta transcende os limites do estritamente religioso.

Actualmente deparamo-nos com a “secularização da vida social”, no entanto, muitos são aqueles que referem já “um regresso ao religioso ou, talvez com maior propriedade, ao espiritual”⁶⁴, vincado pelo cunho individual e privado das práticas, menos exteriorizadas e inculcadas pela sociedade ou por via familiar. Segundo Paul Claval “vivemos portanto num período de desordem: isto é marcado pelo regresso do religioso e pela busca de novas ideologias”⁶⁵. O mundo ocidental caracteriza-se hoje por uma multiculturalidade espiritual, na qual se inserem múltiplas práticas católicas ou não. Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, embora inseridos na igreja católica, fogem ao *cliché* de “uma prática institucionalizada que caracterizava, por exemplo, a sociedade portuguesa até há alguns anos”⁶⁶.

O quadro de secularização tem encaminhado a igreja para uma reorganização espacial da igreja católica favorecendo “uma organização de tipo reticular”, no sentido em que se tornam cada vez mais emergentes as afinidades de doutrinas ou práticas religiosas “formando redes mais difusas do ponto de vista espacial”⁶⁷. Tenha-se como outros exemplos não apenas as comunidades jesuítas, mas, também, entre outras, Taizé, Opus Dei, ou Carismáticos.

Embora o contrário não se verifique, o tempo de lazer surge neste cenário como possível factor de intensificação do espiritual, no sentido em que o voluntarismo torna-se mais presente, sendo passível a visita a santuários ou centros religiosos. Neste particular destacamos os mais jovens que em consequência da sua maior gestão do

⁶³ Catarina Duarte Fontoura Nadais. *O turismo e os territórios da espiritualidade: os caminhos de Santiago em Portugal*. Coimbra: [s.n.], 2010, p.8.

⁶⁴ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos. Ob. cit., p.46.

⁶⁵ *Apud* Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p. 49.

⁶⁶ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p. 49.

⁶⁷ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p.50.

tempo dedicado ao lazer, não ficam imunes a estas experiências pessoais, nas quais emergem a afectividade e emotividade. Não é de estranhar que se assista a um aumento destas vivências religiosas, extremamente enraizadas no catolicismo, porém distintas da frequência regular aos actos de culto mais tradicionais.

Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola enquadram-se, assim, num a prática essencialmente “voluntária, autónoma, modulável, individual (no que tange à escolha), móvel e excepcional (extraordinária)”⁶⁸.

Simultaneamente assiste-se na actualidade a uma fusão da cultura com a religião, uma vez que esta última é modeladora dos padrões culturais e conseqüentemente do espaço envolvente, conduzindo a uma re-avaliação e interpretação deste, assumindo-se novas atitudes e valores face à vida e ao outro.

Neste quadro que apresentamos importa diferenciar dois conceitos integrantes da temática, o de peregrino e o de turista. Enquanto o primeiro se identifica por um carácter mais espiritual, uma postura mais livre, auto-organizando-se, o segundo revela uma experiência mais estética e intelectual, na qual a viagem é organizada por agências ou organismos religiosos⁶⁹.

Perante este cenário indagamos quais os pontos em comum entre estes dois tipos de viajantes que visam como ponto central da sua deslocação o religioso. Estes são relativos à duração da deslocação, em ambos os casos têm o tempo delimitado, efectuam-se voluntariamente, geram fluxos e usufruem das mesmas vias.

Os praticantes de Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola encontram-se inseridos nestes dois conceitos cuja estrema neste quadro é verdadeiramente ténue. Embora se verifiquem a quase totalidade das características do peregrino, estes exercícios são organizados e agendados pela Província Portuguesa da Companhia de Jesus, tornando os seus praticantes a um misto de peregrinos e turistas. Neste particular é a intenção e o carácter espiritual que os consagram como peregrinos, colocando o conceito de turista para segundo plano.

Segundo Zeny Rosendahl⁷⁰ não podemos descurar a dimensão económica e política destas motivações. Apesar de estas serem mais prementes na vertente turística,

⁶⁸ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p.55.

⁶⁹ Zeny Rosendahl. *Território e territorialidade: uma perspetiva geográfica para o estudo da religião*. São Paulo:2005. Consultado em suporte digital a 8-06-2014, às 16h, no website <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/ega110/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>

⁷⁰ Zeny Rosendahl. Ob. cit. São Paulo: 2005.

as peregrinações albergam-nas, igualmente, a escalas diversas, conforme o destino destas últimas.

As várias propostas da Companhia de Jesus, para a realização de Exercícios Espirituais, obrigam a investimento nas deslocações e conseqüentemente nas vias e meios de comunicação, podendo as autarquias incentivar à sua disseminação como fenómeno de atracção local. Ao mesmo tempo obrigam a um aumento do consumo, a nível local, de viveres, estimulando desta forma a economia, uma escala ainda que micro.

O turismo religioso não se encontra dependente das oscilações económicas ou da sazonalidade, podendo contribuir de um modo contante para as economias locais.

Face a este quadro importa discernir o espaço sobre o prisma da percepção, espaço pensado, “e da vivência dos indivíduos”, espaço vivido, fenómenos através dos quais “se processam as representações e as memórias e se geram os símbolos que os identificam no seio de um agrupamento humano como um certo território de referência”⁷¹.

Para a geografia interessa, nas palavras de Graça Poças, “o encontro da dimensão material e visível do espaço (incluindo a respectiva organização e as estruturas materiais nele edificadas) com a carga simbólica que lhe é conferida e com as representações que lhe estão associadas (dimensão ideal), por pessoas ou grupos enquadrada por uma dimensão não-visível, mas real, constituída por fluxos, conexões, intercâmbios, redes, etc.”⁷².

O turismo religioso, fenómeno com poucas décadas e fruto da decadência, no pós-guerra, das mais institucionalizadas formas de turismo, surge como atracção aos mais jovens, no qual se revêem mais facilmente do que na liturgia dominical das suas localidades⁷³.

Não podemos, contudo, excluir a vertente lúdica deste tipo de turismo. Aos exercícios espirituais de Santo Inácio encontra-se implícito o descanso, tanto físico como moral e o desenvolvimento da personalidade, permitindo ao peregrino aprender a conhecer e a pensar, a fazer, a ser e viver com os outros⁷⁴.

⁷¹ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p.66.

⁷² Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p.67.

⁷³ Isabel Nunes Dias, ob. cit.

⁷⁴ Isabel Nunes Dias, ob. cit., p.58.

A tendência do turismo religioso é a segmentação, no sentido em que cada lugar tem e deve promover uma imagem e vocação específica atendendo às características religiosas e culturais da sociedade em que se insere⁷⁵.

A religião comunica através de símbolos, criando geosímbolos no seio do turismo religioso. O território apresenta-se como componente e referência emblemática destes, uma vez que se reveste de significado para os crentes.

Os condicionamentos simbólicos permitem a expansão de ideias, através dos processos de aculturação infundidos pelos movimentos das pessoas.

O nosso objecto de estudo não é o melhor exemplo no que respeita a este conceito⁷⁶, todavia, para aqueles que se encontram familiarizados com a linguagem inaciana, ou para os locais de Soutelo, torna-se difícil não efectuar um imediato paralelismo com a Casa da Torre e os seus exercícios espirituais, quando nos referimos a esta localidade.

Percebe-se, assim, que o território religioso seja o produto de contínuos actos religiosos e das diversas modalidades de apropriação do espaço, visto se verificar a pertinência da imagem que se vai edificando destes pontos, como a pluralidade de representações assimiladas.

Em suma, os territórios religiosos são “construídos pelos crentes com suas vivências e práticas, mais do que por actos de entidades religiosas institucionalizadas”⁷⁷. Compreende-se, assim, a manifestação do sagrado no espaço, possibilitando a emergência de hierofanias⁷⁸, todavia, temos de considerar “que existem espaços mais sagrados que outros”⁷⁹.

⁷⁵ Isabel Nunes Dias, ob. cit.

⁷⁶ Acerca deste conceito *Vide*, a título de exemplo, Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit.

⁷⁷ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p.80.

⁷⁸ Conceito proposto, nos anos 60 do séc. XX, por Mircea Eliade. Acerca da definição do mesmo *vide* Zeny Rosendahl, ob. cit. 2002, p. 81.

⁷⁹ Zeny Rosendahl, ob. cit. 2002, p. 65.

5. LOCALIDADES PROMOTORAS DE EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS INACIANOS – CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

As casas que acolhem os Exercícios Espirituais de Santo Inácio situam-se em distintos espaços geográficos que em muito podem contribuir para o sucesso da mesma, uma vez que abrangem diversas regiões de Portugal Continental, podendo contemplar, entre outras, paisagens de mar ou serra.

Administrativamente os espaços em estudo encontram-se dispersos no território nacional, todavia, apresentando-se no essencialmente no litoral português, com especial enfoque, segundo a Nomenclatura de Unidade Territorial II (NUT II), nas regiões Centro e de Lisboa.

Na região Norte, sub-região do Cávado, encontramos Soutelo, freguesia do concelho de Vila Verde, distrito de Braga.



Fig. 5 Casa da Torre – Soutelo

Na região Centro, destacamos duas localidades, Costa Nova e Fátima. A primeira no Baixo Vouga insere-se no concelho de Ílhavo e na sua freguesia de Gafanha da Encarnação, distrito de Aveiro, enquanto a segunda mais a sudeste é freguesia do Concelho de Ourém, distrito de Santarém, enquadrando-se na sub-região do Médio Tejo.



Fig. 6 Casa de Fátima

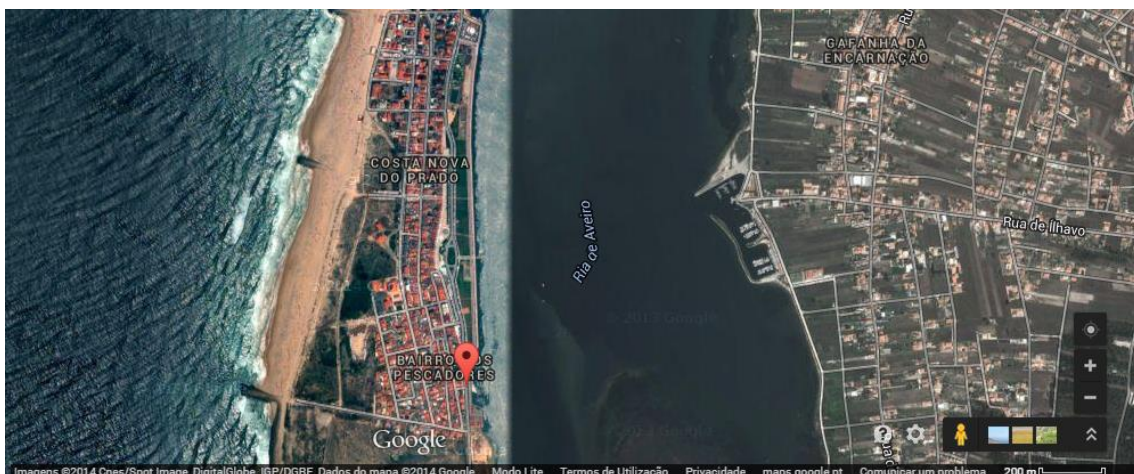


Fig. 7 Casa da Costa Nova

A norte do Rio Tejo topamos, já na região e distrito de Lisboa, na sub-região da Grande Lisboa, a freguesia de Colares, onde se encontra o lugar do Rodízio, no concelho de Sintra, em proximidade da Praia Grande. Em contraponto, na mesma região, porém, no distrito de Setúbal deparamo-nos com a última localidade do nosso estudo, Palmela, freguesia e concelho da mesma.



Fig. 8 Casa do Rodízio

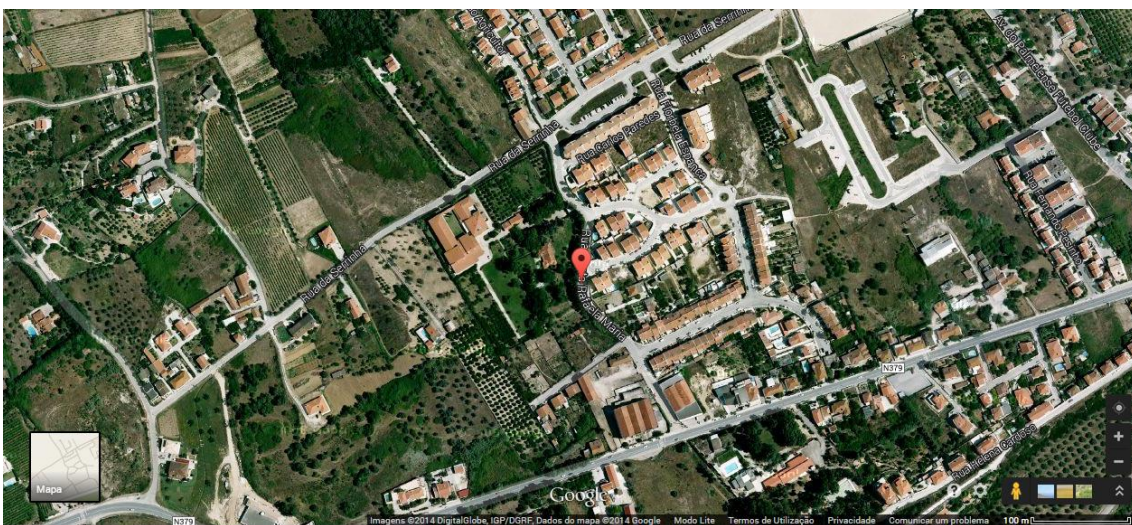


Fig. 9 Casa de Palmela

A minuciosidade de efectuar este levantamento administrativo permite-nos com algum rigor afiançar que os fogos destinados à realização de Exercícios Espirituais, ministrados pela Companhia de Jesus, enquadram-se em espaços de relativamente afastados dos centros urbanos, sobretudo em territórios de baixa densidade populacional.

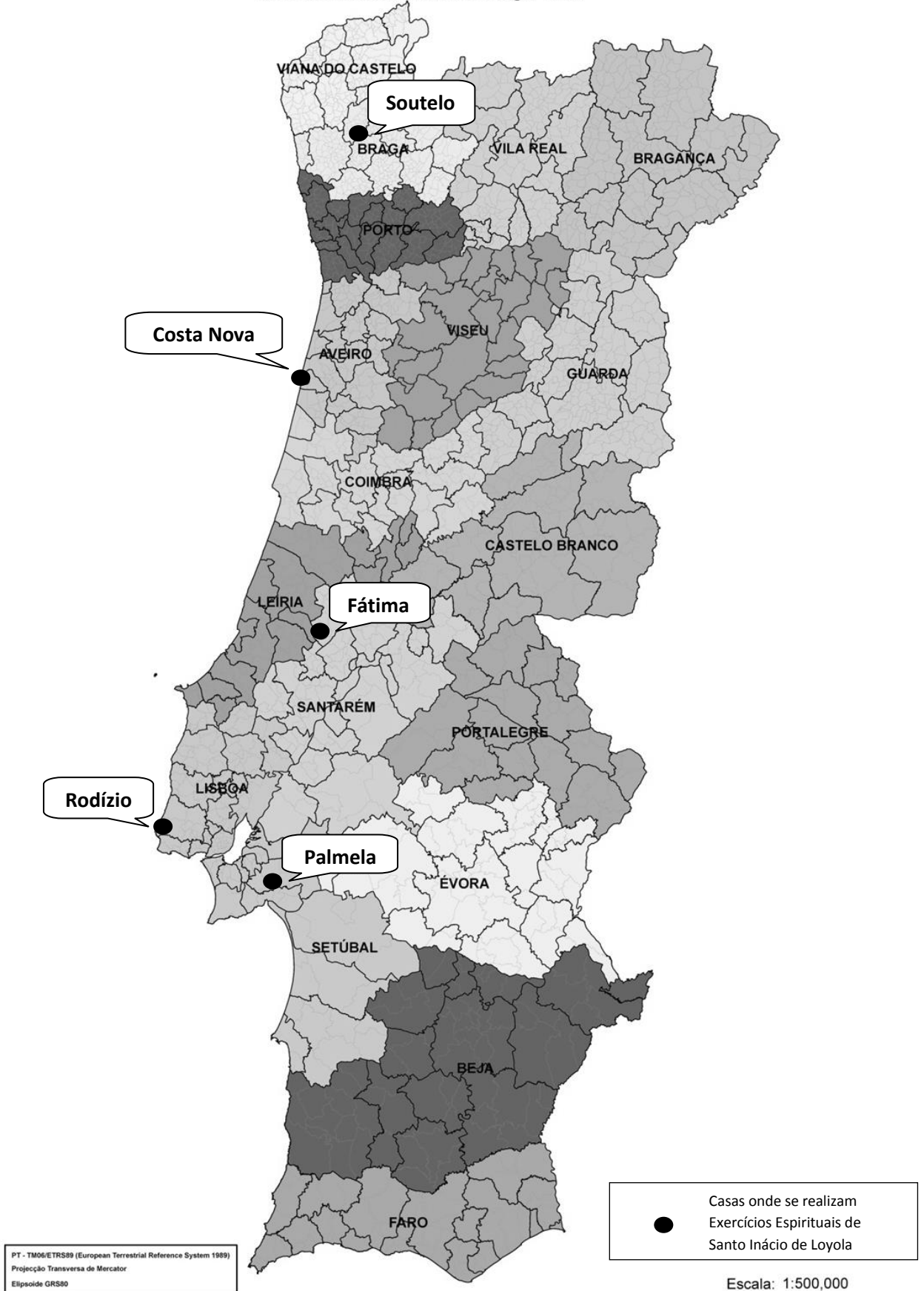


Fig. 10 Mapa de Portugal continental com a localização das casas de Exercícios Espirituais

Numa primeira abordagem acerca da caracterização física dos cinco espaços em análise verificamos de imediato que se situam em três unidades geoestruturais distintas.

Ora se Soutelo se encontra no Maciço Hespérico, a Costa Nova, Fátima e Sintra enquadram-se na Orla mesocenozóica Ocidental, contrastando com Palmela que se localiza na Bacia Terciária do Tejo e do Sado. Assim contrastam o conjunto das rochas eruptivas, pertencendo concretamente aos granitos de grão médio a grosseiro, constituídos, essencialmente, por quartzo, feldspato potássico e plagioclase⁸⁰, em Soutelo, com as formações pliocénicas e os complexos helvecianos, de Palmela, no qual predominam os calcários e os grés argiloso⁸¹. A origem geológica do local enquadra-se no conjunto das rochas eruptivas, pertencendo concretamente aos granitos calco-alcalinos de duas micas com biotite.

Por seu turno duas das localidades inseridas na orla permitem-nos verificar a presença de depósitos modernos. A Costa Nova, enquanto região baixa e pantanosa contrasta claramente com Colares, onde encontramos uma costa de arriba alta posicionando-se num dos contrafortes da serra de Sintra. Se em ambos os casos denotamos a presença de depósitos de aluvião, o primeiro constitui um estreito cordão litoral composto por areias de praia pontuado por dunas, parcialmente fixadas pela vegetação, cuja altura máxima não ultrapassa os 11 a 15 metros⁸², destacando-se do segundo pela ausência de rochas de origem eruptiva e formações sedimentares. Particularizando, a região mais a sul demarca-se pelas formações oligocénicas, heterogéneas, na qual assentam indiferentemente sobre os granitos, gabros e formações cretácicas. No sopé do lacólito sintrense deparamo-nos com uma superfície de calcários miocénicos, margas e argilas de formações grosseira que sofrem os efeitos da abrasão marinha, bem como aluviões modernos constituídos por areias e cascalheiras de pequena espessura. Colares apresenta, assim, um mafraíto de textura granular⁸³.

A povoação de Fátima destaca-se destas duas últimas por não sofrer as condicionantes da abrasão marinha, ao mesmo que se insere numa unidade geotectónica

⁸⁰ Vide C. Teixeira e A. Cândido de Medeiros. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/ 50000, Notícia explicativa da Folha 5-D, Braga*. Lisboa: 1973.

⁸¹ Vide Georges Zbyskowski e O. da Veiga Ferreira. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/ 50000, Notícia explicativa da Folha 38-B, Setúbal*. Lisboa: 1965.

⁸² Vide Carlos Teixeira e Georges Zbyskowski. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/ 50000, Notícia explicativa da Folha 16-A, Aveiro*. Lisboa: 1976.

⁸³ Vide Georges Zbyskowski e F. Moitinho de Almeida. *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa na escala de 1/ 50000, Notícia explicativa da Folha 1, Sintra*. Lisboa: 1961.

mesozóica, em cujas formações do cretácico dominam os calcários compactos e margosos, bem como os grés e argilas⁸⁴.

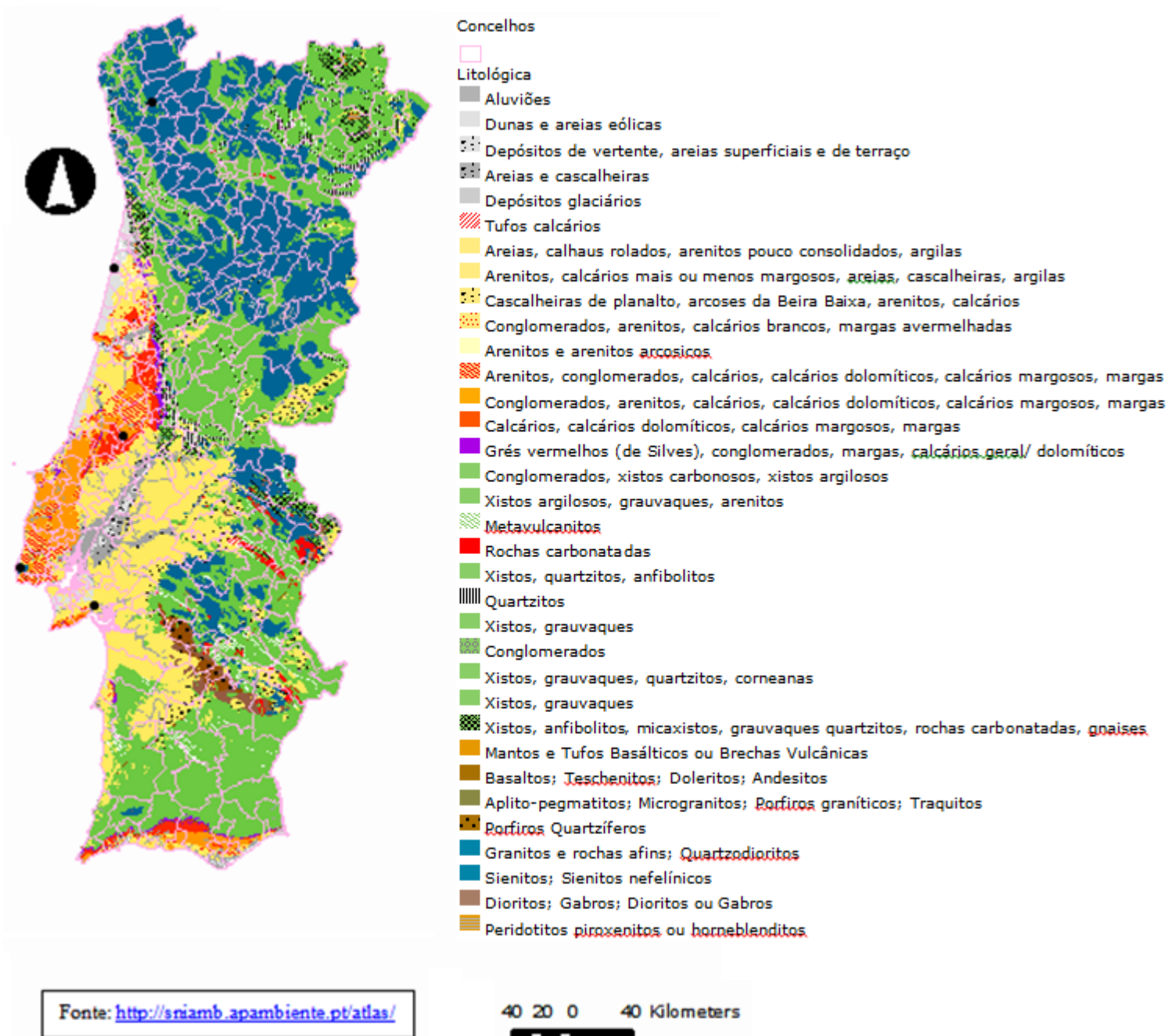


Fig. 11 Mapa Geológico de Portugal continental com a localização das casas de Exercício Espirituais

Morfologicamente Soutelo encontra-se no vale do rio Cávado, próximo da foz do afluente rio Homem com altitudes que variam entre os 50 e 400 metros.

A análise carta hipsométrica permite-nos considerar que a Costa Nova apresenta uma cota abaixo dos 10m, surgindo-nos como o local de menor altitude em estudo. As

⁸⁴ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p 302.

formações sedimentares aí descritas encontram-se associados “à parte vestibular do Vouga e da Ria de Aveiro”⁸⁵.

A leitura hipsométrica das áreas situadas entre o Cabo Mondego e o Cabo da Roca é bastante diversificada, devido não só à sua constituição geomorfológica como a litoralização do ponto mais a sul.

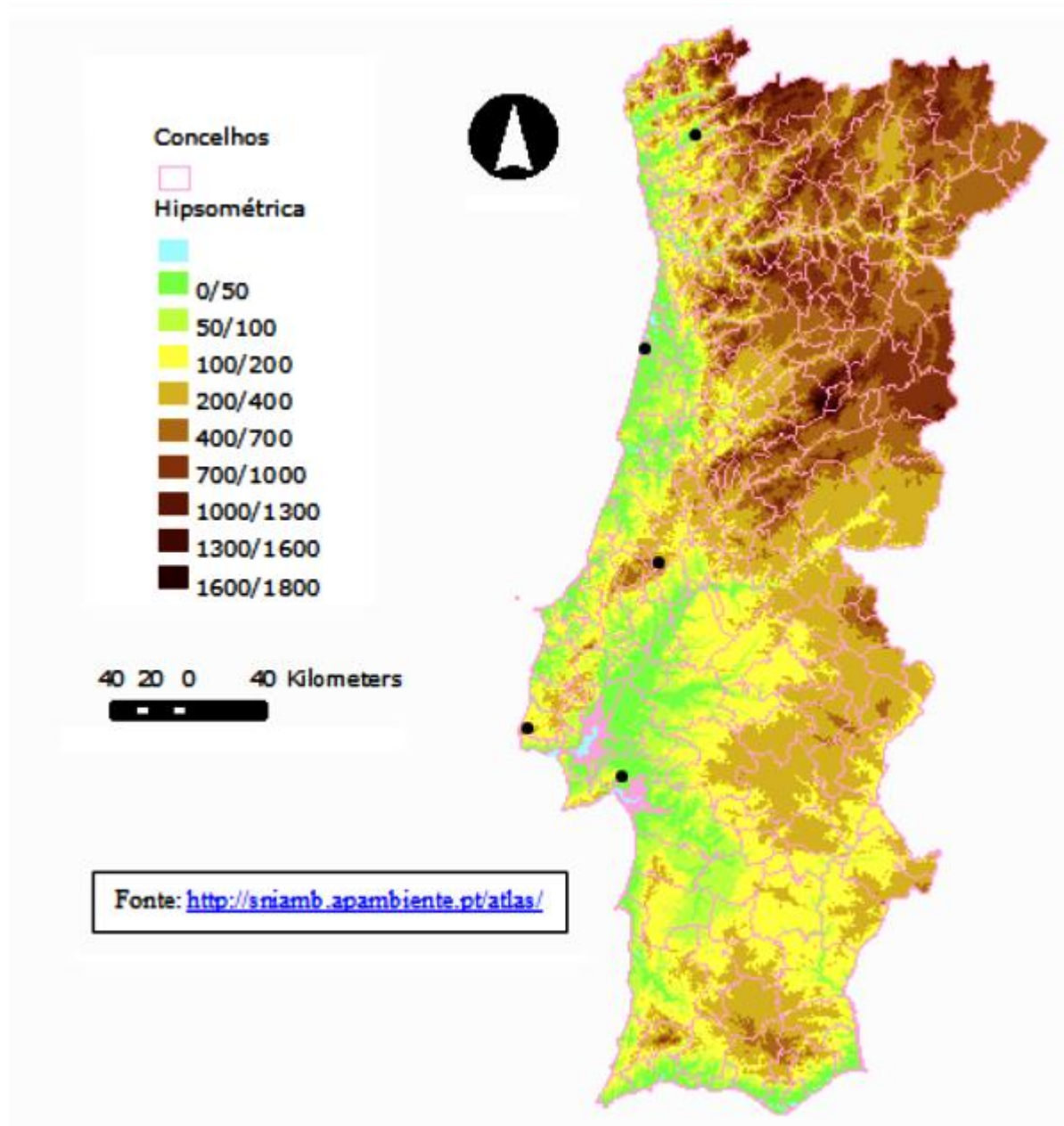


Fig. 12 Mapa Hipsométrico de Portugal continental com a localização das casas de Exercício Espirituais

⁸⁵ http://www.apambiente.pt/zdata/planos/PGRH4/RB%5CParte%202%5C1.Caracterizacao_Geral%5C1.3_Geologic_a%5Crh4_p2_s1_3_rt_final.pdf, visualizado a 24-05-2014, às 16h45m.

Em pleno Maciço Calcário Estremenho, Fátima encontra-se na parte norte do planalto de S. Mamede e Serra de Aire, situando a sua cota mínima nos 223m e máxima 405m⁸⁶.

Ainda a norte do Cabo da Roca a localidade do Rodízio apresenta uma hipsometria cuja cota situa-se entre os 100m e os 200m, de declives acentuados. Igualmente, “na Praia Grande do Rodízio são visíveis camadas de rochas sedimentares bastante inclinadas (cerca de 80 %) para norte”⁸⁷.

A sul do Tejo, morfologicamente, a região de Palmela atinge cotas que situam nos 100 metros.

Climatologicamente observa-se alguma diversidade devido à latitude, altitude e influência do oceano. Esta situação verifica-se, sobretudo, ao nível da precipitação, quantificando-se valores mais elevados no norte do país que no sul, exceptuando a região de Fátima, onde as precipitações são mais elevadas devido ao efeito orográfico.

Embora Soutelo esteja situado num vale o seu clima sofre de uma influência atlântica devido aos ventos de oeste que transportam grandes massas de ar húmido, assim, verifica-se a presença de quatro estações bem marcadas cujos quantitativos de precipitação anual rondam os 1659 mm⁸⁸.

Mais a sul e já numa região menos acidentada, na Costa Nova, o clima apresenta-se como temperado e pouco húmido. A precipitação ronda, em termos médios anuais os 960 mm. Ao nível da nebulosidade esta tende a ser elevada com variações tanto anuais como diárias. A temperatura média anual é de 14, 2°C, registando-se uma amplitude térmica anual que oscila entre os 7°C e os 7,9°C. Tal como Colares, uma vez situada no litoral atlântico tem ventos predominantemente do quadrante Norte e Noroeste⁸⁹.

Fátima apresenta um clima com características mediterrâneas, em que a secura é suavizada pelas chuvas orográficas. Embora a média anual de precipitação seja cerca de 1400 mm, esta é contrariada por períodos prolongados de seca, de 5 a 6 meses, nos quais o verão é quente e extenso.⁹⁰

⁸⁶ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit., p.302.

⁸⁷ http://www.eselx.ipl.pt/cied/publicacoes/out/encontros/XXIX_geociencias/GEODIVERSIDADE%20NO%20PARQUE%20NATURAL%20SINTRA-CASCAIS.pdf, visualizado a 27-05-2014, às 18h15m.

⁸⁸ http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c5/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os_gAN0evQE8zH09TEzPnMBMTb3cT_AwgAykdIygd7GsDk8ev288jPTdUvvyI0oBwBTGyLY/dI3/d3/L3dDb0EvUU5RTGtBISEvWUZSdndBISEvN19QRkFKUUK2TEK1NDZDVjQ0S0c0MDAwMDAwMA!!/, visualizado a 27-05-2014, às 18h50m.

⁸⁹ http://www.cm-ilhavo.pt/uploads/writer_file/document/1860/II_04_2_BIOFISICO.pdf, visualizado a 28-05-2014, às 17h.

⁹⁰ Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças Santos, ob. cit. p.302.

A nível climático a região de Colares caracteriza-se por clima temperado e húmido, de influência oceânica, favorável ao desenvolvimento de um exuberante manto vegetal, no qual a Serra de Sintra constitui uma barreira de condensação. Os níveis de radiação na nossa área de estudo diminuem de Sudeste para Noroeste, sendo que a insolação apresenta o mesmo tipo de variação mas, na zona da Serra registam-se valores muito baixos, devido à nebulosidade aí existente. A precipitação apresenta quantitativos significativos, cerca de 800 mm (na estação de referência)⁹¹, uma vez que esta é uma localidade influenciada pela sua localização serrana. Em total contraste com o norte de Portugal, o clima de Palmela pode considerar-se um clima mediterrânico, influenciado pela proximidade do oceano e das serras que envolvem o território. A amplitude térmica é fraca e com níveis de pluviosidade que se situa entre os 400 e 500 mm⁹².

A vegetação envolvente nestes locais difere obviamente segundo a altitude e as condições climáticas. Todavia, torna-se peculiar encontrar um coberto vegetal semelhante em dois pontos distintos do país, como é o caso de Soutelo e Rodízio, devido às precipitações elevadas de carácter oceânico.

Se a norte patenteia-se uma floresta, essencialmente, caducifólia, constituída na sua maioria por carvalhais de carvalho alvarinho (*Quercus robur*), bem como matos densos e altos, a sul apresenta-se como espécie predominante o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), verificando-se, no entanto, nas zonas mais baixas e quentes os sobreiros (*Quercus suber*), e dominando nos terrenos calcários o cerquinho (*Quercus faginea*). A vegetação desta localidade do batólito sintrense divide-se, assim, em duas situações bem distintas, denotando-se a presença das espécies distintas ao longo de toda a encosta. Espécies atlânticas e mediterrânicas, marcando a transição entre a vegetação do norte e sul do País.

Regressando ao centro do país constatamos que o coberto vegetal na região da Costa Nova é seguramente de menor escala que nos restantes pontos em estudo. Nesta localidade, marcada essencialmente por areias de duna, a presença de uma comunidade vegetal perene, dominada por herbáceas não é de estranhar. Encontramo-nos perante um espaço que sofre as agruras dos fortes ventos e agitação marítima típicos do litoral atlântico, bem como uma acentuada salinidade. Neste sentido, a vegetação existente demarca-se em espécies halófitas, adaptadas ao ciclo de desenraizamento-soterramento.

⁹¹ <http://www.siam.fc.ul.pt/siam-sintra/pdf/SIAMSintra-03CenariosClimaticos.pdf>, visualizado a 28-05-2014, às 12h.

⁹² <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/80>, visualizado a 27-05-2014, às 20h15m.

No que concerne a Fátima o coberto vegetal é escasso como em todo o maciço Calcário Estremenho. A evidente escassez de água e a pobreza dos solos não são atractivos a uma ampla e diversificada vegetação. Embora se verifique vegetação de tipo mediterrânico, a Oliveira (*Olea europea*), símbolo da presença agrícola na região, vai cedendo espaço à vegetação endémica de tipo *Quercus* como os azinhais.

Palmela apresenta uma vegetação arbórea de carácter perene e mediterrâneo, onde predominam primitivas associações florísticas anteriores às últimas glaciações⁹³. As unidades vegetais preponderantes são as florestas de azinheiras (*Quercus ilex*), zambujeiros (*Olea europea*) e alfarrobeiras (*Ceratonia siliqua*), destacando-se, ainda, prados de herbáceas secas e fácies arbustivas⁹⁴.

⁹³ Carlos Alberto Medeiros (dir.), *Geografia de Portugal*, Vol. I, Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2005.

⁹⁴ Carlos Alberto Medeiros, ob. cit, 2005.

6. SOUTELO E RODÍZIO: DUAS LOCALIDADES DESTACADAS PELOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS INACIANOS

O nosso estudo de caso como enunciamos na introdução deste trabalho compromete-se na análise da diversidade geográfica e influência no turismo religioso dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

Todavia, o mesmo abordará com maior especificidade da Casa de Exercícios de Santo Inácio, no Rodízio e da Casa da Torre, em Soutelo.

Esta situação verifica-se primeiramente por estas residências serem propriedade da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, mas também, devido à disponibilidade da sua informação, o que não se verifica com as restantes.

Para melhor compreendermos esta realidade no seio da geografia da religião entrevistamos três indivíduos, dois do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades díspares e vivências diferentes.

A todos foram colocadas as questões abaixo apresentadas com exceção da sexta pergunta que foi exclusiva para o elemento do sexo masculino, um sacerdote jesuíta.

Entrevista

1. Que idade tem?
2. Com que idade começou a fazer exercícios espirituais?
3. Em quais destes cinco locais já fez Exercícios Espirituais? Soutelo, Costa Nova, Fátima, Rodízio, Palmela
4. Destes cinco qual é o que mais lhe agrada quanto à localização, paisagem e acessibilidade?
5. Para si qual é o local carregado de maior simbolismo? Porquê?
6. Na sua experiência enquanto sacerdote fazem EE mais homens ou mulheres? E jovens ou adultos?

Para este jesuíta os Exercícios Espirituais de Santo Inácio iniciaram-se muito antes de pensar em tornar-se sacerdote. Aos 20 anos iniciou esta caminhada que ainda hoje aos 40 anos continua a praticar.

Dos locais por nós estudados já fez exercícios em todos, no entanto ao responder à questão número quatro refere que “olhando a tudo, Fátima é central, tem bons acessos

e transportes públicos. A Costa Nova é o que agrada mais, mas nunca lá fui de transportes públicos e, por isso, não sei como é de acessos. Também gosto de Palmela pela casa e os espaços exteriores, mas é menos central”.

Não tem dúvidas ao assegurar que para si o local de maior simbolismo trata-se de Fátima, devido às aparições, um geosímbolo nacional bastante marcante.

Em contraponto a jovem, de 32 anos, que principiou a fazer exercícios espirituais aos 26 frisa que o Rodízio é o seu espaço de eleição “por estar entre o mar e a Serra de Sintra”. No que respeita à acessibilidade na opinião da mesma “são todos "pouco fáceis" para quem vá de transportes públicos”.

Na sua perspectiva o local “mais carregado de simbolismo é Soutelo, por todo o ambiente da quinta e por ter sido já o noviciado”. Esta perspectiva compreende-se, visto o noviciado como casa de formação dos futuros sacerdotes da Companhia, integrar espaços e possuir uma orgânica permissora da vivência espiritual sem descorar afabilidade e tranquilidade de um lar.

A última entrevistada estreou-se aos 19 anos com estes retiros. Hoje com 26 anos considera que dos lugares apresentados, embora só conhecendo Fátima e Soutelo, que o primeiro é o mais bem localizado e acessível, todavia o segundo possui a paisagem mais relevante para si. No que se refere à simbologia encara Soutelo como o lugar de maior significado, fruto de outras actividades desenvolvidas nesse local anteriormente.

Ao tentarmos compreender que tipo de afluência, quanto ao género e idade, participava nestes retiros inacianos, entendemos que a melhor pessoa para nos responder a esta questão era o clérigo, na qualidade, agora, de orientador de Exercícios Espirituais. Para o jesuíta a resposta era peremptória: “Mais adultos e mais mulheres. As mulheres são mais receptivas ao mundo espiritual, são mais "corajosas" no trabalho interior de si próprias.”

A estrutura organizativa dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, contudo, ainda se encontra em processo evolutivo, uma vez que nem todas as casas que abrigam estes retiros encontram-se preparadas para os contextos actuais de turismo religioso. Concretizando com os exemplos da Casa da Torre e da Casa de Exercícios de Santo Inácio as condições demonstram-se algo díspares. Se no caso de Soutelo todos o registo de entradas são elaborados em suporte informático e os pagamentos podem ser efectuados com o recurso a Multibanco, por oposição no Rodízio os mesmos continuam a ser feitos manualmente. Compreende-se, assim, que após entrevista telefónica,

realizada a nove de Junho de 2014, a estas duas unidades, apenas a Casa da Torre dispusesse de imediato de dados relativamente ao número total de pessoas que no ano de 2013 efectuaram Exercícios Espirituais em Soutelo. A informação recebida indicava um total de 1125 indivíduos de ambos os sexos, dos quais mais de 50%, embora apenas com base num número especulativo, eram do sexo feminino⁹⁵, corroborando, portanto, as declarações do jesuíta.

Após uma longa insistência da nossa parte a residência do Rodízio disponibilizaria os mesmos dados a quatro de Agosto de 2014, indicando que no ano em causa apenas realizaram Exercícios Espirituais naquela unidade 354 pessoas.

Os dados disponibilizados manifestam de forma inequívoca uma declarada preferência pela Casa da Torre em detrimento da sua congénere no Rodízio.

Esta situação deve-se em parte devido a uma maior concentração de fiéis ligados às comunidades inacianas a norte do Rio Mondego. Recorde-se que entre esta região geográfica e Soutelo verifica-se a presença de dois colégios inacianos, três centros universitários, a Faculdade de Filosofia, e várias comunidades de religiosos e paróquias ligadas á Companhia de Jesus, situadas em Coimbra, Cernache, Covilhã, Porto, Braga.

O número revelado pela Casa de Exercícios de Santo Inácio justifica-se devido a uma presença inaciana menos premente na região de Lisboa, onde além do Colégio São João de Brito apenas existe um centro universitário e ao distanciamento geográfico face à comunidade de Évora e às duas paróquias algarvias.

Outro factor a não descurar são as condições de alojamento oferecidas em ambas as residências. Face aos cinquenta quartos com casa de banho privativa, seis salas e 2 capelas⁹⁶ disponibilizados pela unidade do Rodízio, a Casa da Torre “dispõe de 88 quartos, 12 salas com capacidades entre as 7 e as 60 pessoas e um auditório para 120 pessoas”⁹⁷ a que acrescem sete capelas.

No que concerne à comunicação digital os *sites*⁹⁸ destas duas unidades apresentam-se bastante distintos no que se refere ao *layout* e apresentação. Soutelo com uma página web mais apelativa, contemporânea e de informação actualizada contrasta com o Rodízio cuja comunicação é menor e de aspecto obsoleto.

⁹⁵ A Casa da Torre regista o número de entradas, contudo, não discrimina as mesmas quanto ao sexo. Esta informação foi-nos transmitida por um elemento do corpo administrativo da unidade que referiu, no entanto, não haver dúvida quanto a uma maior percentagem de mulheres.

⁹⁶ <http://www.casadesantoinacio.org/hospedagem.html>, visualizado a 19-08-2014.

⁹⁷ <http://www.jesuitas.pt/Casa-da-Torre-309.aspx>, visualizado a 19-08-2014.

⁹⁸ <http://www.casadesantoinacio.org/index.html> e <http://casadatorre.org/index.html>, visualizados a 10-04-2014, às 18h.

A título de exemplo referimos a apresentação textual das actividades e dos espaços que se demonstra pouco cativante para os possíveis utilizadores daquele espaço.

A informação de acesso aos locais é, igualmente, díspar. No *site* da Casa da Torre encontramos informação precisa sobre os vários meios de transporte e acessos a esta, bem como um grafo explicativo dos mesmos. Por sua vez as mesmas informações respeitantes ao Rodízio excluem qualquer indicação de meios de transporte, expondo apenas um mapa com respectiva indicação da saída da auto-estrada.

Quanto às demais localidades e respectivas casas de retiros a *web page* da Companhia de Jesus mais não indica do que a morada e contacto telefónico.

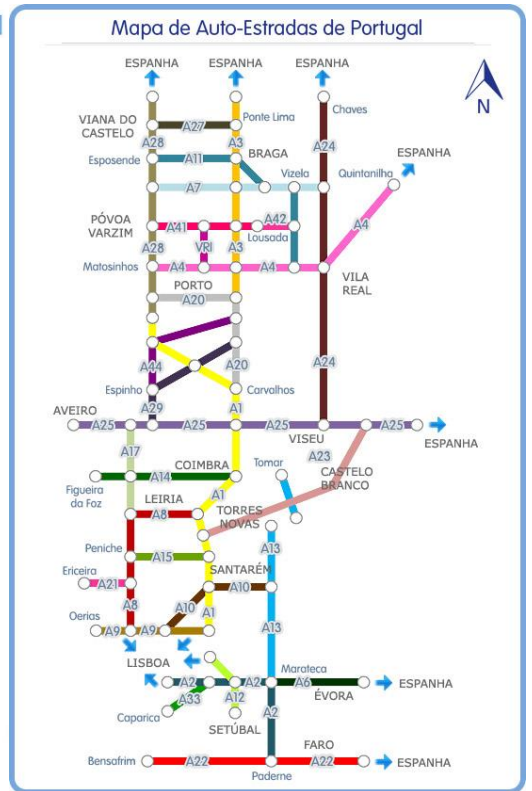
Um exercício que se nos afigurou de relativo interesse relaciona-se com o facto de todas estas casas encontram-se na confluência da linha ferroviária do Norte e da Autoestrada-A1.

A convergência com a principal rodovia do país permite uma deslocação quase que homogénea por todo o território nacional, visto verificarem-se ligações às demais auto-estradas e itinerários complementares do país, atenuando as distância-tempo nos seguimentos Norte-Sul e litoral-interior, como atenta a figura 13.

Repara-se que todas as localidades em causa encontram-se servidas indirectamente pela rede ferroviária nacional, em concreto pelos serviços Alfa Pendular/ Intercidades, possibilitando o interface com outros transportes ou linhas ferroviárias urbanas, para alcançar com sucesso o destino final. Em concreto Braga permite a ligação com Soutelo, Aveiro com Ílhavo, Caxarias ou Fátima com a mesma localidade, Lisboa ou comboio urbano de Sintra com o Rodízio e Lisboa ou comboio urbano da Linha do Sado com Palmela, conforme verificamos na figura 14⁹⁹.

Não obstem muitas dúvidas que a selecção, por parte da entidade organizadora, dos locais para a concretização destes retiros deve-se em grande parte à acessibilidade, ainda que se valorizem as instalações e a paisagem.

⁹⁹<http://www.cp.pt/cp/displayPage.do?vnextoid=a4f6f9e12a584010VgnVCM1000007b01a8c0RCRD>, visualizado a 20-06-2014, às 18h30.



● Localização das casas onde se realizam Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola

Fonte:
<http://www.skyscrapercity.com/shothread.php?t=1290029>

Fig. 13 Mapa das auto-estradas e vias rápidas de Portugal continental e respectivo grafo



Fig. 14 Mapa da rede ferroviária nacional

7. APLICAÇÃO DIDÁCTICA

As nossas reflexões ao longo deste trabalho não seriam verdadeiramente conscientes se não tivessem como principal fim a sua transposição didáctica possibilitando aos alunos outras visões da história e geografia, bem como da sua inconsciente interligação.

A temática presente neste ensaio insere-se amplamente nos programas do 8º ano de escolaridade, possibilitando, simultaneamente, a recuperação de conteúdos leccionados no ano transacto, das disciplinas de história e geografia.

O programa da disciplina de história afigura-se francamente rico no que respeita a conteúdos relacionados com a Companhia de Jesus. São três os momentos cruciais do programa que abordam a questão. Os dois primeiros enquadram-se no *Tema E: Expansão e Mudança nos Séculos XV e XVI*, mais concretamente nos sub-temas 1 *O expansionismo europeu* e 2 *Renascimento e Reforma*. Este último dedica mesmo um capítulo à instituição e desenvolvimento da Companhia de Jesus em Portugal, com especial enfoque na missionação. A terceira abordagem enquadra-se no Tema F: Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII, sub-tem 3 *A cultura e o iluminismo em Portugal face à Europa*.

A disciplina de geografia por seu turno dedica um subcapítulo à actividade turística, inserido no tema das actividades económicas, com particular destaque para a crescente importância do turismo em Portugal e a variedade da sua oferta e destinos.

Sendo o estabelecimento escolar que acolhe a nossa formação pedagógica em meio escolar de matriz cristã e católica entendemos a seguinte proposta como um atividade não apenas como curricular, mas, igualmente, de enriquecimento das componentes do saber-saber e do saber-ser, não descurando obviamente o saber-fazer.

Ora visto que o turismo religioso se encontra bem vincado no território nacional e em 2014 celebrarem-se os 200 anos da restauração da Companhia de Jesus em Portugal entendeu-se como pertinente uma abordagem à geografia da religião, particularizando sob as formas de turismo a esta associadas que se apresenta como distinta das generalizadas pelo senso comum.

A mesma possibilita uma interdisciplinaridade com a disciplina de história, visto a religião, em particular o catolicismo, não poder ser dissociado da construção de todo o mundo ocidental e expansão a oriente, não podendo, conseqüentemente, ser visto como

algo estanque, mas antes em constante evolução. Os movimentos associados à religião, sejam eles turísticos, expansionistas, missionários ou civilizacionais não podem ser compreendidos sem uma concreta percepção do tempo histórico e as suas consequências no entendimento e construção do espaço, com resultados patentes na actualidade.

O papel da comunicação é abordado como uma estratégia de aprendizagem porque o diálogo permite uma interacção estimulante do ponto de vista intelectual e afectivo. De igual modo, os meios audiovisuais de ensino, em particular os auditivos (gravador), os visuais (quadro, cartaz, mapa, globo e projector) e audiovisuais (televisão/vídeo e cinema). Essa mensagem pode perpassar para os alunos através de uma visita de estudo, onde a mesma é efectuada de modo distinto do habitual e de forma mais entusiasta por docentes e discentes.

A nossa aplicação didáctica recai, assim, sobre uma visita de estudo ao Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, com o intuito de observar a exposição temporária “DO SUL AO SOL - A Universidade de Coimbra e a China”¹⁰⁰ e à Sé Nova de Coimbra.



Fig. 15 Cartaz de apresentação da exposição “DO SUL AO SOL - A Universidade de Coimbra e a China”

Fonte: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=exhibitions&id=404>

¹⁰⁰ <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=exhibitions&id=404>, visualizado a 2-07-2014, às 17h45.

A exposição em causa encontra-se acessível ao público em geral no antigo Laboratório Chimico da Universidade de Coimbra, espaço onde outrora se situavam dependências do colégio jesuíta de Coimbra, desde 26 de Julho de 2013 até 14 de Setembro de 2014. A execução da mesma foi coordenada Joaquim Ramos de Carvalho, José Pedro Paiva, José Augusto Cardoso Bernardes e Paula Gama Mota.

A Sé-Nova de Coimbra devido ao seu opulento património artístico é por si só uma exposição permanente que se encontra sobre alçada da comissão diocesana de arte sacra.

Não descurando o cumprimento das metas curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação, pretendemos consciencializar os jovens da impossibilidade do estudo da história, num sentido mais lato, sem o conhecimento da história da cristandade, que indubitavelmente compromete a geografia, na sua concepção de espaço, território e actividades a ele inerentes, permitindo um outro olhar sobre o fazer e ver estas duas áreas do saber.

A execução desta actividade pretende não descurar o humanismo cristão, inculcando a responsabilidade social em cada aluno através da educação para a cidadania, respondendo às necessidades das famílias que defendem um ensino de diferenciado e conseqüentemente uma ocupação do tempo extracurricular e monitorização do sucesso educativo das crianças/jovens. Defende-se, assim, simultaneamente, uma abordagem criativa que estimule a educação através de diversas iniciativas, permitindo um acompanhamento quase que individual dos alunos, que em contexto de sala de aula se apresentaria com maior dificuldade.

A nossa intervenção propõe a utilização de dois métodos pedagógicos para ministrar os conteúdos em causa.

Inicialmente apontámos, o método expositivo, como veículo de informações e conteúdos através da transmissão oral por parte do professor ao aluno, em que este último recepcionará, assimilando e compreendendo os conhecimentos transmitidos. Este método, indicado para adquirir conhecimentos (factos, conceitos), divulgar informações, compreender conhecimentos, introduzir temas e despertar o interesse no assunto, não deve, no entanto ser utilizado durante muito tempo, a fim de não conduzir à inercia dos alunos e à falta de motivação e atenção na aula. Sugerimos, seguidamente, o recurso ao método activo. Com este método o aluno torna-se agente activo da sua aprendizagem, operando a turma como um grupo em que existe intercâmbio verbal de ideias, que se reflectirão finda a visita de estudo.

O professor assume a posição de moderador, ou seja orientar os alunos, suscitando o interesse pela disciplina. O método em causa é citado na aquisição de objectivos cognitivos de análise, síntese e avaliação de ideias, não descurando competências e posturas democráticas de participação e colaboração no grupo que é a turma. A resolução de dificuldades, bem como, a clarificação e modificação de valores e atitudes, permitirá, ainda, o desenvolvimento de capacidades de comunicação oral¹⁰¹.

No que concerne à avaliação esta seria formativa, cujo cariz seria a observação directa. A sua execução verificar-se-ia durante todo o processo de aprendizagem, possibilitando verificar a evolução dos alunos, ao mesmo tempo que identifica quais as aprendizagens bem-sucedidas e as que levantaram dificuldades, por forma a indicar soluções e caminhos para o sucesso dos alunos, permitindo que, também, estes tomem conhecimento das mesmas.

Ao criar uma avaliação de observação directa, a mesma tem de ser enquadrada com os objectivos da(s) unidade(s) didáctica(s), recorrendo à utilização de matrizes de comportamentos e conteúdos. Estas relacionarão os objectivos, com os conteúdos e o comportamento esperado dos alunos¹⁰².

Ao formularmos este projecto pretendemos propor questões desafiadoras, que rompam com o estereótipo das disciplinas de história e geografia como algo estanque e sem aplicabilidade prática mas como instrumento orientador, permitindo aos alunos analisarem os problemas que abalaram o ser humano no passado e as suas possíveis consequências no presente, alertando para o cariz plural do ensino.

A título de exemplo tenha-se em atenção algumas possíveis questões. A exposição apresenta logo no início uma excelente síntese sobre a fundação da Companhia de Jesus e os Exercícios Espirituais na sua génese, ilustrando a mesma com uma gravura da fachada de igreja do Colégio de S. Paulo em Macau. Assim, seria interessante indagar os alunos acerca dos seus conhecimentos históricos e geográficos, como a razão da semelhança entre a fachada desta igreja e a da Sé-Nova de Coimbra, quais os materiais patentes na edificação da primeira, tendo em conta a natureza geológica de Macau e a razão da escolha do lugar do Monte para a sua edificação.

De igual modo a observação de um conjunto de amostras de chá, que aqui fazemos reprodução (fig. 16), estudadas por alguns jesuítas, bem como a exibição de

¹⁰¹ Vide António Carrilho Ribeiro, *Planificação e Avaliação Do Ensino-aprendizagem*, Textos De Base 10, Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

¹⁰² Vide António Carrilho Ribeiro, *Planificação e Avaliação Do Ensino-aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

alguns cartogramas por estes produzidos e objectos de cariz científico e antropológico poderá permitir o questionamento sobre a versatilidade da formação destes sacerdotes.



Fig. 16 Amostras de Chá visíveis na exposição patente no Museu da Ciência da U.C.

Fonte: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=exhibitions&id=404>

A análise de uma gravura do Colégio das Onze Mil Virgens (fig. 17), em Coimbra, a alusão à expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, extinção da Companhia de Jesus, e a consequente entrega seu antigo colégio à Universidade de Coimbra e transformação da sua igreja na actual da Sé-Nova suscitarão nos alunos a questão sobre a existência presente desta ordem.



Fig. 17 Colégio das Onze Mil Virgens em Coimbra.

Fonte: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=exhibitions&id=404>

Não podemos descurar, ainda, face a remota curiosidade dos jovens que se interroguem sobre as actuais actividades dos jovens e onde se localiza as suas comunidades no território nacional ou mesmo na cidade de Coimbra.

Esta visita de estudo invoca a questão sobre a ténue fronteira entre o turismo cultural e religioso, uma vez aborda questões culturais sob a premissa da religião. Neste sentido, emerge a possibilidade de recordar o exemplo dos Exercícios Espirituais como uma configuração de turismo religioso.

O confronto com este tipo de trabalho permitirá a “interpretação cruzada de fontes históricas”¹⁰³, previamente seleccionadas pelo professor, discernir sobre as consequências no espaço e as actividades económicas inerentes, ao mesmo tempo que se investe na literacia, fomentando o trabalho individual e de grupos, através da partilha de informações e conclusões.

Como qualquer actividade pedagógica bem delineada, entendemos que a planificação, formal, a longo prazo da mesma seria de grande utilidade à sua execução. O cronograma que de seguida se apresenta não pretende de forma alguma ser estanque e definitivo, porém, permitirá encetar uma base de trabalho sólida com os alunos e demais comunidade educativa, a fim de se obterem os melhores resultados.

¹⁰³ Isabel Barca, “Investigar em educação histórica”, *Revista Portuguesa de História*, Vol. 39, Coimbra: 2007, p.64.

Cronograma 2013/2014				
Calendarização		Actividades	Operacionalização e interlocutores	Espaço de Acção
1º Período	Setembro	Apresentação da actividade ao grupo disciplinar.	Professor	
	Outubro	----	----	----
	Novembro	Apresentação da actividade às turmas.	Exposição em aula	Sala de aula
	Dezembro	----	----	----
2º Período	Janeiro	Conteúdos programáticos: Fundação da companhia de Jesus, Concílio de Trento e missionação (disciplina de História) ¹⁰⁴ .	Exposição em aula, manual, ficha informativa	Sala de aula
	Fevereiro	Contactos com o Museu da Ciência e Sé Nova.	Professor	----
	Março	Agendamento da Visita. Contacto com os encarregados de educação.	Professor	----
	Abril	Conteúdos programáticos: Turismo como actividade económica – Turismo cultural e religioso (disciplina de Geografia) ¹⁰⁵ .	Exposição em aula, manual, vídeo	Sala de aula
3º Período	Maió	Visita de estudo ao Museu da Ciência e Sé Nova de Coimbra.	Alunos, Professor responsável, Professores acompanhantes	----
	Junho	Apresentação dos resultados e avaliação oral da actividade em reunião de grupo disciplinar e constante da acta da mesma.	Professor	Reunião de grupo disciplinar.

Nas palavras de Isabel Barca ambicionamos “contagiar os jovens alunos na aventura de descobrir gentes de outros tempos, porventura tão estranhas mas tão iguais na sua busca racional para uma vida melhor, por vezes encarada em função de interesses particulares, exclusivistas e mesquinhos, outras vezes entendida como sentido humano ou, até mesmo, planetário”¹⁰⁶.

A fim de não prejudicar as actividades lectivas e o cumprimento dos objectivos delineados para o ano lectivo a visita de estudo realizar-se-ia a uma sexta-feira, durante

¹⁰⁴ Ver plano hipotético de aula: Anexo 3.

¹⁰⁵ Ver plano de aula de 14-01-2014: Anexo 1.

¹⁰⁶ Isabel Barca, ob. cit., p. 64 e 65.

o período da tarde, uma vez que neste colégio não se encontram calendarizadas, nos horários dos discentes, quaisquer actividades para este dia.

A visita seria efectuada por duas turmas, uma de história e outra de geografia, de 27 alunos cada, do 8º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos.

Os alunos integrantes das turmas estão inseridos num meio sociocultural bastante abrangente, havendo uma discrepância nos níveis culturais dos mesmos. Para a realização e presença dos alunos na mesma, seria necessário uma autorização prévia dos encarregados de educação permitindo a saída dos alunos da escola. Os que não obtiverem devida autorização não poderão participar na visita.

O roteiro da visita seria o seguinte:

Visita de estudo à exposição temporária “DO SUL AO SOL - A Universidade de Coimbra e a China” patente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e à Sé Nova de Coimbra.

14:00h – Saída do Colégio

14:30h – Visita à exposição em causa.

15:30h – Visita à Sé Nova de Coimbra, antigo colégio da Companhia de Jesus

16:15h – Lanche

16:30h – Regresso ao Colégio (Coimbra)

17:00h – Chegada

A escolha destes espaços para visita surgiu-nos como bastante pertinente uma vez que alberga não apenas uma reposição histórico-geográfica da Companhia de Jesus, mas, também, um discernimento acerca das actividades científicas desta ordem religiosa, em torno de um bem maior que é o ensino e o conhecimento. Em simultâneo permite aos alunos visitarem um espaço, em concreto a Sé Nova de Coimbra, antigo Colégio de Jesus e Igreja das Onze Mil Virgens, que serviu de matriz os seus similares em todos os territórios alvo de campanhas de missionação jesuítica.

A visita a estes dois locais para além de abordar a questão macaense, incidirá, igualmente, sobre vida de Santo Inácio e a fundação da *Societas Iesu*, o apelo de missionários para o novo mundo e oriente, por D. João III, a reforma católica e o humanismo da renascença, bem como, a escolástica inaciana, na modernidade, a expulsão de Portugal da Companhia, pelo Marquês de Pombal e consequentemente a

promulgação da bula de extinção da mesma, pelo Papa Clemente XIV. A mesma permitirá aludir à amplitude geográfica desta ordem religiosa, assim como as actividades económicas em torno da religião na actualidade, em particular o turismo religioso e cultural.

Parece-nos, assim, de suma importância que os nossos alunos tenham contacto não apenas com os conhecimentos teóricos e acção desta ordem religiosa, conhecendo a sua história, mas reconheçam, simultaneamente, o papel do catolicismo universal e nacional no tratamento de questões geográficas e pedagógicas ao longo dos séculos. Não descurando, contudo, que todos estes componentes tiveram como premissa os exercícios espirituais de Santo Inácio, podendo ambos serem potenciadores de movimentos turísticos religioso-culturais.

O conhecimento cultural, científico, histórico e geográfico do oriente ficou patente nos trabalhos de diversos historiadores, cartógrafos, matemáticos e missionários ao longo do tempo sendo os jesuítas com os seus colégios, formadores e difusores das ciências chinesas no velho continente e dos conhecimentos europeus na China, promovendo o intercâmbio cultural.

A Companhia de Jesus cujos pilares assentam nos exercícios espirituais estabelecidos pelo seu fundador potenciou esta permuta através dos seus colégios em Macau e em Coimbra.

A exposição em causa, através de uma notável selecção de documentos e produtos provenientes de Macau e do Arquivo e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra¹⁰⁷, permitirá aos alunos sintetizar os saberes adquiridos no contexto de sala de aula, testemunhando o encontro entre o ocidente e o oriente, cuja premissa são os exercícios espirituais inacianos que ainda hoje potenciam esta mutuação, bem como o desenvolvimento, a nível nacional, de actividades económicas inerentes, nomeadamente o turismo religioso.

A par das brochuras, com informação sobre os espaços a visitar, oferecidas pelas entidades responsáveis, ao nosso papel enquanto docente de ambas as disciplinas compete a elaboração de um guião.

O guião pretende-se não muito extenso, como o que de seguida apresentamos, elencando os objectivos da visita de estudo e as regras elementares a serem seguidas pelos alunos.

¹⁰⁷ A este respeito veja-se o anexo 5, no qual constam outras fotos da exposição.

OBJETIVOS DA VISITA DE ESTUDO

- Reflectir acerca da relação entre ocidente e oriente e o papel da Companhia de Jesus.
- Percepcionar a importância dos Exercícios Espirituais Inacianos no contexto pedagógico e religioso.
- Sensibilizar os alunos para a importância do turismo religioso através património cultural e artístico.

REGRAS A SEGUIR DURANTE A VISITA

- Ser sempre pontual
- Seguir sempre as orientações dadas pelos professores acompanhantes
- Não se afastar do grupo
- Colocar sempre o lixo nos recipientes próprios
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz dos locais a visitar
- Ser afável e educado com as populações locais
- Cumprir as regras afixadas nos locais a visitar
- Nunca abandonar a carteira, mochila, casaco, ou outros haveres
- Olhar sempre para os dois lados da estrada antes de atravessar
- Deixar aos professores o número do telemóvel
- Tirar o máximo proveito da visita, estando atento(a) ao que vai ver e ouvir

NÃO TE ESQUEÇAS QUE

É DO TEU CUMPRIMENTO DESTAS REGRAS QUE RESULTA

O TEU BEM-ESTAR,

O BEM-ESTAR DOS OUTROS E O SUCESSO DESTA VISITA DE ESTUDO!

A opção por uma visita de estudo como forma de aplicação didáctica do nosso pequeno ensaio prende-se com o facto ser uma estratégia aliciante que visa estimular os alunos perante a história e a geografia, devido à saída do espaço tradicional de aulas e

do próprio processo de ensino/aprendizagem. Mas, as visitas de estudo não devem e não podem ser vistas, pelos alunos, como uma “libertação”, devem antes ser vistas como uma aula com carácter diferente da aula tradicional, visto que, o aluno vai visitar locais onde vai poder contactar com realidade apreendida na sala de aula.

As visitas de estudo permitem realizar um ensino activo e aliciante, de modo a contribuir para uma melhor aprendizagem.

Os alunos contactam directamente com o campo de trabalho do historiador ou do geografo, neste aspecto, a sua adesão à realidade é feita através de provas que lhes são fornecidas em vez de uma imposição magistral das mesmas.

Com esta actividade, há a existência de um importante papel formativo relacionado com os aspectos que dizem respeito ao conhecimento e ao respeito pela preservação do património natural e cultural.

As visitas de estudo devem ser planeadas juntamente com os alunos, devendo o professor definir em primeiro o que pretende com a visita.

A visita de estudo pode ser um ponto de partida para um estudo aprofundado sobre a temática a abordar nas aulas de geografia e/ou de história, para completar conhecimentos já adquiridos, ou ser realizada no final de uma unidade temática, na qual vai sintetizar a matéria já leccionada¹⁰⁸.

Porém, todas permitem desenvolver a aprendizagem, com a observação orientada, a pesquisa de dados e por último o trabalho de equipa.

Há três tipos de visitas: as visitas dirigidas que são coordenadas pelos professores; as visitas livres, onde os alunos têm um guião respondendo a perguntas, podendo circular pelo lugar que estão a visitar e por último, as visitas mistas onde numa parte são guiados pelo professor e noutra parte podem explorar o local que estão a visitar. No presente caso optaremos por este ultimo tipo de visita¹⁰⁹.

Relativamente à planificação de cada visita, o professor deve fazer um reconhecimento do local antes da realização da mesma, de modo, a poder elaborar um roteiro.

Esta visita teria que ser organizada com antecedência, de modo, a programá-la no seu melhor. A mesma terá alguns custos referentes ao lanche a levar pelos alunos e à entrada na exposição, já que a visita à Sé Nova é gratuita. No que respeita à deslocação escola – espaços de visita esta seria a feita em modo pedonal dada a proximidade com

¹⁰⁸ Vide Maria Cândida Proença, *Ensinar, Aprender História: Questões De Didáctica Aplicada*, Biblioteca Do Educador 120, Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

¹⁰⁹ Vide Maria Cândida Proença, ob. cit., 1990.

os espaços. No entanto a mesma realizar-se-ia sob o acompanhamento e vigilância de no mínimo três docentes. Assim, a despesa com a visita nunca excederia o valor de 2€ (dois euros) por aluno. A entrada em ambos os espaços a visitar é alvo de marcação prévia, sendo que há descontos especiais para visitas de estudo.

Face à pluralidade das matérias abordadas nesta visita os professores acompanhantes, não sendo exclusivamente de História e Geografia, deverão leccionar as disciplinas de Educação Moral e Religiosa Católica – EMRC ou Ciências-Naturais.

Na aula seguinte à visita de estudo guardar-se-ão uma média 15 minutos do tempo lectivo com o intuito de reflectir acerca da mesma, envolvendo os discentes na análise e avaliação das suas aprendizagens e dificuldades, estimulando a “autoconfiança e sentido de autonomia responsável”¹¹⁰. Findo esse tempo os alunos individualmente ou em grupos de quatro elementos, no máximo, realizarão em casa uma pequena síntese sobre a visita de estudo, frisando aspectos históricos da Companhia de Jesus, de Macau, e do turismo religioso e cultural ligado a Portugal, ao oriente e à espiritualidade inaciana e qual a impacto deste no sector económico.

Para Maria Cândida Proença os trabalhos de grupo, apresentam-se como uma estratégia utilizada frequentemente que permite alguma autonomia e fazer com que os alunos se tornem mais sociáveis. Esta considera que os trabalhos de grupo tanto podem ser realizados nas aulas como fora das aulas. Todavia, o professor tem que motivar o aluno para o trabalho de grupo, devendo dar o tema e as características do mesmo¹¹¹.

Em suma: o objectivo seria assegurar o acompanhamento pedagógico de forma a incrementar o sucesso educativo, sem descurar a formação social/cultural, na qual esta exposição não se igualando ao conhecimento científico surge como complemento deste.

¹¹⁰ Isabel Barca, ob. cit., p.64.

¹¹¹ Vide Maria Cândida Proença, ob. cit., 1990.

8. CONCLUSÃO

O estudo da acção pedagógica e, conseqüentemente, missionária da Companhia de Jesus em Macau permitiu verificar um intercambio cultural entre a Europa e China, servindo como elo de ligação e fonte de intercâmbio cultural o Colégio de S. Paulo. Este converteu-se rapidamente na pedra angular da formação dos jesuítas japoneses e da construção da sua província.

Simultaneamente, Macau serviu como refúgio dos missionários nipónicos aquando da sua fuga do império do sol nascente e sinal de esperança para a igreja católica perseguida no Japão.

O fim da expansão ultramarina subentendia, seguidamente, o estabelecimento do cristianismo em terras gentias, para as quais os missionários jesuítas, em particular, ostentavam ser a mão-de-obra mais capaz, quer em número quer intelectualmente, e pouco dispendiosa.

O intenso estudo da língua local, permitindo não depender de intérpretes, permitiu que esta comunidade, fosse rapidamente aceite pelos locais, verificando-se, concomitante a difusão da língua lusa, ao ponto de português se tornar um idioma espontânea no Oriente.

O sucesso da empresa macaense deve-se basicamente a Alexandre Valignano que inspirando-se na estratégia de Francisco Xavier facultou mestres e condições para os primeiros jesuítas aprenderem o dialecto e a grafia *dos chinas*. Esta atitude divergia da praticada no continente africano e americano, uma vez que se demarcava pela interculturalidade entre o ocidente e o Império do Meio.

Macau tornou-se o centro do catolicismo no Oriente, no qual S. Paulo foi o ventre de sábios, diplomatas e conselheiros do imperador. O Colégio transformara-se em quartel-general de toda a expansão no oriente, residindo nele visitantes e provinciais, permitindo, em simultâneo, o aprofundamento dos pós-baptizados.

O sistema de aproximação à sociedade chinesa verificou-se, ainda, com recurso às artes plásticas e decorativas, com especial incidência na arquitectura que agregou aos modelos europeus apontamentos asiáticos.

A adaptação era a palavra-chave para o sucesso do missionarismo chinês e do cristianismo, fundindo-se este com o intercâmbio cultural próprios do modernismo.

Por sua vez os Exercícios Espirituais Inacianos, embora existam desde o séc. XVI, revelam-se no seio da sociedade actual como uma nova forma de encarar a espiritualidade, resultado do foro íntimo, de uma escolha individual, auxiliada pelos meios de comunicação, inerentes à globalização, que permitem a divulgação do espiritual e do religioso.

Parte deste ensaio alberga uma forte componente abstracta visto, segundo Paul Claval, ao trabalhar questões da geografia da religião iremos indubitavelmente explorar o universo das representações mentais, compreendendo como as mesmas se inserem na paisagem e na organização do espaço¹¹².

A partir da prática da religião podemos, também, “compreender a distribuição dos homens, o controle das paisagens e a organização do espaço afetado pela fé”¹¹³.

O simbolismo mágico-religioso permite, igualmente, “evidenciar a natureza afectiva e das relações com os lugares”¹¹⁴, como bem ilustram os depoimentos recolhidos.

A diversidade geográfica encontra-se bem patente neste estudo, depreendendo-se que a multiplicidade territorial induz a uma preferência do espaço conforme a empatia não apenas com os elementos arquitectónicos mas, igualmente, com a paisagem envolvente.

Verificam-se, assim, relações de reciprocidade entre os indivíduos que frequentam estas casas de retiros e os lugares que as fixam espacialmente.

A prática religiosa/espiritual possibilita o desenvolvimento de um sector específico do turismo nacional, criando fluxos e modelando o espaço, ao mesmo tempo que nos alerta para uma outra vertente da geografia, dedicada à religião e à espiritualidade.

O nosso ensaio propõe uma visão integradora da história e da geografia, possibilitando aos nossos alunos, através da transposição didáctica do mesmo, três conclusões.

A primeira epíloga que não é possível compreender a história nacional e ultramarina sem considerar a história da igreja católica, bem como todas as acções ao longo do tempo condicionaram e foram condicionadas pela geografia, ao ponto de na actualidade a religião proporcionar o desenvolvimento do turismo e cultura nacional, impelindo a deslocações da população.

¹¹² *Apud* Zeny Rosendahl, ob. cit. 2002, p.17.

¹¹³ Zeny Rosendahl, ob. cit. 2002, p. 18.

¹¹⁴ Zeny Rosendahl, ob. cit. 2002, p. 18.

A outra corresponde à construção de uma visão integradora entre a ciência e a teologia que delineou o curso da história e a geografia dos espaços.

A última infere que os portugueses deixaram uma convivência pacífica e fecunda entre os espíritos do poderoso oriente e do longínquo ocidente, muito devido à Companhia de Jesus e à mensagem prescrita nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, ainda hoje patente na forma de agir, estar, compreender e aceitar a diversidade por aqueles, e não só, que de alguma forma estão ligados a esta comunidade religiosa.

Em suma, as facetas histórico-geográficas da Companhia de Jesus, ao longo dos séculos, têm como principal fim a formação de tangentes culturais.

A transposição didáctica desta investigação científica não se resume apenas aos conteúdos desenvolvidos em contexto sala de aula, nem tão pouco à uma visita de estudo.

Em nosso entender estes são a alavanca para o sucesso educativo dos nossos alunos. Os conhecimentos adquiridos por estes dentro e fora da sala de aula de história e geografia têm em vista o desenvolvimento da capacidade de conhecer o passado de modo a melhor compreender o passado e perspectivar o futuro, não excluindo nunca que a geografia domina, em muitos casos, as acções do Homem, sendo, simultaneamente condicionada por estas.

A geografia de Macau condicionou, seguramente, a construção das instalações e a deslocação dos elementos da Companhia de Jesus, contribuindo de algum modo para a sua história.

O modelo pedagógico e as permutas culturais provocadas pelos jesuítas permitiram o desenvolvimento científico, escolar e civilizacional de que somos herdeiros e cuja nossa obrigação é transmitir aos alunos.

Visitas de estudo, intercâmbios com os colégios inacianos ou outras entidades escolares, nacionais ou estrangeiras, são a melhor maneira de perpetuar esse legado.

Na actualidade os Exercícios Espirituais obrigam a um novo olhar sobre o turismo, em especial sobre o turismo religioso, condicionando a história desta ordem religiosa e a geografia dos espaços inerentes a esta dinâmica.

Ao professor não cabe a responsabilidade de educar em matéria de fé ou credo, mas este tem o dever de educar para a cidadania e permitir aos discentes o conhecimento de outras formas de vivenciar a religião que não as tradicionais,

alertando-os, ainda, para as várias oportunidades laborais e empresariais ligadas a esta actividade e a um sector decisivo em Portugal como o turismo.

No epílogo deste trabalho reconhecemos que o mesmo foi uma longa e tortuosa gestação, cujo um parto doloroso permitiu reconhecer com satisfação e algum brio esta breve investigação em torno de uma entidade que muito nos é querido, a Companhia de Jesus, bem como o alcançar de uma meta há muito adiada que foi o estágio pedagógico supervisionado.

Os objectivos a que nos propusemos foram em nosso entender cumpridos, permitindo, assim, a divulgação da acção pedagógica, e indirectamente missionária, desta ordem religiosa em contexto espaço-temporais díspares, assim como, as bases da sua espiritualidade, os Exercícios Espirituais, que se apresentam ainda hoje o fermentam desta empresa, permitindo actualmente o desenvolvimento de um sector económico embrionário como o do turismo religioso.

Simultaneamente alertámos para todas as transformações da paisagem inerentes a esta actividade económica e às conjecturas ditadas pela história, alertando para a existência de um património material, cultural e religioso que se encontra disperso.

Ao elaborarmos este trabalho esperamos ter contribuído para três pontos que nos parecem de extrema importância e actualidade na sociedade portuguesa. Primeiramente, a questão pedagógica e educacional, que muitas controvérsias têm gerado ao longo dos tempos e ainda não encontrou modelo de estabilidade. Em segundo plano às ligações entre Portugal e o Oriente, em particular a China, que nunca se tornaram um assunto do passado, com especial enfoque no presente quadro económico-social. O último ponto invoca a questão do turismo como fonte de interculturalidade, injeção de capital na economia portuguesa e decréscimo do desemprego, com especial enfoque para o turismo religioso que se apresenta como nicho de mercado desconhecido e com forte potencial de expansão.

Aos jovens estudantes que serão os homens e mulheres de amanhã são estas as questões que importa elencar, através do diálogo, dos trabalhos escolares, das visitas de estudo como o despertar de consciências críticas, fomentando vontades de mudança face aos paradigmas estanques ou obsoletos da sociedade e impulsionando para uma intervenção construtiva e saudável da sociedade.

O papel do professor não é o de um mero compêndio de conteúdos programáticos que debita saberes. Este deve transmitir as bases, neste propósito, históricas e geográficas, para que os alunos possam vir a compreender o mundo que os

rodeia mas cabe a estes alargar os horizontes intelectuais colocando novas questões e equacionando respostas. Importa, nomeadamente, que possam crescer intelectualmente com os olhos e a mente abertos às transformações e à capacidade de o Homem mudar.

Se conseguirmos, num futuro, auxiliar os nossos alunos nesta demanda então esta experiência formativa, mais do que ser o alcançar de um objectivo pessoal e uma meta imposta pela legislação portuguesa, será sem dúvida, com o maior gosto e satisfação, uma vitória nossa e de todos os que para ela contribuíram.

FONTES

Cartas Anuais Do Colégio De Macau: 1594-1627. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

Código Pedagógico Dos Jesuítas: Ratio Studiorum Da Companhia De Jesus [1599]: Regime Escolar e Curriculum Deestudos. 1ª ed., bilingue. Ciências Da Terra. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

“Noticia da igreja deste Collegio de Macao...”cod. 1695, A.H.U., Lisboa *apud* Gonçalo Couceiro, *A igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, (apêndice 2) p. 168.

“Ordem que deo o Pe. Vizitador Alexandre Valignano em Outubro de 97 para as Escolas deste Collegio de Macao”, A.H.U., cod. 1695, fls. 277 V. et ss. *apud* Gonçalo Couceiro, *A igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, (apêndice 3) p.174.

BIBLIOGRAFIA

“**Dáimio**” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. VIII, Lisboa/ Rio de Janeiro: Editorial **Enciclopédia**, 1942.

“**Ming**” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XVII, Lisboa/ Rio de Janeiro: Editorial **Enciclopédia**, 1947.

“**Rodrigues de Azevedo**” in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura: edição século XXI*, Vol. 25, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2002.

Araújo, Horácio Peixoto de. “Processo de Aculturação e métodos missionários no Império da China”. *A companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*. Lisboa: Brotéria, 2000.

Araújo, Horácio Peixoto de. *Os Jesuítas no Império da China*. Macau: Instituto Português do Oriente, 2000.

Bangert, William. *História da Companhia de Jesus*. Porto: A.I., São Paulo: Loyola, 1985.

Barata, José de Oliveira. *Didáctica do Teatro*, Coimbra: Almedina, 1979.

Barca, Isabel. “Investigar em educação histórica”. *Revista Portuguesa de História*, Vol. 39, Coimbra: 2007.

Barca, Isabel. “Investigar em educação histórica”. *Revista Portuguesa de História*. Vol. 39. Coimbra: 2007.

Cardim, António Francisco, *Batalhas da Companhia de Jesus*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.

Congresso Internacional de Pedagogia, Universidade Católica Portuguesa. *Repensar a Escola Hoje: o Contributo Dos Jesuítas*. 1ª ed. Estudos Sociais 5. Braga: Aletheia, 2007.

Costa, António, *Macau: Imagens e números*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos geográficos, 1981.

Costa, J. Carrington da e **Sousa**, M. J. Lemos de, *Fisiografia e geologia da província de Macau*, Macau: Governo da Província de Macau, Centro de Informação e Turismo, 1964.

Couceiro, Gonçalo. *A igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

Dias, Isabel Nunes. *Turismo cultural e religioso no distrito de Coimbra: mosteiros e conventos: viagem entre o sagrado e profano*. Coimbra:2010.

Dias, Pedro. *História da Arte Portuguesa no Mundo*. Vol. I Lisboa: Círculo de Leitores, 2008.

Ferreira, Octávio Amado. *Ao Serviço da Didáctica da História*. Coimbra: Minerva, 2010.

Ferro, João Pedro. “O Ensino” in *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, Vol. I Tomo I, Lisboa: Fundação Oriente, 1998.

Inácio de Loyola. *Constituições Da Companhia De Jesus*. Lisboa: s.n., 1975.

Inácio de Loyola. *Exercícios Espirituais*. 2ª ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1983.

Lopes, António. “História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus”. *A companhia de Jesus e a Missionaçãõ no Oriente*, Lisboa: Brotéria, 2000.

Lopes, José Manuel Martins. *O Projecto Educativo Da Companhia De Jesus: Dos Exercícios Espirituais Aos Nossos Dias*. Estudos Sociais. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2002.

Lopes, José Manuel Martins. *Projecto educativo dos colégios da Companhia de Jesus: fundamento e finalidade*. Braga: A.O, 1997.

Medeiros, Carlos Alberto (dir.). *Geografia de Portugal*. Vol. I. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2005.

Miranda, Margarida. “A Ratio Studiorum e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa moderna”. *Humanitas*. Vol. 63, Coimbra: F.L.U.C., I.E.C, 2011.

Miranda, Margarida. “Jesuítas, Mestres Da Europa: Mobilidade e Cosmopolitismo de Um Sistema Escolar”, *Latineuropa: latim e cultura neolatina no processo de*

construção da identidade europeia, coord. Nair Castro Soares, Margarida Miranda, Carlota M. Urbano, Coimbra, 2008.

Miranda, Margarida. “Teatralidade e Linguagem Cénica no Teatro Jesuítico em Portugal (XVI)”. *Humanitas*. Vol. 58, Coimbra: F.L.U.C., I.E.C., 2006.

Morgado, João Carvalho. *Estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: 2012.

Nadais, Catarina Duarte Fontoura. *O turismo e os territórios da espiritualidade: os caminhos de Santiago em Portugal*. Coimbra: [s.n.], 2010, p.8.

O’Malley, Jonh W. *Los primeros Jesuitas*. Bilbao: Ediciones Mensagero e Santander: Sal Terrae, 1995, p.47-49.

Proença, Maria Cândida. *Ensinar, Aprender História: Questões De Didáctica Aplicada*. Biblioteca Do Educador 120. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

Qichen, Hung. “O Colégio de S. Paulo, a Primeira Universidade de Macau”. *Simpósio Internacional Comemorativo Do 4º Centenário do Colégio Universitário De S. Paulo (1594-1994)*, Macau: I.C.M., 1994.

Ribeiro, António Carrilho. *Planificação e Avaliação Do Ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

Ribeiro, António Carrilho. *Planificação e Avaliação Do Ensino-aprendizagem*. Textos De Base 10. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

Ribeiro, Orlando e Lautensach, Hermann. *Geografia de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.

Rosendahl, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

Rosendahl, Zeny. *Território e territorialidade: uma perspéctica geográfica para o estudo da religião*. São Paulo:2005, in <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>

Santos, Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças. *Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima*. Coimbra: 2004.

Teixeira, C. e **Medeiros**, A. Cândido de. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000, Notícia explicativa da Folha 5-D, Braga*. Lisboa: 1973.

Teixeira, Carlos e **Zbyskowski**, Georges. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000, Notícia explicativa da Folha 16-A, Aveiro*. Lisboa: 1976.

Valignano, Alessandro. *Historia del Principio y Progreso de la Compañia de Jesus en la Indias Orientales*. Città di Castello: s.n., 1944.

Zbyskewski, Georges e **Almeida**, F. Moitinho de. *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa na escala de 1/ 50000, Noticia explicativa da Folha 1, Sintra*. Lisboa: 1961.

Zbyskewski, Georges e **Ferreira**, O. da Veiga. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/ 50000, Noticia explicativa da Folha 38-B, Setúbal*. Lisboa: 1965.

WEBGRAFIA

<http://casadatorre.org/index.html>

http://www.apambiente.pt/zdata/planos/PGRH4/RB%5CParte%202%5C1.Caracterizac%20ao_Geral%5C1.3_Geologica%5Crh4_p2_s1_3_rt_final.pdf

<http://www.casadesantoinacio.org/index.html>

[http://www.cm-](http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c5/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os_gAN0evQE8zH09TEzPnMBMTb3cTAwgAykdidiygd7GsDk8ev288jPTdUvyI0oBwBTGyLY/dl3/d3/L3dDb0EvUU5RTGtBISEvWUZSdndBISEvNI9QRkFKUUK2TEk1NDZDVjQ0S0c0MDAwMDAwMA!!/)

[braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c5/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os_gAN0evQE8zH09TEzPnMBMTb3cTAwgAykdidiygd7GsDk8ev288jPTdUvyI0oBwBTGyLY/dl3/d3/L3dDb0EvUU5RTGtBISEvWUZSdndBISEvNI9QRkFKUUK2TEk1NDZDVjQ0S0c0MDAwMDAwMA!!/](http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c5/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os_gAN0evQE8zH09TEzPnMBMTb3cTAwgAykdidiygd7GsDk8ev288jPTdUvyI0oBwBTGyLY/dl3/d3/L3dDb0EvUU5RTGtBISEvWUZSdndBISEvNI9QRkFKUUK2TEk1NDZDVjQ0S0c0MDAwMDAwMA!!/)

http://www.cm-ilhavo.pt/uploads/writer_file/document/1860/II_04_2_BIOFISICO.pdf

<http://www.cp.pt/cp/displayPage.do?vnextoid=a4f6f9e12a584010VgnVCM1000007b01a8c0RCRD>

http://www.eselx.ipl.pt/cied/publicacoes/out/encontros/XXIX_geociencias/GEODIVERSIDADE%20NO%20PARQUE%20NATURAL%20SINTRA-CASCAIS.pdf

<http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/80>

<http://www.jesuitas.pt/Abril-2014-567.aspx>

<http://www.siam.fc.ul.pt/siam-sintra/pdf/SIAMSintra-03CenariosClimaticos.pdf>

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>

<http://jesuitasportugueses.wix.com/jubileu-2014#!da-supresso--restaurao/c1obe>

<http://jesuitasportugueses.wix.com/jubileu-2014#!a-companhia-restaurada-1814183/c185t>

<http://jesuitasportugueses.wix.com/jubileu-2014#!companhia-de-jesus-em-portugal/c1yq7>



<http://www.jesuitas.pt/Do-ex%C3%ADlio-%C3%A0-actualidade-220.aspx>

<http://www.jesuitas.pt/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-18.aspx>

<http://www.macauheritage.net/pt/HeritageInfo/HeritageContent.aspx?t=M&hid=51>

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202007.pdf>

Anexos

	Anexo: 1		Aula n.º	
	Professor: Bruno Lobo Ano: 9º Turma: Y		Data: 14/01/2014 Tempos letivos: 90 minuto	
		Conceitos: Turismo, Tipos de Turismo; Atração Turística, Turismo Sustentável		Sumário: A atividade turística: fatores de afluência, principais destinos no mundo e tipos de turismo. O caso Português. Impactos da atividade turística.
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>1. <i>Compreender a crescente importância da atividade turística à escala mundial</i></p> <p>3. Explicar o aumento da atividade turística.</p> <p>4. Relacionar os diferentes fatores físicos e humanos com a prática de diferentes formas de turismo.</p> <p>5. Caracterizar as principais formas de turismo: balnear/ de montanha/ cultural/ religioso/termal/negócios/em espaço rural/de aventura/radical/ turismo de natureza (...).</p> <p>6. Explicar os principais destinos turísticos mundiais e as áreas de proveniência dos turistas.</p> <p>7. Discutir os principais impactos do turismo.</p> <p>8. Refletir sobre a importância do desenvolvimento sustentável do turismo.</p> <p>2. <i>Compreender a crescente importância do turismo em Portugal</i></p> <p>1. Descrever a evolução da entrada de</p>	<p>A evolução da atividade turística.</p> <p>Principais destinos turísticos do mundo.</p> <p>Impactos da atividade turística.</p>	<p>Oração.</p> <p>Escrita do sumário no caderno diário.</p> <p>Recuperação de conteúdos da aula anterior.</p> <p>A exposição oral e apresentação em ppt permitirão aos alunos:</p> <p>Identificar os fatores, físicos e humanos, que permitem a evolução da atividade turística;</p> <p>Interpretar mapas de distribuição dos principais destinos e tipos de turismo;</p> <p>Reconhecer os principais tipos de turismo (ponte com pág.72 do manual);</p> <p>Caracterizar os tipos de turismo mais</p>	<p>Manual</p> <p>Power Point</p> <p>Quadro negro (sempre que se justifique)</p> <p>Diálogo vertical</p>	<p>Formativa oral</p>



<p>turistas em Portugal, assim como a sua proveniência, através da interpretação de dados estatísticos.</p> <p>2. Relacionar o destino preferencial dos turistas com a oferta turística em Portugal.</p> <p>3. Explicar o potencial turístico de Portugal relacionando-o com o de outros destinos turísticos.</p>		<p>frequentes em Portugal;</p> <p>Consciencializar os alunos para a diversidade do turismo religioso em Portugal através do visionamento de um vídeo (youtube) acerca do mesmo – estudo de caso;</p> <p>Interpretar gráficos de evolução do turismo na União Europeia e Portugal (ponte com gráfico da pág. 69 manual);</p> <p>Visionamento de um vídeo sobre o turismo em Portugal (youtube) questionando os alunos sobre os seus fatores diferenciadores;</p> <p>Reconhecer os principais recursos e fatores distintivos por região e polo de desenvolvimento turístico;</p> <p>Consciencializar para os impactos da atividade turística;</p> <p>Reconhecer o turismo sustentável como alternativa;</p> <p>Elaborar um esquema síntese sobre o setor terciário;</p> <p>TPC: Exercícios da pág. 73 do manual.</p>		
---	--	--	--	--

Bibliografia:


Ribeiro, Isabel José, Costa, Madalena, Carrapa, Maria Eduarda. *Faces da terra 8 : geografia : 8º ano*. Porto: Areal Editores, 2007.

Amado, Elisa, Baptista, José António, Baptista, Julieta Casimiro. *GeoDiversidade: Geografia 8º ano*. Lisboa: Didáctica Editora, 2011

Plano Estratégico Nacional do Turismo, 2013

<http://www.youtube.com/watch?v=EgPU-uvfkP8>

<http://www.youtube.com/watch?v=yk6JIR2vz8Q&feature=youtu.be>


	Anexo 2	Aula n.º 43 e 44		
	Professor: Bruno Lobo Ano: 8º	Turma: Z	Data: 26/02/2014 Tempos letivos: 90 minutos	
	Conceitos: monarquia dual, União Ibérica, domínio filipino	Sumário: A união ibérica: A batalha de Alcácer Quibir, a morte de D. Sebastião e o domínio filipino. A restauração da independência.		
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>5. Conhecer o processo de união dos impérios peninsulares e a Restauração da Independência portuguesas em 1640</p> <p>1. Indicar os motivos da crise do Império português a partir da segunda metade do século XVI.</p> <p>2. Descrever os fatores que estiveram na origem da perda de independência portuguesa em 1580 e da concretização de uma monarquia dual.</p> <p>3. Relacionar a ascensão económica e colonial da Europa do Norte com a crise do Império espanhol e as suas repercussões em Portugal.</p> <p>4. Relacionar o incumprimento das promessas feitas por Filipe I, nas cortes de Tomar, pelos seus sucessores com o crescente descontentamento dos vários grupos sociais portugueses.</p> <p>5. Descrever os principais acontecimentos da Restauração da independência de Portugal no 1.º de Dezembro de 1640.</p>	<p>A União Ibérica:</p> <ul style="list-style-type: none"> Os antecedentes A morte de D. Sebastião e a sucessão ao trono <p>A restauração da Independência</p>	<p>Escrita do sumário no caderno diário.</p> <p>Recuperação de conteúdos das aulas anteriores.</p> <p>O professor fará a exposição oral dos conteúdos ao mesmo tempo que os alunos acompanharão a sua explicação através do PPT projetado e das páginas 82-83 e 90-91 do manual.</p> <p>Os alunos escutarão com a devida atenção a música “A Lenda d’el rei d. Sebastião”, da autoria de José Cid, completando posteriormente os espaços em falta da letra da mesma para melhor compreenderem o processo da Batalha de Alcácer Quibir e a lenda em torno do</p>	<p>Manual</p> <p>PPT</p> <p>Quadro negro (sempre que se justifique)</p> <p>Diálogo vertical</p>	<p>Formativa oral</p>



		<p>monarca, bem como todo o processo sucessório do trono português.</p> <p>Seguidamente definirão em conjunto com o professor o conceito de monarquia dual, registando no caderno diário a respetiva definição.</p> <p>Os alunos juntamente com o professor analisarão o perfil dos candidatos ao trono português e a ação dos vários governos filipinos.</p> <p>O professor fará a ponte dos respetivos conteúdos com os lecionados na aula anterior, na qual se frisou a decadência do império espanhol e a ocupação dos territórios ultramarinos no Brasil, Oriente e África. Recorrendo aos mapas das páginas 47 e 78 do manual para ilustrar a dimensão do império espanhol combinado com o português, bem como os territórios ocupados por holandeses e ingleses.</p> <p>A aula terminará abordando-se a restauração da independência de Portugal por D. João IV, efetuando-se simultaneamente uma pequena síntese sobre os conteúdos abordados com recurso a uma banda desenhada sobre o tema que será projetada.</p>		
--	--	--	--	--

Bibliografia:

Oliveira, Ana Rodrigues. *Novo história 8 : 8º ano*. Lisboa: Texto Editores, 2010.

	Anexo 3	Aula n.º Data:
---	----------------	-------------------

	Professor: Bruno Lobo Ano: 8º Turma: Z			
	Conceitos: missionação, Concílio de Trento, contra-reforma	Sumário: A Companhia de Jesus. Uma resposta do Concílio de Trento a um mundo em mudança.		
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>4. <i>Conhecer e compreender a forma como Portugal foi marcado por estes processos de transformação cultural e religiosa</i></p> <p>3. Sublinhar a importância da ação da Companhia de Jesus no ensino, na produção cultural e missionação em Portugal e nos territórios do império.</p>	<p>Expansão e mudança nos séculos XV e XVI</p> <p>Renascimento, Reforma e Contra-reforma.</p>	<p>Escrita do sumário no caderno diário.</p> <p>Recuperação de conteúdos das aulas anteriores.</p> <p>O professor fará a exposição oral dos conteúdos ao mesmo tempo que os alunos acompanharão a sua explicação através do ppt projetado do manual.</p> <p>Os alunos em conjunto com o professor dialogarão no sentido de: Entender a fundação da Companhia de Jesus como uma resposta do Concílio de Trento. Compreender a importância da Igreja no empreendimento colonizador. Compreender as Missões como agente de conversão à "civilização" católica. Caracterizar e analisar a cristianização jesuítica e o advento da proteção indígena. Identificar a vida dos jesuítas em Portugal e nos territórios ultramarinos Analisar a influência jesuítica na educação.</p> <p>Os alunos visualizarão um pequeno</p>	<p>Manual</p> <p>Quadro negro (sempre que se justifique)</p> <p>Diálogo vertical</p>	<p>Formativa oral</p>

		excerto do filme, A Missão, a fim de compreenderem melhor e consolidarem os seus conhecimentos sobre a missionação jesuítica.		
--	--	---	--	--

Bibliografia:

Oliveira, Ana Rodrigues, *Novo história 8 : 8º ano*, Lisboa: Texto Editores, 2010.

Crisanto, Natércia, Rodrigues, **Simões**, A., **Mendes**, J. Amado, *Novo história 8: 8º ano de escolaridade*. Porto: Porto Editora, 1996.

Anexo 4

Caracterização de uma turma do 8º Ano

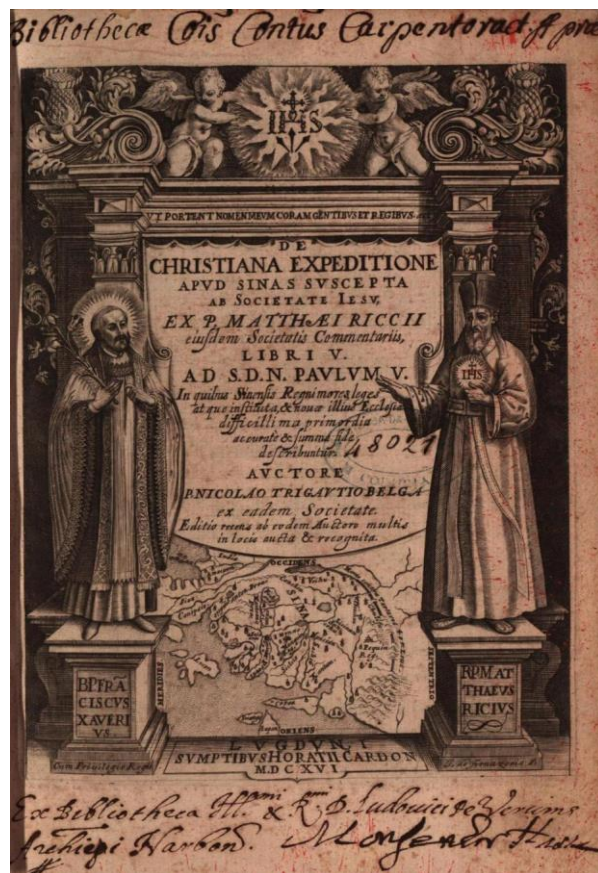
- 27 alunos: 15 rapazes e 12 raparigas
- 1 aluna frequenta o Colégio pela 1ª vez
- 2 alunas residentes
- 1 aluna com nacionalidade angolana
- 1 aluno de nacionalidade brasileira
- média de idades: 12/13 [+ 3 alunos com 14, 15 e 17 anos]
- nível de instrução dos agregados familiares bastante heterogéneo, dominando o grau de licenciatura
- profissões variadas (docência técnicos superiores, enfermeiros, bombeiro, empresários individuais, investigadores/pós-graduação, cabeleireiro, ...)
- 7 alunos obtiveram Quadro de Honra no 7º ano
- 17 alunos transitaram sem classificações negativas
- 5 alunos sujeitos a Plano de Intervenção
- 6 alunos com Plano de Acompanhamento Pedagógico
- 2 alunos frequentam o 8º ano pela 2ª vez
- 2 alunos integraram a turma, transitando do Ensino Integrado da Música para o Ensino Regular; um deles ficou retido no 8º ano
- 1 aluna vem de fora (e é residente)



Anexo 5



Interior da exposição “DO SUL AO SOL - A Universidade de Coimbra e a China”
Fonte: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=exhibitions&id=404>

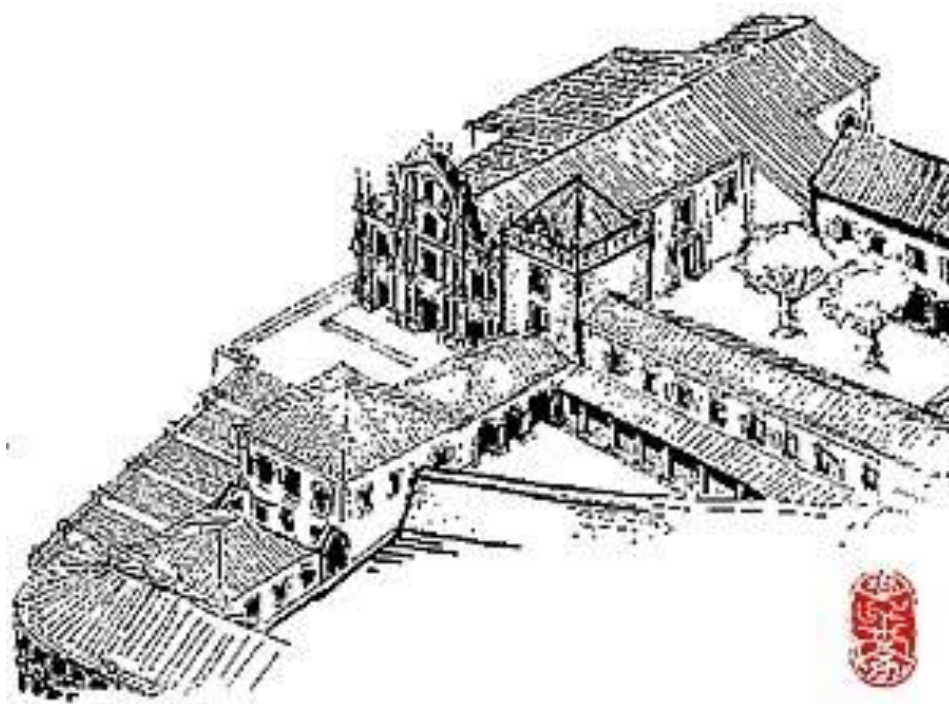


De christiana expeditione apud sinas suscepta ab Societate Iesu..., 1616
Fonte: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=exhibitions&id=404>

Anexo 6



Fachada da Igreja do Colégio S. Paulo – Macau
Fonte: <http://ja-la-estive.blogs.sapo.pt/16888.html>



Reconstrução do Colégio de S. Paulo – Macau
Fonte: <http://macauantigo.blogspot.pt/2010/07/colégio-de-s-paulo-e-ruínas-da-madre-de.html>

Anexo 7

PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO (Geografia)

1. Introdução

O presente documento enquadra-se no âmbito do estágio pedagógico inserido no Mestrado de Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário. O mesmo tende a analisar de forma coerente e criteriosa as diversas actividades e factores que influenciarão directamente ou indirectamente a formação pedagógica dos professores estagiários.

O estágio que iremos desenvolver no Colégio São Teotónio, em Coimbra, pretende desenvolver competências profissionais, até então aprofundadas apenas em âmbito académico e a nível profissional como professor não profissionalizado detentor, somente, de habilitação própria para a docência. Pretende-se, assim, reflectir sobre o nosso percurso individual ao longo do curso de formação, apresentando propostas pedagógicas como forma de desenvolver competências e práticas que permitam desempenhar com sucesso a nossa função de professores.

1.1 Definição de expectativas iniciais

Na sequência da aquisição, em semestres anteriores, de um conjunto de competências e conhecimentos sobre métodos e técnicas de intervenção em ambiente escolar, o nosso enquadramento no Colégio São Teotónio, permitirá, no sentido de promover a vivência e a experimentação de situações profissionais reais e em regimes de autonomia diferenciados, acolher conhecimentos face à natureza das situações ou dificuldades apresentadas.

As vivências e experimentações a desenvolver deverão possibilitar o confronto com o ambiente específico da comunidade escolar, onde, para além de um perfil geral de intervenção e da aplicação de métodos e técnicas específicas, deveremos contextualizar a nossa acção tendo por referência o ambiente cultural, económico, social, político e tecnológico da mesma.

A nossa acção tende a desenvolver a autonomia e a consciência social, potenciando todas as competências adquiridas até então. Igualmente temos como intenção aumentar o nível de responsabilização pelos conteúdos produzidos, consciencializando para a necessidade de condutas correctas na utilização dos

recursos, do mesmo modo que promovemos o desenvolvimento da capacidade de interacção social e de construção do conhecimento partilhado.

O estágio tem como objectivo geral o aprofundamento dos conhecimentos previamente adquiridos, preparando e desenvolvendo a nossa capacidade para o aperfeiçoamento de competências e tarefas próprias da sua especialidade, com vista à sua habilitação para o exercício da actividade profissional através de:

- a) Enriquecer a componente profissional da formação;
- b) Proporcionar experiência da prática profissional em contexto organizacional;
- c) Promover a articulação entre os conhecimentos e a realidade;
- d) Aplicar os conhecimentos de formação, em situação real de intervenção no ensino da geografia;
- e) Desenvolver a necessidade de uma constante actualização nos domínios da investigação e do conhecimento científico, técnico e pedagógico;
- f) Possibilitar, em contexto de aprendizagem, a reflexão crítica sobre a realidade e o desenvolvimento de um projecto de intervenção em contexto real de trabalho;
- g) Desenvolver a necessidade de uma constante actualização e domínio da utilização das novas tecnologias;
- h) Facilitar a inserção no mercado de trabalho.

1.2 Dimensão Profissional e Ética

Almejando um futuro na carreira docente pretendemos adquirir experiências de aprendizagem no que se refere à selecção da informação, das fontes, de como evitar a dispersão, discernindo, simultaneamente, entre qualidade e quantidade de informação a trabalhar no contexto de sala de aula.

A integração do nosso núcleo de estágio numa escola de matriz religiosa, em particular católica, revela-se francamente enriquecedora. Não apenas ao nível dos discentes, contudo, também, no nosso enriquecimento pessoal e das boas práticas profissionais.

Face as dimensões que a docência alberga, enquanto estagiários e futuros professores, temos a função específica de ensinar, recorrendo à investigação e reflexão sobre a prática educativa, enquadrando a nossa acção numa política educativa para cuja definição contribuiremos activamente.

Assim, exerceremos a nossa actividade no colégio, de modo a garantir a todos um conjunto de aprendizagens diversas consideradas essenciais para o desenvolvimento

integral de toda a comunidade, fomentando a autonomia dos alunos em ordem à sua inclusão na sociedade, bem promovendo a qualidade dos contextos educativos com vista ao bem-estar dos mesmos e ao desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural.

Como docentes procederemos, ainda, à identificação e respeito pelas diferenças dos alunos, combatendo a exclusão e a discriminação, manifestando, nos mais diversos momentos, capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional.

1.3 Participação na Escola

No que concerne a este ponto o nosso objectivo centra-se na participação em actividades lectivas, visitas de estudo que se encontrem elencadas no calendário escolar, como a leccionação de no mínimo 20 blocos de 45 minutos no 8º, 9º e 10º ano de escolaridade, ou outras cuja realização, pela nossa parte e a aceitação por parte da comunidade educativa, sejam viáveis. Desejamos, ainda, participar, em pelo menos, uma reunião de grupo, intercalar e final de período, de modo a conhecer e reflectir sobre o nosso trabalho e aprendizagens, bem como da restante comunidade escolar.

A nossa acção visará ainda a elaboração de uma prova de avaliação escrita e a respectiva correcção e avaliação, bem como a planificação de actividades a desenvolver na aula de preparação para a mesma.

Igualmente, temos a intenção de desenvolver outras actividades de âmbito extracurricular e extralectivo, envolvendo os alunos e a restante comunidade escolar, tais como a elaboração de um jornal de parede com a turma do 9ºano entre outras que se venham a apresentar como exequíveis e pertinentes.

Consideramos relevante a nossa colaboração em actividades e dias emblemáticos da comunidade educativa, como o dia da abertura solene das aulas e o dia de S. Teotónio.

A nossa participação em trabalhos de carácter colaborativo que para além de contribuir para o desenvolvimento das nossas competências, possui um carácter cooperante que incentiva ao trabalho de grupo e à construção a partir da estruturação do outro, motivando para o estudo e para as actividades colaborativas, podendo ser uma ferramenta de carácter francamente interdisciplinar.

Assim, perspectivaremos a escola e a comunidade como espaços de educação inclusiva e de intervenção social, no quadro de uma formação integral para a

cidadania democrática, participando no desenvolvimento do projecto educativo da escola e dos respectivos projectos curriculares.

Visamos, também integrar no projecto curricular das turmas em que iremos leccionar saberes e práticas sociais da comunidade, conferindo-lhes relevância educativa. A colaboração, sempre que nos for possível, com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, bem como com outras instituições da comunidade, pretende ser uma das nossas posturas face ao estágio.

Valorizar a escola enquanto pólo de desenvolvimento social e cultural, cooperando com comunidade educativa na elaboração e realização de projectos de intervenção integrados na nesta e no seu contexto, será outro ponto a focar durante a nossa profissionalização.

1.4 Desenvolvimento e Formação Profissional

A nossa preparação académica, enquanto futuros professores, tende a possuir algumas carências que esperamos ver esclarecidas, embora tenhamos a noção de que não serão totalmente, uma vez que cada ambiente escolar e de turma possuem diferentes características e personalidades.

Incorporando a nossa formação como elemento constitutivo da prática profissional, desejamos ampliá-la a partir das nossas necessidades, mediante a análise problematizada da prática pedagógica, reflectindo sobre a mesma e apoiando-nos na experiência adquirir, na investigação e nos demais recursos importantes para a avaliação do nosso desempenho. Todavia, não podemos olvidar os aspectos éticos e deontológicos inerentes à profissão que serão aprofundados com o auxílio da nossa orientadora, avaliando os efeitos das decisões tomadas.

O trabalho em equipa, apesar de todas as dificuldades que possa acarretar, será considerado como factor de enriquecimento da nossa formação, privilegiando-se preferencialmente, a partilha de saberes e experiências.

Aspiramos, assim, alargar competências no que visam a um ensino diferenciado através do acompanhamento das aulas e aconselhamentos, sempre que necessário, da nossa orientadora. Apesar de já possuímos conhecimento da actividade docente, enquanto professor com habilitação própria, no passado, na área do ensino da história, a permuta e discussão de teorias, conhecimentos e técnicas no seio do

núcleo de estágio e, em particular, com a nossa orientadora verificar-se-ão de extrema utilidade no nosso processo formativo.

A participação em acções de formação científica e pedagógica, sempre que seja possível, bem como a organização de seminários sobre a educação, ensino e aprendizagem ou a disciplina que leccionamos poderão ser algumas das formas de suprir carências que possuamos *a priori*, ou que se venham a manifestar ao longo do estágio.

O desenvolvimento da nossa formação profissional visa o aperfeiçoamento de competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspectiva de formação ao longo da vida.

1.5 Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem

Este ponto assenta na preparação contínua das actividades lectivas, as quais são alvo de detalhada e antecipada planificação, tendendo sempre que possível às actualizações didáctico/pedagógicas, mais concretamente no que respeita às metas curriculares aprovadas para a disciplina.

A observação de 75% aulas asseguradas pela nossa orientadora permitirá ter uma vasta consciência dos diferentes tipos de turma e alunos que integram o colégio. Neste sentido, o nosso conhecimento acerca das capacidades e dificuldades dos alunos, bem como o ambiente que os envolve permitirá analisar e preparar, antecipadamente, actividades diferenciadas de acordo com a sua faixa etária, nível cultural e conteúdos a leccionar.

A promoção de aprendizagens significativas no âmbito dos objectivos do projecto curricular de turma, o desenvolvimento das competências essenciais que o integram, associando os saberes específicos da nossa área e os saberes transversais e multidisciplinares são algumas das nossas intenções no que respeita a este ponto.

É nosso objectivo, ainda, organizar o ensino de acordo com os paradigmas científico-pedagógicos mais adequados, recorrendo à actividade experimental sempre que esta se revele pertinente, utilizando correctamente a língua portuguesa, nas suas vertentes escrita e oral, linguagens diversificadas e suportes variados, nomeadamente as TIC, promovendo a aquisição de competências básicas neste último domínio

Igualmente iremos promover a aprendizagem dos processos de trabalho intelectual, bem como o envolvimento activo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo, a partir do desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas, mobilizando saberes e experiências dos alunos, e assegurando a

realização de actividades de apoio aos alunos com necessidades educativas especiais.

Um ponto a destacar na nossa acção será o incentivo à utilização de regras de convivência democrática e gere, com segurança e flexibilidade, situações problemáticas e conflitos interpessoais.

Por último iremos utilizar a avaliação como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação.

2. Auto-análise do nível de competências de partida

Um núcleo de estágio num estabelecimento de ensino privado, de matriz cristã, apresenta-se-nos, à partida, como um ponto forte a elencar, uma vez os procedimentos e valores comuns dentro e fora da sala de aula serão mais criteriosos.

A vivência de escolar em ambiente católico permitirá, também, um maior desenvolvimento e vivência do humanismo por parte dos elementos que compõem a comunidade.

A pluralidade socio-económica e cultural dos alunos, ainda que em pequena escala, demonstram ser uma oportunidade e possibilidade de melhoria da nossa formação.

Entendemos, assim, que o presente núcleo de estágio será um desafio extremamente enriquecedor.

O Estagiário

A Orientadora

PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO (História)

1. Introdução

O presente documento enquadra-se no âmbito do estágio pedagógico inserido no Mestrado de Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário. O mesmo tende a analisar de forma coerente e criteriosa as diversas actividades e factores que influenciarão directamente ou indirectamente a formação pedagógica dos professores estagiários.

O estágio que iremos desenvolver no Colégio São Teotónio, em Coimbra, pretende desenvolver competências profissionais, até então aprofundadas apenas em âmbito académico e a nível profissional como professor não profissionalizado detentor, somente, de habilitação própria para a docência. Pretende-se, assim, reflectir sobre o nosso percurso individual ao longo do curso de formação, apresentando propostas pedagógicas como forma de desenvolver competências e práticas que permitam desempenhar com sucesso a nossa função de professores.

1.4 Definição de expectativas iniciais

Na sequência da aquisição, em semestres anteriores, de um conjunto de competências e conhecimentos sobre métodos e técnicas de intervenção em ambiente escolar, o nosso enquadramento no Colégio São Teotónio, permitirá, no sentido de promover a vivência e a experimentação de situações profissionais reais e em regimes de autonomia diferenciados, acolher conhecimentos face à natureza das situações ou dificuldades apresentadas.

As vivências e experimentações a desenvolver deverão possibilitar o confronto com o ambiente específico da comunidade escolar, onde, para além de um perfil geral de intervenção e da aplicação de métodos e técnicas específicas, deveremos contextualizar a nossa acção tendo por referência o ambiente cultural, económico, social, político e tecnológico da mesma.

A nossa acção tende a desenvolver a autonomia e a consciência social, potenciando todas as competências adquiridas até então. Igualmente temos como intenção aumentar o nível de responsabilização pelos conteúdos produzidos, consciencializando para a necessidade de condutas correctas na utilização dos

recursos, do mesmo modo que promovemos o desenvolvimento da capacidade de interacção social e de construção do conhecimento partilhado.

O estágio tem como objectivo geral o aprofundamento dos conhecimentos previamente adquiridos, preparando e desenvolvendo a nossa capacidade para o aperfeiçoamento de competências e tarefas próprias da sua especialidade, com vista à sua habilitação para o exercício da actividade profissional através de:

- a) Enriquecer a componente profissional da formação;
- b) Proporcionar experiência da prática profissional em contexto organizacional;
- c) Promover a articulação entre os conhecimentos e a realidade;
- d) Aplicar os conhecimentos de formação, em situação real de intervenção no ensino da história;
- e) Desenvolver a necessidade de uma constante actualização nos domínios da investigação e do conhecimento científico, técnico e pedagógico;
- f) Possibilitar, em contexto de aprendizagem, a reflexão crítica sobre a realidade e o desenvolvimento de um projecto de intervenção em contexto real de trabalho;
- g) Desenvolver a necessidade de uma constante actualização e domínio da utilização das novas tecnologias;
- h) Facilitar a inserção no mercado de trabalho.

1.5 Dimensão Profissional e Ética

Almejando um futuro na carreira docente pretendemos adquirir experiências de aprendizagem no que se refere à selecção da informação, das fontes, de como evitar a dispersão, discernindo, simultaneamente, entre qualidade e quantidade de informação a trabalhar no contexto de sala de aula.

A integração do nosso núcleo de estágio numa escola de matriz religiosa, em particular católica, revela-se francamente enriquecedora. Não apenas ao nível dos discentes, contudo, também, no nosso enriquecimento pessoal e das boas práticas profissionais.

Face as dimensões que a docência alberga, enquanto estagiários e futuros professores, temos a função específica de ensinar, recorrendo à investigação e reflexão sobre a prática educativa, enquadrando a nossa acção numa política educativa para cuja definição contribuiremos activamente.

Assim, exerceremos a nossa actividade no colégio, de modo a garantir a todos um conjunto de aprendizagens diversas consideradas essenciais para o desenvolvimento

integral de toda a comunidade, fomentando a autonomia dos alunos em ordem à sua inclusão na sociedade, bem promovendo a qualidade dos contextos educativos com vista ao bem-estar dos mesmos e ao desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural.

Como docentes procederemos, ainda, à identificação e respeito pelas diferenças dos alunos, combatendo a exclusão e a discriminação, manifestando, nos mais diversos momentos, capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional.

1.6 Participação na Escola

No que concerne a este ponto o nosso objectivo centra-se na participação em actividades lectivas, visitas de estudo que se encontrem elencadas no calendário escolar, como a leccionação de no mínimo 20 blocos de 45 minutos no 7º, 8º e 12º ano de escolaridade, ou outras cuja realização, pela nossa parte e a aceitação por parte da comunidade educativa, sejam viáveis. Desejamos, ainda, participar, em pelo menos, uma reunião de grupo, intercalar e final de período, de modo a conhecer e reflectir sobre o nosso trabalho e aprendizagens, bem como da restante comunidade escolar.

A nossa acção visará ainda a elaboração de uma prova de avaliação escrita e a respectiva correcção e avaliação, bem como a planificação de actividades a desenvolver na aula de preparação para a mesma.

Igualmente, temos a intenção de desenvolver outras actividades de âmbito extracurricular e extralectivo, envolvendo os alunos e a restante comunidade escolar, tais como uma visita de estudo a Conimbriga com a turma do 7ºano entre outras que se venham a apresentar como exequíveis e pertinentes.

Consideramos relevante a nossa colaboração em actividades e dias emblemáticos da comunidade educativa, como o dia da abertura solene das aulas e o dia de S. Teotónio.

A nossa participação em trabalhos de carácter colaborativo que para além de contribuir para o desenvolvimento das nossas competências, possui um carácter cooperante que incentiva ao trabalho de grupo e à construção a partir da estruturação do outro, motivando para o estudo e para as actividades colaborativas, podendo ser uma ferramenta de carácter francamente interdisciplinar.

Assim, perspectivaremos a escola e a comunidade como espaços de educação inclusiva e de intervenção social, no quadro de uma formação integral para a

cidadania democrática, participando no desenvolvimento do projecto educativo da escola e dos respectivos projectos curriculares.

Visamos, também integrar no projecto curricular das turmas em que iremos leccionar saberes e práticas sociais da comunidade, conferindo-lhes relevância educativa. A colaboração, sempre que nos for possível, com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, bem como com outras instituições da comunidade, pretende ser uma das nossas posturas face ao estágio.

Valorizar a escola enquanto polo de desenvolvimento social e cultural, cooperando com comunidade educativa na elaboração e realização de projectos de intervenção integrados na escola e no seu contexto, será outro ponto a focar durante a nossa profissionalização.

1.4 Desenvolvimento e Formação Profissional

A nossa preparação académica, enquanto futuros professores, tende a possuir algumas carências que esperamos ver esclarecidas, embora tenhamos a noção de que não serão totalmente, uma vez que cada ambiente escolar e de turma possuem diferentes características e personalidades.

Incorporando a nossa formação como elemento constitutivo da prática profissional, desejamos ampliá-la a partir das nossas necessidades, mediante a análise problematizada da prática pedagógica, reflectindo sobre a mesma e apoiando-nos na experiência adquirida, na investigação e nos demais recursos importantes para a avaliação do nosso desempenho. Todavia, não podemos olvidar os aspectos éticos e deontológicos inerentes à profissão que serão aprofundados com o auxílio da nossa orientadora, avaliando os efeitos das decisões tomadas.

O trabalho em equipa, apesar de todas as dificuldades que possa acarretar, será considerado como factor de enriquecimento da nossa formação, privilegiando-se preferencialmente, a partilha de saberes e experiências.

Aspiramos, assim, alargar competências no que visam a um ensino diferenciado através do acompanhamento das aulas e aconselhamentos, sempre que necessário, da nossa orientadora. Apesar de já possuímos conhecimento da actividade docente, enquanto professor com habilitação própria, no passado, na área do ensino da história, a permuta e discussão de teorias, conhecimentos e técnicas no seio do

núcleo de estágio e, em particular, com a nossa orientadora verificar-se-ão de extrema utilidade no nosso processo formativo.

A participação em acções de formação científica e pedagógica, sempre que seja possível, bem como a organização de seminários sobre a educação, ensino e aprendizagem ou a disciplina que leccionamos poderão ser algumas das formas de suprir carências que possuamos *a priori*, ou que se venham a manifestar ao longo do estágio.

O desenvolvimento da nossa formação profissional visa o aperfeiçoamento de competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspectiva de formação ao longo da vida.

1.5 Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem

Este ponto assenta na preparação contínua das actividades lectivas, as quais são alvo de detalhada e antecipada planificação, tendendo sempre que possível às actualizações didáctico/pedagógicas, mais concretamente no que respeita às metas curriculares aprovadas para a disciplina.

A observação de 75% aulas asseguradas pela nossa orientadora permitirá ter uma vasta consciência dos diferentes tipos de turma e alunos que integram o colégio. Neste sentido, o nosso conhecimento acerca das capacidades e dificuldades dos alunos, bem como o ambiente que os envolve permitirá analisar e preparar, antecipadamente, actividades diferenciadas de acordo com a sua faixa etária, nível cultural e conteúdos a leccionar.

A promoção de aprendizagens significativas no âmbito dos objectivos do projecto curricular de turma, o desenvolvimento das competências essenciais que o integram, associando os saberes específicos da nossa área e os saberes transversais e multidisciplinares são algumas das nossas intenções no que respeita a este ponto.

É nosso objectivo, ainda, organizar o ensino de acordo com os paradigmas científico-pedagógicos mais adequados, recorrendo à actividade experimental sempre que esta se revele pertinente, utilizando correctamente a língua portuguesa, nas suas vertentes escrita e oral, linguagens diversificadas e suportes variados, nomeadamente as TIC, promovendo a aquisição de competências básicas neste último domínio

Igualmente iremos promover a aprendizagem dos processos de trabalho intelectual, bem como o envolvimento activo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo, a partir do desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas, mobilizando saberes e experiências dos alunos, e assegurando a

realização de actividades de apoio aos alunos com necessidades educativas especiais.

Um ponto a destacar na nossa acção será o incentivo à utilização de regras de convivência democrática e gere, com segurança e flexibilidade, situações problemáticas e conflitos interpessoais.

Por último iremos utilizar a avaliação como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação.

2. Auto-análise do nível de competências de partida

Um núcleo de estágio num estabelecimento de ensino privado, de matriz cristã, apresenta-se-nos, à partida, como um ponto forte a elencar, uma vez os procedimentos e valores comuns dentro e fora da sala de aula serão mais criteriosos.

A vivência de escolar em ambiente católico permitirá, também, um maior desenvolvimento e vivência do humanismo por parte dos elementos que compõem a comunidade.

A pluralidade socio-económica e cultural dos alunos, ainda que em pequena escala, demonstram ser uma oportunidade e possibilidade de melhoria da nossa formação.

Entendemos, assim, que o presente núcleo de estágio será um desafio extremamente enriquecedor.

O Estagiário

A Orientadora
